

Introdução

A interpretação tradicional da ficção policial sugere que esta serve vários propósitos, sendo um dos principais a manutenção do equilíbrio social da comunidade dominante quando esse se encontra afectado por actos de violência. Este género é visto como contribuindo decisivamente para o restabelecimento dessa mesma sociedade devido a dois motivos fundamentais – apazigua as inquietudes dos cidadãos relativas ao crime e dá voz aos seus padrões culturais e valores axiológicos. Por outro lado, na maioria das representações literárias e cinematográficas norte-americanas os nativos-americanos tendem a ser apresentados como os “outros”, frequentemente dando corpo a vagas ameaças sistémicas, como símbolos de desordem. Mesmo em representações mais recentes onde existe uma clara tentativa de valorizar os aspectos positivos da vida nativa como a responsabilidade ecológica e o respeito pelos mais velhos, se encontram vestígios do já recorrente cliché dos primeiros westerns onde o nativo é alguém essencialmente diferente, uma figura ambígua usada como veículo de contraste em relação à comunidade branca.

As mutações constantes nas fronteiras identitárias da sociedade norte-americana, em que indivíduos de grupos minoritários emergem e se impõem com posições de relevo na sociedade hegemónica, por exemplo afro-americanos e nativos-americanos¹, sugerem uma nova disposição do cidadão comum em aceitar a multiculturalidade existente no país; ajudando à criação de um público aberto à integração do policial étnico num género literário que, como se discutirá noutro momento, muitos consideravam tão inevitavelmente formulaico que não poderia sustentar renovações de pontos de vista. Ray B. Browne justifica este facto com duas razões, segundo ele, muito poderosas:

¹ Por motivos operacionais, serão utilizados ao longo desta dissertação os termos nativo-americano e ameríndio para designar os elementos pertencentes às nações tribais do continente norte-americano.

1) All authors need to find and exploit new fields of human action and location in which to present material both different and exotic. [...] 2) A second reason for the rapid growth of ethnic crime fiction is political-cultural and may be to a certain extent a matter of expediency in our time of growing awareness of the need for society to accommodate all cultural attitudes and persuasions. (Browne, 2004: 5)

Esta abertura de perspectivas, quer de editoras quer de público baseou-se em larga medida na necessidade de abarcar as mais variadas tendências culturais e/ou orientações de vida onde se incluem a sexualidade e a religiosidade, expondo definitivamente a comunidade de leitores a experiências minoritárias, nomeadamente das nações nativas-americanas, em especial das que se inscrevem em fórmulas literárias de cariz popular.

A ficção policial étnica aqui abordada difere na estrutura, mas sobretudo no estilo quando comparada com os demais subgéneros identificáveis. Tendo em consideração o teor deste trabalho dar-se-á ênfase primordial às diferenças tidas em relação ao paradigma mais genuinamente americano, o *hard-boiled*. O seu objectivo é responder às questões de partida que em primeira análise motivaram a sua realização; a saber, quais as virtudes encontradas pelos autores abordados, num género como o policial, rotulado pelos críticos de conservador; quais as inovações operadas sobre as normas características deste género; e por último, como é que cada um dos autores estudados perspectiva a mundivivência das nações apresentadas nos seus livros.

O corpus literário seleccionado coincide com um espaço temporal específico (do principio da década de 70 até ao presente) em que os autores discutidos nesta dissertação – Tony Hillerman, Carole Lafavor e Louis Owens – mais se destacam.

A escolha dos nomes a abordar neste trabalho científico pode eventualmente ser considerada controversa. Porém, a decisão de optar por Tony Hillerman, Carole Lafavor e Louis Owens explica-se pelas singularidades de cada um deles. Desde logo o nome mais ambíguo – Hillerman. Apesar de se reconhecer o potencial para equívoco ao

decidir-se inclui-lo, dado este autor escrever do ponto de vista de um navajo quando na verdade não o é, suscitando automaticamente problemas do foro do essencialismo identitário, optou-se pela sua inclusão, não só pelo facto de ter sido ele o primeiro a utilizar a ficção policial para explorar a agenda nativa-americana, mas complementarmente por se considerar que Hillerman é o impulsor do policial nativo-americano ao abrir uma janela a todos aqueles que vieram depois de si. Relativamente a Lafavor, a sua escolha deveu-se ao facto da autora apresentar como protagonista um detective muito distinto que incorpora em si três traços identitários potencialmente concorrentes, é mulher, nativa e homossexual. Para além do ponto de vista nativo, a autora introduz dois aspectos complementares, o feminista e o lésbico, tendo-se achado interessante verificar como coexistem e se hierarquizam os três. O terceiro nome a ser incluído foi o de Owens pela sua condição enquanto *mixedblood*, pela particularidade de, ao contrário dos dois anteriores, se dedicar a vários géneros literários e não única e exclusivamente ao policial e especialmente por, mais do que Hillerman e Lafavor, introduzir verdadeiras inovações canónicas nos seus textos.

Tendo sempre presente no horizonte as perguntas de partida já mencionadas, o projecto de investigação desenvolveu-se em linhas paralelas que se organizaram em seis capítulos.

O capítulo inicial será dedicado a uma breve análise da mundivivência das tribos representadas pelos autores nas obras alvo de estudo – Navajo (Tony Hillerman), Ojibwa (Carole Lafavor), Choctaw e Cherokee (Louis Owens). Com este capítulo pretende-se estabelecer os contornos das paisagens sociais que servem de cenário a cada uma das obras estudadas, estabelecendo alguns parâmetros sem os quais a compreensão dos textos seria incompleta.

O segundo capítulo concentra-se na história e evolução do género policial. O intuito aqui será descortinar como surgiu a ficção policial, mais concretamente quais foram os factores histórico-sociais que suscitaram o seu aparecimento. De seguida debater-se-á como evoluiu esta fórmula popular até à actualidade e como se multiplicaram os principais subgéneros que o formato abrange.

No terceiro capítulo analisar-se-ão os aspectos formais e ideológicos subjacentes ao romance policial, mais concretamente, o seu marcado conservadorismo e carácter formulaico. Em seguida, abordar-se-á o papel do detective nativo-americano enquanto herói de fronteira, o seu estatuto forçosamente liminal e a relação tida por este com a sua comunidade. Por último, aferir-se-á o simbolismo social do espaço físico que serve de cenário aos conflitos em torno dos quais se constroem as narrativas aqui discutidas.

Considerando-se o cerne da investigação deste trabalho os três autores já referenciados e suas respectivas obras, será dedicado um capítulo a cada um deles. Nesta parte final ter-se-á por objectivo compreender como estes escritores se apropriam dum género eminentemente formulaico e o desmontam para permitir que vozes nativas-americanas falem por si, sobre si.

I – Desconstrução do Mito “Nativo”

Introdução

“[...] not every Indian in America is riding a spotted pony across the plains chasing buffalo.”
(Louis Owens, em entrevista a John Purdy, 1998:17)

Ao serem abordadas as obras de Tony Hillerman, Carole Lafavor e Louis Owens é de todo relevante estabelecer os contornos das paisagens sociais apresentadas em cada uma das obras estudadas, mais concretamente sobre a mundivivência histórica e cultural de cada uma das nações que está associada aos autores alvos de estudo – a nação Navajo, a nação Ojibwa e as nações Choctaw e Cherokee². Salienta-se a necessidade, por motivos estruturais, de dedicar um pouco menos de espaço às duas últimas tribos, quase como se fossem só uma, visto serem representadas igualmente por um só autor.

Para melhor se perceber em que mundos operam os escritores problematizar-se-ão aspectos da história e cultura destes povos de um ponto de vista eminentemente histórico-antropológico, estabelecendo algumas bases epistemológicas para o que se irá discutir nos capítulos posteriores. Ainda assim, destacar-se-ão também particularidades importantes que influem na literatura policial étnica, como são os valores e mitos destas nações, as suas hierarquias, as suas componentes administrativas, a sua governação e principalmente a sua relação com o governo norte-americano, pois são estes os pontos mais debatidos e aludidos no transcorrer dos romances destes autores.

Na parte final do capítulo atender-se-ão de novo os aspectos acima mencionados, mas agora enquadrados na era moderna das tribos estudadas.

² Todas as nações tratadas nesta dissertação e em particular neste capítulo estão definidas com base em aspectos linguísticos e históricos.

1.1- A Nação Navajo

1.1.1- Fixação no Território

A nação Navajo é uma das maiores tribos nativas-americanas a viver em solo norte-americano³. Crê-se que esta grande nação que tem no Athapascano a sua afiliação linguística e cultural tenha vindo para o continente americano desde o norte da Ásia, crença essa sustentada pelos etnólogos que lhes acrescentam ainda o como e o porquê. Para estes últimos, a migração dos antepassados dos navajos ter-se-á feito através do gelado estreito de Bering e deveu-se à divisão dos clãs da nação que terá dado origem aos Athapascanos e aos actuais Mongóis, pois alguns destes clãs, com o intuito de conquistarem mais território, terão feito a travessia conducente ao novo continente.

As primeiras décadas de existência dos antepassados navajo caracterizam-se por uma enorme erraticidade. Contudo, depois de travadas inúmeras batalhas e pilhadas outras tantas povoações estes instalaram-se nos actuais estados do Arizona e Novo México. Uma vez aí atribuíram a si mesmos o nome de *Dineh*⁴ e à sua terra o nome de *Dinehtah*. Os *Dineh* (navajos) rapidamente começaram a contactar com tribos vizinhas, aprendendo com estas novos saberes; nomeadamente o cultivo do milho e a tapeçaria.

A nação navajo foi durante muito tempo essencialmente agrícola e com alguma predisposição para a caça. Nos estados áridos do Arizona, Novo México e Utah, onde se fixaram e permanecem até aos dias de hoje, eram comuns as plantações de milho, feijão e melão ao longo dos riachos; bem como a caça de alces e veados. No entanto, com a chegada dos primeiros exploradores europeus, os espanhóis, a economia de subsistência

³ Os navajo contam actualmente com aproximadamente 225.000 membros no total, sendo que destes 180.000 têm residência efectiva na reserva, a qual se situa nos limites exteriores dos estados do Arizona, Novo México e Utah, e 45.000 residem fora dela; de acordo com o site oficial desta nação (www.navajo.org).

⁴ Dadas as diferenças linguísticas, não existe uma tradução precisa para esta palavra. Por aproximação a palavra pode ser traduzida como “O Povo”, mas outras traduções, como “Povo da Terra”, são também possíveis.

deste povo alterou-se significativamente; tornando-se os grandes rebanhos e manadas a fonte de sustento e rendimento primordial da tribo.

1.1.2- Valores e Mitos

A partir do momento em que a tribo se fixou territorialmente, a casa passa a deter um papel de extraordinária importância, pois é este o espaço onde tudo o que concerne à família é tratado (alimentação, vestuário e decisões importantes). Para além disso, a casa navajo (*hogan*) é vista como uma oferta dos deuses e como tal ocupa um lugar no mundo sagrado. Tudo no *hogan* tem um lugar próprio e tudo está disposto segundo regras muito claras baseadas em crenças e mitos religiosos, como é descrito por Dane Coolidge:

The interior is divided into two compartments. That on the left as you enter is reserved for the men and thither the visitors proceed. Any man who should enter on the right side would be considered excessively rude. The right compartment is occupied by the women, and there you find their culinary utensils, etc. On entering you seat yourself at the right of the head of the family, whom you find squatting on the floor, opposite to the entrance. (Coolidge, 1930: 5)

Passados séculos de influências exógenas, o *hogan* continua a desempenhar um papel fundamental na vida dos navajo, sofrendo naturalmente um processo de modernização a que as reservas não são alheias:

Traditionally the hogan lacked windows and was ventilated by the smoke hole in the roof and the east-facing doorway. Nowadays not only do most hogans have windows but they may also contain stoves, chimneys, beds and even a refrigerator and a television set. Too, white prototype houses of wood or stone and even mobile homes are common on the reservation now, but families that live in such dwellings also after construct a hogan nearby. (Locke, 1989: 13)

Dentro e fora do *hogan* a mulher é a pedra basilar da estrutura familiar. É através dela que se constituem as linhagens dos clãs; os homens pertencem aos clãs das suas

mães e quando se casam os seus filhos passam a pertencer ao clã da sua mulher, vivendo-se assim num sistema matriarcal. Uma das principais leis sociais dos navajo assenta na proibição de qualquer homem casar com uma mulher pertencente ao clã da sua mãe, mesmo tendo um grau de parentesco bastante distante. Todos os elementos do mesmo clã são considerados como família, conotando-se a mulher como símbolo de união e lealdade entre todos os seus membros.

O elevado estatuto moral e social tido pela mulher no seio da comunidade navajo tem por base a crença religiosa e particularmente a hierarquia atribuída aos deuses, pois de entre estes o que detém maior relevo é uma mulher – Changing Woman⁵. O seu simbolismo e importância estruturam a mundivivência mitológica desta nação:

Navajos do not have a single ruling deity, but rather many deities, or Holy People. [...] Principal among the Holy People are First Man and First Woman, Coyote, Changing Woman, and the Sun. Changing Woman is the most highly revered and the most dependable. [...] From her symbolic image comes the strength of the Navajo women. [...] She is the source of life, the giver of sustenance and destiny to all beings. [...] The symbol of the mother as the giver of life is most important. Out of the womb of Earth, Holy People emerged; from the womb of Changing Woman, ancestors of the Navajo came; from the womb of Navajo Woman, the entire Navajo race comes. (Hausman, 2001: 12-13-14)

As entidades divinas e as lendas que giram em torno destas são a base de todos os cerimoniais existentes na nação e o cerne da identidade e sociedade navajo. Para os elementos da tribo todas as lendas são sagradas, sendo-lhes atribuído igual grau de importância; contudo há uma que ocupa um lugar de destaque – a *Creation Story*. Assim acontece porque a mesma reconta o processo evolutivo dos *Dineh* enquanto seres e o modo como estes atravessaram, no sentido ascensional, quatro mundos até chegarem ao quinto, aquele em que vivem agora:

⁵ Por vezes esta entidade divina é também referenciada como Earth Woman e White Shell Woman.

The first world was an island, surrounded by oceans, and there lived the first beings who started out in life. [...] The People saw something white appear in the East. It was water, impassable and insurmountable, flowing all around them. The People had no choice but to leave the First world. [...] They entered the hole and emerged on the surface of the Second world. [...] The People said to the Swallows: Why cannot your people and our people become friends? Let it be as you wish, replied the Swallows. [...] But on the night of the twenty-fourth day one of the People made too free with the wife of the chief of the Swallow People. The next morning, when the chief found out he said to the strangers: This is our land and we will have you here no longer. [...] They did as they were told and flew through the slit into the third world. Now, inhabiting this third world were the Grasshopper People [...] the strangers were treated with great kindness, but on the night of the twenty-fourth day one of them served a chief of the Grasshoppers as the chief of the Swallows had been served in the Second World. [...] Again The People flew upwards [...] the passage which they found in the West was twisted round. They flew in circles through it and came out into the Fourth World. [...] On the morning of the fourth day, The People observed in the East a strange white gleam along the horizon, and they sent out the locust couriers to see what caused this unusual white light. The locusts returned at sunset and told the People that a vast flood of waters was fast approaching from the East. [...] Seeing no hole in the sky, The People sent up the Great Hawk, to see what he could do. He flew up and began to scratch the sky with his claws, and he scratched and scratched until he was lost to sight. Next locust was sent up. He made a shaft in the soft mud, such as locusts make to this day, and managed to reach the Fifth World. (Locke, 1989: 58-74)

1.1.3- Relações com o Mundo Euro-Americano

Os espanhóis, motivados pelo ouro, espalharam a destruição e a morte por entre todas as tribos nativas-americanas com que se foram deparando, fazendo uso da sua superioridade bélica e militar. Os navajo, apesar de sofrerem um grande número de baixas nas suas fileiras militares, conseguiram ripostar e vencer várias batalhas contra a força europeia devido ao seu conhecimento do espaço geográfico e à sua grande capacidade física, o mesmo não sucedendo a outras tribos menos numerosas.

Depois de encontros com espanhóis e mais tarde franceses e ingleses, os navajo viriam a cruzar definitivamente o seu caminho com a recém formada República dos Estados Unidos após a conquista do Novo México, em 1846.

A partir do momento em que os norte-americanos tomaram posse do novo território começaram os problemas e as confrontações sistemáticas. As instituições democráticas da nova nação não perceberam a democracia rudimentar e o sistema legal

do povo navajo; ao contrário dos Estados Unidos os *dineh* não tinham um único líder absoluto (centrado na figura de um presidente), mas sim vários chefes que debatiam entre si a tomada de qualquer decisão. Deste modo, qualquer tratado e/ou acordo assinado com apenas um dos referidos chefes não se estendia a toda a nação; esta falha de percepção do funcionamento da estrutura administrativa tribal navajo viria a conduzir as altas patentes norte-americanas à desconfiança em relação aos seus homónimos tribais, deixando de lhes reconhecer credibilidade. Em virtude deste facto, os americanos deram início às suas investidas militares de conquista territorial. Num espaço de tempo inferior a duas décadas os navajo viriam a ser conquistados e quase exterminados, ficando desprovidos dos seus bens materiais, das suas famílias e da sua terra.

Os políticos norte-americanos consideravam as nações nativas como inferiores, podendo ser coagidas a assinar tratados e prescindir das suas posses em prol dos elementos da sociedade branca, nomeadamente cedendo território, como se infere da seguinte ilustração:

American ranchers, with greedy eyes on navajo grazing lands, had long pressured the territorial legislature to pass a bill permitting them to move their herds into Dinehtah. Refused by the legislature, they turned to Federal District Court, which ruled that under the laws of Congress there was no Indian country in New Mexico. Thus the court of the land opened Dinehtah not only to the encroachments of stock raisers but also to the illegal commerce of traders in arms and liquor. (Locke, 1989: 282)

Este problema prende-se claramente com uma falta de entendimento notória da(s) legalidade(s) sobre a posse de terra, dado ser preciso para um americano um comprovativo documental de registo de propriedade ou no mínimo estar perante uma terra cultivada para se considerar posse de alguém; ao invés, a propriedade territorial para os navajo, bem como para as demais nações tribais, era não só colectiva, como

abrangia o espaço onde eram postos em prática os seus costumes (áreas de caça e zonas de pastorícia temporárias) sem serem necessários registos formais.

Decorria o ano de 1864 quando os navajo caíram à mercê do mais inexorável de todos os seus inimigos militares – Christopher (kit) Carson e sofreram o episódio mais brutal da história daquela nação – o ainda hoje famoso *Long Walk* – uma marcha a pé de centenas de quilómetros conducentes a *Bosque Redondo*, local escolhido pelo governo norte-americano para a fixação dos navajo desalojados. Numa terra inóspita onde a água provocava doenças, as temperaturas eram muito baixas e o solo não era propício à agricultura a existência dos que conseguiram chegar ao indesejado destino veio a revelar-se penosa:

Their only supply of wood was five miles away in the sandhills [...] the winter was very cold, hence the number of deaths from pneumonia. To add to their misery they could not cook the strange food rationed out to them by the white men. [...] For three successive summers the Indians planted corn, though they declared the land was accursed, and every year it was totally destroyed, either by worms or drought or frost. (Coolidge, 1930: 26-27)

A forma como os *dineh* foram tratados ao longo de anos não passou despercebida a alguns políticos americanos de então, particularmente a Michael Steck, o qual se mostrou muito crítico em relação à conduta do coronel Kit Carson. A realidade de *Bosque Redondo* passou a ser tema central de acesas discussões governamentais em Washington, culminando estas com o Departamento do Interior a deliberar a libertação da nação navajo e seu respectivo regresso a *Dinehtah* no ano de 1868. Depois do regozijo inicial decorrente do consumado regresso ao seu território a tribo deparou-se com *hogans* completamente destruídos, com campos de cultivo repletos de arbustos e com árvores de fruto apodrecidas; enfim, encontraram-se numa terra muito díspar daquilo que em tempos havia sido a esplendorosa *Dinehtah*.

A Segunda Guerra Mundial foi o evento que abriu as portas da sociedade norte-americana aos navajo por dois motivos: em primeiro lugar pela necessidade de preencher as vagas laborais deixadas em aberto pelos voluntários americanos, e em segundo lugar pelo papel determinante que os navajo desempenharam nessa mesma guerra enquanto *code talkers*⁶. Depois de alguns anos expostos a novas experiências culturais os soldados e trabalhadores navajo voltaram à sua reserva com uma perspectiva de vida diferente em relação a assuntos como a habitação, a educação e o dinheiro. Os líderes da tribo, cientes dos anseios dos seus membros tomaram medidas para ao mesmo tempo desenvolver a economia e fixar a população na reserva, fazendo uso dos seus recursos naturais, nomeadamente a floresta:

Forestry and lumber experts employed by the tribe now recommend a production of fifty million board feet at the large new mill at navajo, New México. The industry wholly owned and operated by the tribe, is making a significant contribution to reservation economy, both individual and tribal, and will finance other wood product industries planned by the Tribal Council. (Locke, 1989: 456)

Actualmente, apesar da dinâmica da reserva, um espaço autogovernado, existem elementos da tribo, principalmente os mais jovens, que socialmente estão entre dois mundos, o nativo e o americano. Estas pessoas acabam por não se enquadrar totalmente em nenhuma das duas sociedades, dado sentirem constrangimento quer na reserva quer na urbe americana:

For years, the white man's schools [...] have educated the Indianness out of these people, taught the young people that the hogan is dirty, that their parents are ignorant. The result is a group of bleached indian youth, who are miserable on the reservation but rarely, learn to adjust when they leave for the big city. They are neither Anglo nor Indian, but just full of self-hatred. (Locke, 1989: 460)

⁶ Esta designação foi atribuída aos militares navajo que tinham como missão enviar mensagens na sua língua para os diferentes postos de combate, não permitindo assim aos inimigos japoneses decifrá-las, mesmo quando eram interceptadas.

É na procura da harmonia entre as influências exógenas e manutenção da identidade cultural da tribo que os navajo têm vindo a pautar a sua existência, e muito provavelmente assim irão continuar, pois o equilíbrio entre todos os seres, animados e inanimados, é de vital importância para este povo.

1.2- A Nação Ojibwa

1.2.1- Fixação no Território

Esta grande nação que se fixou na região dos Grandes Lagos⁷ é uma das principais tribos pertencentes à família dos Álgicos, tal como refere William Warren:

The Ojibwas form one of the principal branches of the Algic stock, and they are a well-marked type, and at present the most numerous section or tribe of this grand division of the aboriginal inhabitants of North America. (Warren, 1885/1984: 31)

De acordo com antropólogos e etnógrafos, os ojibwa terão vivido inicialmente na Ásia, mas há muitos anos atrás ter-se-ão movimentado em direcção a Oeste até chegarem junto dos Lagos Superior e Huron. No seio da nação existiam algumas divisões feitas com base na distribuição geográfica, as quais se mantêm presentemente: as pessoas que viviam nas margens do Lago Superior eram conhecidas por *Men of the Great Water*; aqueles que se encontravam entre o Lago Superior e o Mississipi eram conhecidos por *Those who sit on the Borders*; os que residiam junto do Mississipi eram chamados de *Great River Men*; e assim por diante.

Antes do contacto com os europeus os ojibwa pautavam a sua vida pela necessidade da sobrevivência, dedicando-se à caça, pesca e plantação dos mais variados produtos, nomeadamente o milho. No início do verão reuniam-se todos os elementos da tribo para festejar e trocar produtos entre si. Os ojibwa eram conhecidos pela qualidade das suas peles, do seu cobre e das suas canoas. Contudo, nem todas as relações intertribais eram pacíficas, desde a sua chegada aos Grandes Lagos que esta nação se envolveu em guerra com os Sioux e principalmente com os Iroquois. Isto, não só por

⁷ Presentemente, os ojibwa continuam a residir na zona norte da América, especialmente nos estados do Minnesota, Wisconsin e Michigan, e na zona sul do Canadá, em Ontário, Manitoba e Saskatchewan. No total, os ojibwa contabilizam aproximadamente 106.000 elementos, não se sabendo estimar o número dos que não residem nas reservas dada a sua enorme dispersão geográfica, de acordo com o site oficial da nação (www.ojibwa.com).

uma questão de necessidade territorial, mas também devido a manifestas diferenças de linguagem, cultura e crença religiosa. Esta dissimilitude entre tribos vem atestar a visão errónea que os primeiros descobridores tiveram dos ameríndios que encontraram – para estes, os habitantes do território descoberto eram em tudo semelhantes, apresentando uma homogeneidade generalizada nos variados aspectos que definem uma sociedade: religião, cultura, forma de vestir, linguagem, etc.

A guerra tribal com os sioux e os iroquois pela posse de um território vasto derivava da economia de subsistência que sustentava tanto os ojibwa como as demais tribos. Os ojibwa seguiam um ciclo anual de caça, pesca, recolha de frutos silvestres e plantas medicinais e de produção de milho e arroz. A mudança de estação obrigava a tribo a um certo nomadismo em busca de um novo local que lhes permitisse realizar todas as tarefas atrás mencionadas, dando origem a um conflito pelos mesmos recursos territoriais entre várias tribos.

1.2.2- Valores e Mitos

A principal e mais antiga divisão entre os ojibwa e as restantes tribos descendentes da mesma família era feita através da sua linhagem familiar. Cada clã apresenta um totem distinto simbolizador da sua linha de sangue e de parentesco. Este sistema totémico era sempre assegurado de geração em geração pela descendência masculina. Por outro lado, a questão geográfica remete para dois outros pontos de extrema importância para esta nação: a sua chegada à região dos Grandes Lagos e a forma da sua criação, bem como do mundo – *Creation Story*. Este mito é fundamental para os ojibwa, visto explicitar não só o seu aparecimento mas também o papel de cada ser vivo na terra:

Before the beginning of the world only Kitche Manido, the Great Spirit existed [...] the all-powerful creator [...] After a time, Earth had a Great Flood, and the seas washed over the land. [...] the humble muskrat disappeared beneath the water and after a long time returned [...] carrying a bit of soil in his paw. From this bit of dirt Earth was re-created. From Kitche Manido, every part of Creation received a spirit and a purpose in the Circle of Life. The plants would provide food and medicines; the trees would give shelter. The animals would sacrifice their lives to provide food and clothing for humans – the Anishinabe. (Tanner, 1992: 13)

A existência deste e de outros mitos deve-se à enorme crença deste povo nos espíritos como força presente em todas as coisas, animadas ou não, e nas visões e sonhos como meios de aquisição de conhecimento e orientação para a vida.

No plano administrativo, os mais velhos e mais sábios estavam no topo da cadeia hierárquica, tentando, entre outras coisas, encontrar soluções alternativas para evitar o derramamento de sangue; só em alturas de crise era permitido aos chefes de guerra liderar a comunidade. Os “antigos” desempenhavam um papel fundamental no seio da comunidade, pois não só orientavam os adultos, como também lhes competia educar e guiar as crianças até atingirem o estatuto de adultos. Através de histórias, danças e canções ensinavam aos jovens os costumes do seu povo. De entre esses hábitos assumem particular destaque os rituais cerimoniais, os quais se praticavam em diversas situações, desde conselhos inter-tribais a rituais de iniciação; mas todos tinham um elemento comum – fumar o Cachimbo da Paz. Este acto tem um grande significado para os ojibwa, mesmo actualmente, porque o tabaco é considerado uma substância sagrada simbolizadora de todos os relacionamentos da nação – a relação com o grande espírito Kitche Manido, a relação com os outros humanos, com os animais e com as plantas.

Um dos rituais com maior impacto na vida dos ojibwa e que continua enraizado nos seus hábitos contemporâneos é o que rodeia a morte. Esta nação crê na existência de vida para além da morte física, daí o grande respeito pela passagem do estado da vida terrena para um outro estado de vida de carácter espiritual. Assim, esta cerimónia

implica uma preparação muito rígida e minuciosa do corpo do falecido, tal como é referenciado por Warren:

When an Ojibway dies, his body is placed in a grave, generally in a sitting posture, facing the west. With the body are buried all the articles needed in life for a journey. [...] The soul is supposed to stand immediately after the death of the body, on a deep beaten path, which leads westward [...] He travels on till he reaches a deep, rapid stream of water [...] After camping out four nights, and travelling each day through a prairie country, the soul arrives in the land of spirits, where he finds his relatives [...] all is rejoicing, singing and dancing; they live in a beautiful country [...]. (Warren, 1885/1984: 72-73)

Todas as cerimónias e rituais levados a cabo no seio da comunidade são realizadas por um grupo específico – a sociedade *Midewiwin*. Os membros desta sociedade cumpriam funções como líderes espirituais e curandeiros das enfermidades dos restantes elementos da tribo. Para chegar a *Mide* os aprendizes tinham um ano de aprendizagem com outros *Mide* mais experientes, durante o qual recebiam instrução sobre as propriedades medicinais das plantas e sobre como prepará-las, aprendiam ainda as canções e orações necessárias para as diversas cerimónias. Após o ritual de iniciação os jovens *Mide* teriam de continuar a aprofundar o seu conhecimento, bem como ir para retiros individuais com o objectivo de ter visões e/ou revelações que guiassem o seu povo. Actualmente esta sociedade continua a existir, permanecendo influente na cultura e modo de vida dos ojibwa, apesar do crescente desaparecimento dos antigos pergaminhos que continham as orações da sociedade *Midewiwin* e a história dos próprios Anishinabe (Ojibwa). Para além disso, com a transformação que as reservas foram sofrendo, o conhecimento medicinal das plantas foi também desaparecendo. No entanto, a manutenção das tradições cerimoniais permite a constante unificação da nação, pois muitas das famílias só se encontram nestes eventos.

1.2.3- Relações com o Mundo Euro-Americano

Foi no início do século XVII que ocorreu um contacto efectivo entre os nativos da América do Norte e os exploradores europeus, mais concretamente franceses. Para os ojibwa, esta interacção progressiva com os novos habitantes do território foi em simultâneo benéfica e prejudicial. Isto, porque os recém-chegados muito rapidamente reconheceram a riqueza e o potencial natural deste local, mas não tiveram a mesma vontade e/ou capacidade em reconhecer a riqueza cultural e espiritual do povo que lá residia. Os ojibwa foram uma das tribos a desejar comerciar com os franceses; ao comparar os seus utensílios rudimentares com os dos europeus, os ojibwa constataram a fragilidade do seu material de pesca e caça, feito principalmente de madeira, face ao mesmo material feito de metal; o que conduziu a um crescente comércio de ferramentas metálicas a troco de peles. Esta realidade agudizou as relações inter-tribais, devido à pressão para expandir território e assim obter o monopólio comercial com os europeus:

The fur trade has been the mainspring and cause which has led the Ojibways westward and more westward, till they have become possessed through conquest, and a persevering, never-relaxing pressure on their enemies, of the vast tracts of country over which they are scattered at the present day. (Warren, 1885/1984: 127)

As inúmeras batalhas inter-tribais que mataram centenas de nativos, conheceram um período de acalmia no início do século XVIII. Por esta altura já a cultura ojibwa tinha sofrido duas grandes alterações; caçava-se não só com intuito de sobreviver, mas também com o intuito de comerciar, criando um estado de dependência dos materiais trazidos pelos europeus. Os ojibwa acabam por deixar de ser auto-suficientes do ponto de vista económico.

Com a chegada de um número cada vez maior de ingleses à América do Norte, os franceses foram paulatinamente perdendo a sua hegemonia comercial. O domínio sobre o comércio e sobre a população nativa passou então para as mãos dos ingleses,

contudo após a guerra de 1812, um conflito entre americanos e britânicos pela posse de território que culminou com a vitória dos primeiros, os americanos assumiram um controle completo, começando a exercer uma grande influência sobre os ojibwa. Concomitantemente, foram assinados vários tratados que prejudicavam a tribo. Os nativos perderam o monopólio da venda de peles e ao mesmo tempo tiveram de ceder algum do seu território. Estas e outras alterações traduziram-se num aumento incomensurável da população não nativa no seu território. Posterior legislação governamental viria a cancelar os serviços dos pescadores e ferreiros ojibwa em detrimento dos americanos. A partir dos finais do século XIX em diante o governo norte-americano tomou uma série de medidas legislativas extremamente gravosas para a nação Ojibwa, especialmente em relação à posse de terras:

When the General Allotment Act was passed in 1887 [...] almost 90 percent of the land promised to Ojibwa [...] had already passed into non-indian possession. On the reservations, the Ojibwa had to adapt to new circumstances. [...] the reduced land lacked the natural resources essential to support their population. Furthermore, the BIA⁸ sought to destroy the Ojibwa's traditional culture and lifestyle [...] Because of government's efforts, in the next 50 years many Ojibwa would abandon their ancient ways forever. (Tanner; 1992: 81)

Este etnocentrismo exacerbado por parte dos norte-americanos não lhes permitiu compreender e apreciar uma cultura díspar da sua, visando apenas tirar dividendos materiais da sua interação.

Toda esta conjuntura adversa forçou a nação Ojibwa a mudar muitos dos seus hábitos ancestrais, apesar do esforço da sociedade *Midewiwin* para o evitar. Ao insistir em erradicar as tradições deste povo por um modo de vida similar ao dos americanos, o governo, através do Bureau of Indian Affairs (BIA), criou pessoas de dois mundos que

⁸ O BIA (Bureau of Indian Affairs) é uma agência do governo americano criada em 1824 inserida no Departamento de Guerra, tendo sido transferida para o Departamento do Interior em 1849 onde permanece até hoje. Esta agência tinha e tem como missão proteger os direitos dos povos nativos, relativamente a bens, educação e saúde.

não se integram devidamente em nenhum deles. As repercussões dos esforços do BIA revelam-se drásticas, como relata Anastasia Shkilnyk⁹:

Caught in a void between two cultures, the children in this community are learning neither the basic skills of mainstream society nor the traditional skills of the Indian way of life. [...] As a result, the children can thrive in neither the old world nor the new. They are effectively trapped in a vicious web of stunted growth and lack of opportunity for learning and discovery. (Shkilnyk, 1985: 34)

Do conflito entre dois mundos muito diferentes são os ojibwa os que mais têm perdido, a sua cultura, a sua forma de vida e as suas tradições, as quais continuam a ser desrespeitadas por uma grande parte dos norte-americanos, principalmente daqueles que detêm o poder governativo.

Os ojibwa apresentam-se actualmente como uma nação bastante heterogénea, dado que as comunidades deste povo se encontram dispersas por um vasto território, apresentando diferenças significativas ao nível económico. Contudo, os seus líderes têm vindo a fazer um enorme esforço para tentar conservar uma identidade independente dos demais habitantes dos Estados Unidos e transmitir a sua herança cultural às gerações mais novas através da linguagem, das histórias, da arte e das crenças religiosas e sobrenaturais. Quando se realizam as grandes cerimónias agregadoras de toda a nação, os ojibwa sentem que continuam a ser verdadeiros Anishinabe.

⁹ Anastasia Shkilnyk é uma antropóloga Canadiana que realizou um estudo para a sua tese de doutoramento, publicado posteriormente em forma de livro, sobre o impacto do álcool numa comunidade Ojibwa.

1.3- A Nação Cherokee

1.3.1- Fixação no Território

A nação cherokee é uma das nações que integra o “grupo das cinco tribos civilizadas”¹⁰. Crê-se que os cherokee são originários da Ásia, mas ao iniciarem uma série de migrações por motivos de subsistência terão chegado até à América do Sul; uma vez aí terão sido atacados por outros nativos, forçando-os a dirigirem-se cada vez mais para norte até se fixarem na actual América do Norte, mais concretamente no actual estado da Geórgia¹¹. Esta poderosa tribo que tem no *Iroquois* a sua afiliação linguística viveu inicialmente em vilas autónomas umas das outras, mas seguidoras dos mesmos princípios hierárquicos. Rapidamente prosperou e desenvolveu-se nos mais variados campos, a título exemplificativo é de notar que os cherokee tiveram desde muito cedo um alfabeto e respectiva linguagem escrita, jornais bilingues, instituições escolares, entre outros. Adicionalmente, os elementos desta nação adoptaram igualmente cedo o cristianismo – de acordo com os registos existentes a primeira conversão de um cherokee ao cristianismo data de 1773. Todos estes factores facilitaram de sobremaneira o processo de ocidentalização da tribo e consequente reconhecimento enquanto nação integrante do grupo acima referido.

¹⁰ Fazem parte deste restrito grupo as nações Cherokee, Choctaw, Creek, Seminole e Chickasaw. Esta designação do governo norte-americano ocorreu dado o estilo de vida destas tribos se assemelhar em muito com o tido pelos euro-americanos, no que concerne a vestuário, habitação e educação. A mesma foi em muitos aspectos relevante e benéfica para as mesmas, nomeadamente ao nível dos direitos de cidadania – o direito ao voto foi-lhes concedido muito antes de o ser às demais nações nativas-americanas. Se para este grupo esse direito foi uma realidade no primeiro quartel do séc. XX, para todas as outras tribos o mesmo só foi concedido já na segunda metade do referido século.

¹¹ Hoje em dia esta grande nação de mais de 300.000 elementos, de acordo com o seu site oficial (www.cherokee.org), está fixada no estado do Oklahoma, uma vez que por imposição governamental (1836) foi obrigada a deslocar-se desde a Geórgia até aqui. Apesar da evolução social manifestada pelos cherokee e reconhecida pelos norte-americanos não foi possível aos primeiros permanecerem na sua terra de origem, sobrepondo-se os interesses materiais, especificamente o interesse no recurso natural mais valioso da Geórgia, ouro. O governo americano acabou por ratificar um tratado (*New Echota*) onde se deixou de reconhecer a existência de qualquer governo cherokee naquele estado, bem como o direito à permanência no mesmo.

1.3.2- Valores e Mitos

Administrativamente esta nação regia-se do seguinte modo: existia um chefe da paz, o qual estava encarregue dos assuntos domésticos, e um chefe da guerra, o qual tinha a seu cargo os assuntos de cariz bélico, bem como os ligados ao contacto com o mundo exterior (negociações, alianças e comércio). O respeito pelo clã é também uma dominante deste povo, pois o clã representa a família. A linhagem familiar tinha por base a mãe, formando-se clãs matriarcais. A unidade familiar prende-se com um dos grandes mitos da nação – a *Creation Story*, na qual é revelada a forma como todos os seres surgiram e se multiplicaram os homens:

When all was water the animals were above in Galun Lati, beyond the arch; but it was very much crowded, and at last Dayuni Si, “Beaver’s Grandchild”, the little water beetle, offered to go and see if it could learn. It darted in every direction over the surface of the water, but could find no firm place to rest. Then it dived to the bottom and came up with soft mud, which began to grow and spread on every side until it became the island which we call the Earth. [...] Men came after the animals and plants. At first there were only a brother and sister until he struck her with a fish and told her to multiply, and so it was. (Conley, 2005: 3-5)

A religião é outro importante aspecto da vida dos primeiros cherokee, estando a ela associados três conceitos fundamentais – balanço, harmonia e pureza. Isto porque a tribo perspectivava o mundo da seguinte forma: existiam três mundos, um em cima, um em baixo e um numa posição central. Os mundos de cima e de baixo eram habitados por espíritos que se opunham, o mundo do centro era habitado pelos cherokee; logo, eram as atitudes da tribo o pêndulo equilibrador ou desequilibrador das duas forças antagónicas. A par com a religião estavam os rituais e as cerimónias, as quais marcavam presença em todas as actividades da tribo, principalmente na caça, na agricultura e na guerra.

1.3.3- Relações com o Mundo Euro-Americano

As primeiras incursões de exploradores europeus em território cherokee (ainda na Geórgia) foram levadas a cabo pelos espanhóis que, na sua busca incessante por ouro, mataram centenas de nativos-americanos. Deste momento em diante estabeleceu-se um contacto que acabou por revelar-se, na maioria das vezes, funesto para a nação cherokee. Com a chegada de outros povos europeus, nomeadamente os franceses intensificaram-se as relações comerciais; gradualmente os nativos foram prescindindo dos seus utensílios rudimentares para darem lugar a outros muito mais resistentes e mais eficazes no desempenho das suas funções, e em troca entregavam aos europeus o seu ouro e principalmente as suas peles de excelente qualidade. Uma das maiores atracções sentidas pelos cherokee residia nas armas de fogo, tornando-se a sua disseminação uma realidade incontrolável. As guerras inter-tribais transformaram-se por esta altura em verdadeiros banhos de sangue com repercussões nefastas para os nativos e benéficas para os euro-americanos.

O contacto com europeus provenientes da Grã-Bretanha ocorreu tardiamente, mas foi aquele que mais corrompeu os hábitos de vida da tribo cherokee. Inclusivé, foi na relação com os britânicos que os cherokee abriram um precedente inédito – a cedência de terras aos colonos em troca de compensações monetárias. A influência inglesa sobre os cherokee foi muita, ao ponto de instigarem a tribo a cessar o seu comércio com todos os colonos originários de outros países, principalmente os franceses; como avança Conley:

At Whitehall Palace, we are told by the British records, the seven cherokees renewed the treaty they had signed with Cuming by acknowledging the sovereignty of England over all of the cherokees, by binding the cherokees to have no trade alliance with any nation other than England, by agreeing to allow no white people other than English to live among them, by promising to deliver into English hands any fugitive slaves or any white lawbreakers who might seek refuge among them, and by pledging

themselves to English military service in the event England should engage in a war with France or any other foreign power. (Conley, 2005: 33-34)

Após um século de contacto permanente com os ingleses a nação cherokee alterou de sobremaneira o seu estilo comportamental, sendo a economia de subsistência substituída por uma economia baseada na caça excedentária e nas trocas comerciais. Os homens passam cada vez mais tempo a caçar animais de grande porte e as mulheres dedicam o seu tempo quase em exclusivo a tratar as peles, tudo em função do negócio comercial. Na nova conjuntura também os saberes ancestrais dos artesãos são rapidamente postos de parte, dado que o ferro e o aço tornaram o cobre e a pedra obsoletos. Por influência europeia, até o próprio conceito de guerra se altera, pois se para um cherokee a guerra representava o restabelecimento da harmonia, para um europeu a guerra significava mais território, bens e escravos.

O relacionamento entre cherokees e ingleses extravasou a esfera comercial, alargando-se à esfera matrimonial, como seria o caso do famoso chefe cherokee – John Ross, que no século XIX viria a casar com uma mulher branca. Consequentemente, famílias de *mixedblood* começam a proliferar no seio da comunidade, fruto do processo de cristianização e ocidentalização já referenciado. Dada esta realidade inelutável, uma nova mudança ocorre nas tradições dos cherokee e a descendência familiar deixa de ser feita pela linha de sangue materna para ser feita pela paterna, tal como exigiam os senhores euro-americanos.

As decisões do governo norte-americano do princípio do século XIX marcam o período em que a tribo cherokee mais sofreu perdas humanas e de bens materiais. Os tratados de cedência de terras a favor dos euro-americanos sucederam-se, mas estes nunca cumpriram o estipulado nesses mesmos tratados, aproveitando-se da ignorância dos chefes tribais. O tratado de *New Echota* assume-se como o mais marcante de toda a

história da nação, pois implicou a remoção forçada da tribo do seu território para um outro onde não existia nada, por motivos de ordem material relacionados com o ouro da Geórgia, como já foi explicado anteriormente. Esta remoção teve resultados tão nefastos que ficou conhecida por *Trail of Tears*. Nos anos anteriores a este evento os cherokee foram assimilando cada vez mais aspectos da cultura norte-americana com o intuito de se tornarem uma nação moderna, de acordo com os parâmetros da sociedade vigente. Essa aproximação da tribo cherokee à comunidade branca não se traduziu em segurança para a nação, nem a poupou da usurpação de bens e dependência monetária:

Within a generation these Indians, who had owned and governed a region greater in area and potential wealth than many an american state, were almost stripped of their holdings, and were rescued from starvation only through public charity. (Conley, 2005: 203)

Travadas inúmeras batalhas legais e passadas muitas dificuldades económicas, a nação cherokee encontra-se, no final do século XX, a escrever uma nova página de história. A reserva cherokee é um espaço autogovernado por elementos da tribo com total liberdade para gerir todos e quaisquer assuntos que a ela digam respeito, quer a nível judicial quer a nível administrativo. São várias as actividades levadas a cabo na reserva, mas a principal é o turismo; este é o sector mais representativo na economia e na vida laboral dos residentes.

Porém este suporte vital para a reserva dura apenas metade do ano, o que obriga os cherokee a recorrer a outros meios de subsistência económica; o mais conhecido deles – o jogo, é assim referenciado por Finger:

[...] as a federally recognized reservation, Qualla Boundary is exempt from restrictive state gaming laws, and since 1982 the cherokees have sponsored what they tout as the world's largest ongoing bingo extravaganza. [...] Despite continuing allegations of corruption and mismanagement, most cherokees have learned to accept the games as an economic necessity and a fact of life. (Finger, 1991: 160-161)

Para além do jogo, que apesar de economicamente benéfico é simultaneamente um problema, a reserva cherokee, como outras reservas nativas, está hoje ensombrada por outro grave problema social, o álcool. O mesmo é descrito da seguinte forma:

Indians can readily obtain their own liquor in Bryson City and Sylva, and like many reservations Qualla Boundary has a problem with substance abuse. [...] alcohol-related automobile crashes and injuries were probably underreported and that they are a significant on the Cherokee Indian reservation [...] three out of four families on the reservation were affected in one way or another by alcohol. (Finger, 1991: 166-167)

Apesar destes problemas, os conselhos tribais cherokee debatem-se para deixar um legado às gerações mais novas baseado na cultura, identidade e tradições ancestrais, através de iniciativas educativas promotoras da aprendizagem dos saberes mais relevantes da nação.

1.4- A Nação Choctaw

1.4.1- Fixação no Território

A nação choctaw é outra das nações a fazer parte do grupo das cinco tribos civilizadas; como os cherokee adoptaram muitas das instituições dos brancos-americanos, implementando no seu território escolas, igrejas, imprensa e um governo constitucional. O processo de cristianização e ocidentalização para esta nação começou também muito cedo (de 1800 em diante), abrindo-lhes o caminho a direitos de cidadania só partilhados por mais quatro nações e transformando-os em diplomatas altamente experientes. Os choctaw constituíam a tribo mais numerosa dos falantes *Muskogean*, tendo uma grande afinidade com os chickasaw, os creek e os seminole. Como muitas outras tribos nativas-americanas, os choctaw, de acordo com as teorias antropologistas, terão vindo de uma terra distante algures na Ásia, tendo migrado através do estreito de Bering até ao continente Americano onde se fixaram nos actuais estados do Mississipi e Alabama¹².

Os choctaw eram um povo essencialmente agrícola, produzindo muito milho, algum feijão, melões e abóboras. Na sua economia de subsistência a caça e a pesca detinham um estatuto secundário, apesar de serem uma boa fonte de alimento. As tarefas agrícolas estavam destinadas às mulheres, enquanto que a caça e a pesca eram tarefas masculinas, tal como estipulava a organização da tribo. A organização deste povo ao nível familiar tinha uma característica muito própria. Dada a hierarquia dos clãs os filhos não respondiam perante os seus pais, mas sim perante o tio mais velho do lado materno, passando a hereditariedade das chefias de tio para sobrinho e não de pai para filho.

¹² Como os cherokee, também os choctaw foram obrigados, igualmente através dum tratado ratificado pelo governo americano, a deixar a sua terra original (1833) e partir em direcção ao estado do Oklahoma onde se encontram actualmente com um número de elementos próximo dos 90.000, de acordo com os censos norte-americanos de 2000 (www.census.gov).

1.4.2- Valores e Mitos

Um dos símbolos mais marcantes e importantes deste povo é o monte *Nanih Waya* pelo facto deste local estar intrinsecamente ligado ao mito da Criação choctaw, os primeiros elementos da nação terão surgido de um buraco que se encontrava debaixo do monte sagrado, tendo logo em seguida ocupado o território circundante.

Muitas das narrativas mitológicas dos choctaw tinham por base a sua crença na existência de espíritos divinos e sua relevância para o bem-estar da comunidade. Os elementos da tribo acreditavam na existência de vida para além da morte através do espírito, o qual embarcava numa viagem para um mundo maravilhoso onde quase todos os espíritos se reuniam e conviviam, após a morte física. Nem todos conseguiam fazer a travessia de um mundo para o outro, nomeadamente os espíritos de assassinos, ficando presos eternamente num abismo. Em função desta posição, o ritual mais distinto e respeitado por toda a tribo era e continua a ser o do enterro do corpo falecido, decorrendo esta cerimónia de acordo com preceitos muito precisos:

When a member of the tribe died, the body was covered with skins and barks and placed upon an elevated platform which was erected near the house for that purpose. Even if the death occurred far from home, the dead was carefully brought back and placed near the house. Beside the corpse were placed food and drink, a change of clothing, and favourite utensils and ornaments which would be needed by the spirit in its long journey to the other world. A dog was killed to provide the deceased with a companion, and after the introduction of horses, ponies were also sacrificed so that the spirit might ride. For the first few days a fire was kept constantly burning to furnish light and warmth for the journey. [...] During this time the relatives frequently resorted to the foot of the platform to wail and mourn [...]. (Debo, 1982: 4-5)

Ao contrário dos seus vizinhos e demais nativos, os choctaw são uma nação parca em número de cerimónias e rituais religiosos, sendo as suas festividades dum cariz recreativo e não religioso. No seio desta tribo a religião tem um papel menos importante do que é habitual para outras tribos, sendo a magia e os poderes ocultos a

força dos seus elementos; todos tinham o seu *medicine bag* preparado com o máximo rigor e cuidado para os ajudar em todas as actividades e/ou tarefas a realizar. Existia a convicção que alguns elementos choctaw, denominados de *alikchi*, teriam poderes sobrenaturais, os quais poderiam ser aplicados para o bem ou para o mal.

1.4.3- Relações com o Mundo Euro-Americano

Os primeiros exploradores a chegarem a território choctaw foram os espanhóis, na pessoa de Hernando de Soto. A partir deste momento a nação viria a sofrer transformações de índole social e comportamental profundas. Rapidamente os choctaw perceberam as vantagens do comércio com os colonos europeus, conseguindo uma gama variada de utensílios muito mais resistentes e duradouros com vista à sua exploração agrícola e piscatória; por outro lado, com a implementação das armas de fogo as actividades relacionadas directa ou indirectamente com a caça aumentaram exponencialmente.

Dada a importante posição geográfica da tribo para espanhóis, franceses, ingleses e posteriormente americanos, os choctaw sofreram pressões sucessivas durante todo o século XVIII para se aliarem a uma destas nações e combaterem a seu lado. Em consequência, a tribo ficou dividida em várias facções apoiantes de impérios beligerantes diferentes, voltando a reunir-se depois dos vários chefes se aperceberem que estavam a travar batalhas em prol de nações que não a sua. Depois da independência da recém formada nação americana, foram assinados sucessivos tratados que cederam a maioria do território choctaw a favor dos norte-americanos em troca de engodos de cariz monetário que na grande parte das vezes acabaram por não ser cumpridos.

A influência da comunidade hegemónica começa a mostrar-se nas transformações operadas em hábitos ancestrais da tribo, nomeadamente o ritual do enterro, a prática agrícola, a prática do *ishtaboli*¹³, entre outros. No entanto, o evento que deixou marcas mais profundas nos choctaw, decorrente da sua relação inter étnica com o governo norte-americano, ocorre quando estes são forçados a deixar as terras em que sempre viveram para darem lugar aos colonos americanos e se mudarem para um território estéril sem quaisquer condições para se poder viver – a migração já aludida dos estados do Mississippi e Alabama para o de Oklahoma. Esta mudança implicou um grande sofrimento e espalhou a morte por milhares de elementos deste povo. Apesar das contrariedades a nação choctaw conseguiu, progressivamente, melhorar as suas condições, até que mais um rude golpe nas suas aspirações teve lugar – a guerra civil. Muitos dos seus homens foram obrigados a lutar pela Confederação do Sul e uma grande parte deles acabou por morrer; para mais, as próprias mulheres e crianças sofreram com a falta acentuada de comida, dado ser dada prioridade em termos de alimentação às forças militares estacionadas em território choctaw. Adicionalmente, com a vitória da Confederação do Norte, a tribo sofreu os mais variados castigos: confiscação de propriedades, abolição da escravatura¹⁴ e extinção de toda a autonomia tribal concedida até então pelo governo vigente.

Após um longo e árduo trabalho de recuperação, os choctaw iniciam o século XX rendidos à supremacia norte-americana que invadiu a quase totalidade da sua terra, facto evidenciado por Debo:

Any attempt to understand the life of the Choctaw Nation during the period from the close of the Civil War to the end of the tribal government will have to take into account the fact that there were two distinct races occupying the country, meeting

¹³ Os choctaw tinham particular entusiasmo neste seu jogo nativo, principalmente pelo mesmo estar associado à demonstração de virilidade do homem e à possibilidade de conquista de território através da vitória sobre comunidades vizinhas.

¹⁴ Tal como os cherokee, também os choctaw tinham escravos afro-americanos.

frequently in friendly intercourse, but almost completely separated as far as fundamental social institutions were concerned. The isolation that had enabled the Choctaws to develop an independent society in the generation before the Civil War was now broken down through white immigration until they were overwhelmingly outnumbered by an alien population. (Debo, 1982: 121)

Aos choctaw não restou outra hipótese senão adaptarem-se a esta nova realidade; assim, a partir da segunda metade do século XX a sua economia passou a basear-se nos lucros ganhos através dos casinos e de muitas outras iniciativas ligadas ao jogo, as quais são legais pois são conduzidas no seio da reserva¹⁵, situação essa reiterada por Silva:

As noted, the capstone of the Choctaw economic success story –gaming- grew out of protected rights rooted in Native national sovereignty and economic self-determination. The Indian Gaming and Regulatory Act of 1988 gave Native Americans an opportunity to further assert sovereign rights as independent entities to develop their own profit-making initiatives. (Silva, 2000: 223)

De igual forma que para os choctaw, a autonomia e conjuntura social actuais repercute-se a outras nações nativas-americanas, como se verificará com maior profundidade no subcapítulo imediatamente a seguir.

¹⁵ Como já foi referido em relação às outras nações nativas-americanas, também os Choctaw têm organizações legais e administrativas próprias.

1.5- Realidades Nativas Contemporâneas

Considerando-se muito importantes os aspectos histórico-sociais dos povos tribais discutidos neste capítulo e a sua influência para a evolução dos mesmos, é necessário também considerar as realidades contemporâneas destas nações, com o intuito de desmistificar o paradigma “nativo” a que Owens se refere em epígrafe no início do capítulo.

Há muito mais a reter para além das disfunções sociais quando se abordam as nações nativas-americanas contemporâneas. Problemáticas como a violência doméstica, o desemprego, o jogo e o álcool não são exclusivas dos ameríndios, são sim evidências transversais à quase totalidade das sociedades mundiais modernas, onde se inclui obviamente a norte-americana.

Hoje em dia as reservas comportam uma panóplia diversificada de serviços comunitários para oferecer aos seus residentes, ao nível da saúde (hospitais e serviços de emergência médica), educação (escolas, bibliotecas, departamentos de apoio ao estudo, sistema de bolsas e apoio financeiro, inclusive para estudos do ensino superior fora da reserva), serviços sociais e segurança pública (departamento de bombeiros e força policial tribal). As reservas são um espaço autogovernado com uma estrutura governamental própria e independente do governo central em Washington, a qual se divide em três grandes ramos – o Executivo, o Legislativo e o Judicial. O poder Executivo é conduzido pelo Presidente/Chefe¹⁶ da nação, o qual é eleito através de voto secreto, e tem como função fazer cumprir a legislação aprovada; o poder Legislativo é conduzido por um Conselho Tribal eleito por voto popular e tem como função promover legislação necessária aos interesses da nação; o poder Judicial é levado a cabo pelo conjunto de tribunais instituídos na reserva e tem como função resolver os casos

¹⁶ Actualmente os Presidentes/Chefes das nações Navajo, Ojibwa, Cherokee e Choctaw são Joe Shirley Jr., Melanie Benjamin, Chad Smith e Gregory Pyle respectivamente.

apresentados que violam as leis comuns, reguladoras e estatutárias emanadas pelo Conselho Tribal. Nesta medida, as leis estaduais, ao contrário das leis federais, não têm aplicabilidade nos territórios nativos, pois mesmo os cidadãos brancos-americanos que por motivos profissionais, recreativos ou até de residência se encontram dentro das fronteiras territoriais nativas respondem perante as leis tribais e são obrigados a acatar as decisões dos respectivos tribunais, os quais são reconhecidos pelo governo central americano.

A conquista desta autonomia tem vindo a dar frutos do ponto de vista social mas principalmente económico às nações ameríndias através da introdução de casinos nas reservas, como já foi levemente afluado, permitindo ganhos financeiros importantíssimos para o investimento nas áreas de maior carência, por exemplo o saneamento básico. A alusão feita por Sandra Silva ilustra a importância desta nova fonte de rendimento – “[...] in the global marketplace of capitalist entrepreneurship gaming has become the centerpiece of economic development [...] on reservations [...]” (Silva, 2000: 222).

Não obstante, salienta-se o relevante facto de haver uma subalternidade em relação às leis federais, uma vez que estas se aplicam indistintamente em todo o país. Esta evidência hierárquica promove o choque institucional mais interessante para este trabalho – força policial tribal dum lado e o FBI do outro. As desconfianças mútuas e os atritos de ordem jurisdicional são uma constante, porque de acordo com a legislação os agentes federais detêm um estatuto superior em relação aos agentes tribais, mesmo no espaço da reserva e ainda que sejam os últimos a conduzir as investigações dado o seu conhecimento intrínseco do espaço geográfico e dos hábitos culturais. Habitualmente, os delitos menores nunca suscitam a presença do FBI; os agentes federais deslocam-se

ao território nativo quando ocorrem assassinatos, especialmente se os mesmos envolveram a morte de brancos-americanos pelas mãos de ameríndios.

Reitera-se então que para as nações aqui abordadas, bem como para as demais, os novos desafios se prendem com a sobrevivência identitária e a redefinição do que significa ser nativo-americano em pleno século XXI no contexto multicultural da sociedade americana.

Conclusão

Estabelecida a panorâmica geral e específica de cada uma destas nações, constatam-se inúmeras diferenças de carácter sociológico e histórico entre cada uma delas e entre elas e o mundo euro-americano que as rodeia; a saber, o respeito por todos os seres vivos (animados e inanimados), o conceito da morte, a importância dada ao dinheiro e bens materiais, a medicina, os rituais, o conhecimento do espaço envolvente, entre outras.

As dissimilaridades entre o mundo euro-americano e o mundo nativo são uma realidade inelutável, propiciadora de conflitos de cariz cultural e jurisdicional. Será intuito desta dissertação, numa fase posterior, verificar, através da análise aprofundada das obras de Tony Hillerman, Carole Lafavor e Louis Owens, se tal situação se acaba por concretizar em aspectos muito sensíveis como são a aplicação de leis federais em território nativo (reserva), a não aplicação das leis estaduais nesse local, a jurisdição das forças policiais envolvidas, a condução de investigações por parte das mesmas, o convívio de elementos provenientes das diferentes culturas e o respeito mútuo.

Para haver divergência é necessário fazer um contraponto com uma realidade diferenciada onde a ficcionalização da investigação do crime é diferente, assim o capítulo subsequente irá abordar a génese de um dos géneros literários utilizados pelos autores de literatura policial pertencentes à cultura dominante – o *Hard-Boiled*.

II – De Newgate às “Mean Streets”: A Evolução de um Género Narrativo

Introdução

Com o intuito de melhor compreender as raízes do romance policial, ir-se-á dedicar o presente capítulo a este género literário partindo de duas vertentes distintas – identificar-se-ão os factores históricos que proporcionaram o surgimento da ficção policial e debater-se-á a evolução desta fórmula popular desde o seu aparecimento até aos dias de hoje e como se multiplicaram os principais subgéneros que o formato abrange. Neste particular, é de salientar a maior evidência a atribuir ao policial clássico e ao *hard-boiled* americano, não sendo feita, no âmbito desta dissertação, menção de relevo aos demais subgéneros.

Em paralelo, serão perspectivadas as diferenças fundamentais entre o policial clássico e o *hard-boiled*, em virtude destes representarem as tradições inglesa e americana respectivamente. Contudo, o alvo de análise mais detalhada irá ser o policial de tradição norte-americana, pois a realidade dos três autores abordados nesta dissertação é essa. Analisar-se-ão as características do *hard-boiled* para posteriormente melhor se perceber os termos da apropriação do género por parte de Hillerman, Lafavor e Owens e, confirmando-se essa hipótese, identificar as mudanças mais significativas potencialmente operadas.

2.1- O Policial: Génese de uma Fórmula Literária

Para os leitores contemporâneos, o romance policial é automaticamente associado a um conjunto de padrões formulaicos – o crime, o criminoso, o detective e a investigação levada a cabo por este último; porém, numa fase ainda muito embrionária o policial não tinha estas características. De acordo com Ernest Mandel (1984), as histórias policiais modernas provêm da literatura popular sobre “bandidos bons”, onde se destacam nomes como Robin Hood, Til Eulenspiegel e Fra Diavolo e já nelas se podiam encontrar laivos de protesto social. Progressivamente, esta literatura de cariz popular foi perdendo o seu público condescendente, pois instalaram-se preocupações colectivas reais em relação ao crime. As histórias povoadas por justiceiros sociais romantizados deixam de fazer sentido e surgem novas formas populares que adquirem um carácter mais moralista, mesmo quando relatavam crimes menores:

Not all Elizabethan and Jacobean crime stories dealt with murder. A popular form was the “cony-catching pamphlet”, describing neat ways of picking pockets or cheating at dice, even the elaborate instruments used for stealing goods through windows. [...] Highly successful versions of “cony-catching pamphlets” appeared as late as George Barrington’s *New London Spy* (1805) [...]. (Knight, 2004: 3-4)

De entre as pequenas narrativas de enquadramento moral, começa a emergir, nos finais do século XVIII, a série de narrativas que viria a ser considerada por um vasto número de críticos como o protótipo da ficção policial – *The Newgate Calendar* – coincidindo com o aumento alarmante dos crimes ocorridos nas ruas das grandes cidades europeias como Londres ou Paris. A emergência destas como pólos de crime teve por base factores de cariz histórico-social, dado que no último quartel do século XVIII e no primeiro do século XIX se registou um aumento exponencial da industrialização na grande maioria dos países europeus e em simultâneo do desemprego

nos vários sectores das classes trabalhadoras. O retrato feito por Mandel aos habitantes de então da cidade de Paris é revelador deste facto:

Each Morning [...] more than twenty thousand people [in Paris] awake with no idea of how they will eat at noon. It was hardly surprising, that such circumstances led to the emergence of a class of professional criminals. [...] Rising street crime could no longer be ignored. The widening of press freedom made it increasingly impossible to conceal [...]. (Mandel, 1984: 5-6)

O *Newgate Calendar* foi inicialmente produzido pelo capelão da prisão de Newgate, em Londres, que publicava relatos sobre criminosos que haviam confessado os seus crimes para assim obterem a redenção. A religião e o divino são uma constante nestas histórias onde os malfeitores se podem redimir dos seus actos se incorporarem em si os valores fundamentais do Cristianismo, pois em cada uma delas se pode verificar o quão fácil é para qualquer pessoa, independentemente do seu estrato social, tornar-se um prevaricador e perturbar a ordem social.

Um dos aspectos essenciais destes folhetins policiais, residia na ausência duma figura com as características de um detective e/ou investigador porque, aparentemente, tal figura não era necessária. Num contexto intrinsecamente religioso, a providência divina encarregar-se-ia de revelar os culpados dos crimes ocorridos e os valores cristãos, ao despertarem sentimentos de culpa nos criminosos, conduziam-nos ao arrependimento e posterior castigo, como avança Knight:

More often the sense of guilt makes them act rashly afterwards, so drawing attention to themselves and to crucial evidence, such as bloodstains, or stolen property. The idea behind this is that the Christian conscience is suddenly awakened, the objective Christian pattern reasserts itself against the subjective criminal rejection of those values. The criminals go to their inevitable execution as penitents, making [...] short prayers on the scaffold, warning others to learn by their fates. One of the main ideological features of those stories is the basic notion, and hope, that the all-pervasive, inescapable Christian reality provides a protection against crime. (Knight, 1980: 11-12)

Nestas narrativas havia ainda uma outra forma, não tão recorrente mas igualmente eficaz, de capturar aqueles que por alguma razão não sentiam o arrependimento necessário para comparecerem perante um magistrado – a observação social; como é confirmado por Knight:

The other, more common explanation of how criminals are caught asserts that society itself is so tightly knit that escape will not be possible. The murderer is seen in the act and caught at once, or seen, described by the witness and soon recognised. Sometimes the criminal's identity is obvious from the crime, and the fugitive is gathered in. (Knight, 1980: 12)

No conjunto destas histórias, é sempre patenteada a crença na unidade social e no poder dos valores cristãos como expurgadores dos males da sociedade, desprezando-se a figura de um mediador e/ou especialista capaz de levar a cabo uma investigação criminal. Para mais, o enfoque principal do *Newgate Calendar* estava orientado para o castigo dos criminosos¹⁷ e não para a sua descoberta.

Uma análise a estes folhetins permite concluir que as duas formas de captura de criminosos por eles apresentados, a culpa pessoal e a observação social, só têm validade numa sociedade totalmente imbuída em valores religiosos cristãos, dividida em pequenas unidades sociais onde todas as pessoas se conhecem e onde a socialização tende a ser um acto público. Este modelo de sociedade ocorreu de facto na época medieval; no entanto, em pleno século XIX as sociedades em geral já não se regiam por estes princípios, transformando o sistema de controlo do crime implícito no *Newgate Calendar* numa esperança atavística.

Numa sociedade com contornos intrinsecamente urbanos e capitalistas instalou-se a necessidade de projectar um novo modelo de justiça que fizesse face à ameaça do acto criminoso; torna-se então imperativo recorrer a especialistas em investigação

¹⁷ Na esmagadora maioria das vezes os malfeitores eram enforcados junto dos locais onde haviam cometido os crimes em tom de aviso para os demais.

criminal capazes de apurar a verdade, e posteriormente apresentar os culpados perante a um magistrado. Esta função começou por ser preenchida pelos *Bow Street Runners*, assim chamados porque eram uma força policial móvel adstrita ao tribunal de Bow Street de Londres. Estes homens tinham como função investigar os crimes relatados e capturar os culpados pelos mesmos; no entanto, a sua fraca produtividade, que se resumia à recuperação de bens furtados, consolidava a desconfiança popular acerca da eventual ligação destes com os criminosos que deveriam capturar e apresentar perante a lei, como confirmam Knight e Symons:

Their origin was as mobile specialists to investigate reported crimes and pursue identified criminals. [...] but they never had a very high profile, and never gained much credence as icons of security; they tended to be better at recovering property than catching criminals, and were often assumed to be in league with the thieves themselves [...]. (Knight, 2004: 10)

Certain areas of London, as of New York and other big cities, were practically immune from visits by the police, and the detection of crime was in the hands of the Bow Street Runners, who were in effect private detectives operating for private reward, and widely thought to be susceptible to bribery. (Symons, 1972/1985: 45)

Dada esta conjuntura, os *Bow Street Runners* detinham muito pouca credibilidade no seio da população como garantes de segurança, pois uma grande parte dos elementos desta instituição não identificava os criminosos, não repunha a ordem e não assegurava a justiça de forma neutra e desinteressada. O descrédito em torno desta força policial veio assim a projectar-se na criação, por parte de William Godwin, do primeiro detective ficcional – Caleb Williams – com a competência necessária para fazer aquilo que os antecessores da vida real não haviam conseguido – inquirir, realizar uma investigação, actuar com idoneidade e acima de tudo repor a ordem e a justiça.

A narrativa em *The Adventures of Caleb Williams* (1794), centra-se em primeira análise na detecção do culpado do(s) assassinato(s) e na perseguição movida pelo criminoso ao responsável pela sua identificação. Mas por outro lado, é também um texto

que faz eco das ideias sociais e convicções particulares do autor¹⁸. No início do romance, Caleb Williams é um jovem pobre de grande capacidade intelectual acolhido por um *Squire* chamado Falkland que nutria por ele um grande afecto. A situação altera-se de sobremaneira quando a curiosidade, característica fundamental do detective amador, impele Caleb a desconfiar e investigar o seu próprio protector acerca de um crime anteriormente ocorrido:

Falkland, a generous and charming country squire, is accused of stabbing to death his atrocious neighbour, Tyrrell. He is tried and acquitted. [...] Caleb is a poor boy who enters Falkland's service as secretary at a time when the murder lies in the past. He suspects that his master had something to do with the crime, and pursues his investigation with the unquenchable curiosity of the amateur detective. (Symons, 1972/1985: 29)

Caleb Williams, após ter descoberto a verdade, acaba perseguido por toda a Grã-Bretanha a mando de Falkland, sendo posteriormente encarcerado por um alegado roubo de jóias ao seu antigo protector. Esta conjuntura indica que a figura dum herói armado dum viva e perspicaz inteligência, capaz de fazer face ao crime, é estruturalmente fragilizada por via da falta de um estatuto social reconhecido pelas altas camadas da sociedade e em simultâneo pelas instituições judiciais. Porém, a não utilização de um herói proveniente da aristocracia não é de estranhar se atendermos à ideologia do presente autor e a sua intenção de denúncia do despotismo da organização social inglesa coeva.

A criação de um investigador com elevado estatuto social não tardou a aparecer; pelas mãos de Bulwer-Lytton¹⁹ surge em *Pelham* (1828) uma figura modelada pelos parâmetros de um verdadeiro *gentleman*. Pelham é descrito como um aristocrata inglês

¹⁸ William Godwin foi um jornalista e escritor inglês do século XVIII que se identificava como um proto-anarquista, republicano e socialista. Godwin viria a exercer grande influência sobre os poetas românticos ingleses, especialmente Shelly, o seu genro.

¹⁹ Bulwer-Lytton (homónimo de Edward George Earle Bulwer-Lytton) foi um escritor inglês do século XIX que se notabilizou pelo romance policial *Pelham*, para além de estudos sobre a motivação e psicologia criminal, como é o caso de *Paul Clifford* (1830).

que deambula pelos salões nobres de Paris e se torna um Membro do Parlamento, mas que ao perder o seu assento parlamentar, toma contacto com o mundo do crime existente em Londres, dando início à sua actividade como detective amador. Na ficção de Bulwer-Lytton, a autoridade em si tem um papel secundário, sendo dada primazia ao processo investigativo informal conducente à descoberta da verdade e consequente captura dos criminosos. No que concerne a provas dúbias, rumores, complicações na sociedade e personagens duvidosas, *The Adventures of Caleb Williams* e *Pelham* não apresentam diferenças significativas; contudo, quando analisada a estrutura social destas narrativas o mesmo não se pode afirmar:

Bulwer's novel is also the structural reverse of Godwin's: here the inquirer is himself an aristocrat as well as being clever and persevering, and the suspect nobleman is exculpated; the unsavoury types that Falkland employed to hunt Caleb are now the cause of the crime. Bulwer has straightened out the difficulties that Godwin encountered and explored, and created a story where the values of friendship, perseverance, organisation, courage and, within limits, rational inquiry are seen to triumph over the threats of violent disorder. (Knight, 2004: 13)

Pelham simplifica e reorganiza a configuração existente em *The Adventures of Caleb Williams*, por força das pressões sociais subjacentes à sociedade inglesa de então (período pós guerras Napoleónicas e de crescentes pressões reformistas inspiradas pelo utilitarianismo). Dada a conjuntura social existente, houve a necessidade de encarar o crime de uma outra forma; quer os *Bow Street Runners*, quer detectives sem poder na sociedade como Caleb Williams eram manifestamente insuficientes para deter a massificação do crime em curso. *Pelham* é assim o primeiro detective disciplinador que assume a missão da reposição da ordem pela punição do crime.

No processo evolutivo do romance policial há um nome incontornável – Vidocq, dado ter sido o primeiro detective profissional que é ao mesmo tempo uma personagem literária. Vidocq foi uma pessoa real que forjou a sua própria lenda ao longo de anos,

tornando-se mundialmente conhecido quando publicou as suas memórias em 1828. As mesmas encerravam em si alguma ambiguidade derivada do facto de existirem dois níveis de autoria, um mais realista, do próprio Vidocq, e outro mais hiperbólico, fomentado por escritores e tradutores²⁰. O então famoso investigador havia sido outrora um criminoso condenado às galés; no entanto, tal como muitos outros criminosos, fora cooptado pelo sistema policial Napoleónico como informador. Em consequência do seu sucesso nesta posição, Vidocq torna-se um detective a tempo inteiro; persegue conhecidos criminosos por zonas urbanas e rurais, entrevista pessoas, observa o espaço envolvente, espera pelo erro e é muito engenhoso, fazendo-se passar por criminoso quando necessário, para assim recolher informações preciosas. Para além do engenho, este detective conta ainda com uma grande coragem e audácia que o levam a situações extremas envolvendo risco de vida. Mas, a sua maior arma é sempre o seu conhecimento intrínseco do submundo do crime e de como o mesmo funciona, em contraste com os demais polícias que nele operam como *outsiders*. Para Julian Symons, a ambiguidade de Vidocq traduz-se em vantagem face à comunidade criminosa que não consegue discernir a sua verdadeira identidade:

Vidocq's importance rested in his nature as the archetypal ambiguous figure of the criminal who is also a hero. The interpenetration of police with criminals and the doubt whether a particular character is hero or villain, is an essential feature of the crime story, and Vidocq embodied it in his own person. (Symons, 1972/1985: 32)

Vidocq tem, efectivamente, uma boa capacidade intelectual ao seu serviço, mas a base das suas descobertas reside num moroso e determinado trabalho investigativo, sem o qual seria impossível repor a justiça e a ordem violada. A sua imagem foi

²⁰ Inicialmente foi o próprio Vidocq a escrever as suas memórias, daí estes relatos conterem um grau de veracidade muito elevado; contudo, ao serem traduzidos para outros idiomas e serem adaptados para histórias policiais por escritores da época, os mesmos foram sofrendo alterações de conteúdo, as quais sobrevalorizavam incorrectamente os feitos do investigador.

construída com base na instituição que o contratou. Em contraste com uma grande parte dos detectives mais recentes Vidocq não é um herói isolado, pertence a uma força policial e está em constante contacto com a população parisiense. Este é um protagonista com uma posição de fronteira que lhe permite coexistir em dois mundos díspares, o do crime e aquele onde vigora a lei, enquadrando-se em ambos em total simbiose. Para mais, contra criminosos perversos, sem remorsos e capazes de se ocultarem com sucesso, as características de Vidocq são fulcrais para o controlo do crime e consequente segurança da população. Por estes motivos, o Vidocq literário contribui em grande medida para a mudança de atitude da vasta maioria dos cidadãos comuns face às forças policiais. Isto, porque as suas façanhas foram sendo disseminadas pela população francesa e mais tarde europeia, quer em formato de livro quer em formato de folhetim, dependendo da capacidade económica do leitor. Paulatinamente, o detective deixa de ser encarado com desconfiança e suspeição, passando a ser entendido como alguém necessário ao bem-estar da comunidade e que personifica os valores morais desta. As memórias de Vidocq corroboram a crescente necessidade dum sistema público dedicado à identificação e captura dos criminosos do mundo coevo, e assim transmitir segurança à sociedade.

2.2- Heróis Míticos: Dupin, Holmes e Poirot

A ligação que une o herói à sociedade onde se integra é bastante complexa e denota grandes oscilações de proximidade, resultantes não só da conjuntura social, política e histórica de cada época, mas também das características conferidas pelo autor ao investigador.

As memórias de Vidocq foram um enorme êxito durante vários anos, mas foi o formato subsequente aquele que mais prendeu a imaginação dos leitores e escritores de literatura policial. Pelas mãos de Edgar Allan Poe emerge o modelo que críticos como Symons e Knight reconhecem como verdadeira ficção policial:

Almost every later variation of plot in the detective story can be found in the five short stories he wrote which, with a little stretching here and there, can be said to fit within the limits of the form. He is the undisputed father of the detective story [...]. (Symons, 1972/1985: 34-35)

Many writers have felt that Poe founded the crime story as we know it [...] Poe saw the possibilities that others were only half grasping, and [...] constructed a form strong enough to predict the possibilities of the genre that was not yet in being. (Knight, 2004: 26)

Neste novo modelo, Poe valida a figura do detective isolado e alienado da sociedade que supostamente integra. Poe dá a conhecer o seu herói, o Chevalier Auguste Dupin, em três diferentes histórias, mas no conjunto das mesmas subjaz a ideia de ser possível enfrentar qualquer problema racional levando uma vida de isolamento, intelecto e imaginação. Tendo estes pressupostos em mente, Poe conferiu a Dupin duas características essenciais que contribuem para o desejado efeito de distanciamento: a nacionalidade francesa e a aparente dissociação da sua classe social; Dupin não denota também interesse em bens materiais ou dinheiro, fazendo dos livros o seu único luxo.

Dupin não é um mero observador com saber empírico, resolvendo os problemas que lhe são apresentados através de pura dedução analítica e interpretação, acreditando na suprema importância do intelecto e organizando muitas vezes o seu discurso através de paradoxos para assim pôr em evidência a simplicidade do que, em primeira análise, pode parecer incompreensível. Com Poe, o detective intelectualizado consegue com maior ou menor dificuldade fazer a transição do misterioso para o lúcido, mas sempre, como observa Stephen Knight, valorizando a análise racional dos indícios materiais palpáveis:

The basis of Dupin's detection is his assessment of physical data. The material known is real, sense-available, though its analysis is projected at an ideal and theoretical level. The epistemology is at once based on facts and developed through ideal categories. Dupin is both in and above the real world. (Knight, 1980: 42)

Dupin combina subtileza, simplicidade e intelecto para determinar a veracidade dos factos e apresentar as suas conclusões em simultâneo ao leitor e ao narrador, fazendo da sua perspicácia em perceber a sequência lógica e a relação causa-efeito dos eventos, a verdadeira força do processo investigativo por si liderado.

Nas histórias escritas por Poe, o narrador, para além de ser o contador das mesmas, tem outro papel não menos importante, o de servir de elo de ligação entre os leitores e o herói. As explicações de Dupin são-lhe dirigidas, este por sua vez transmite-as aos leitores ardentemente à espera de mais informação. Narrador e leitor partilham sentimentos de surpresa e estupefação em relação aos feitos de raciocínio do detective. Edgar Allan Poe usa também a figura do narrador para estabelecer um modelo que viria a perdurar durante largos anos na ficção policial, o qual consiste na utilização de alguém próximo do detective, cuja aptidão intelectual é inferior quando comparada com a do

protagonista, elevando assim este último para um patamar de superioridade absoluta e intocável. Para Symons este é mais um traço da originalidade de Poe:

[...] Poe's originality does not end with the provision of material for plots used by writers who may well not have read his stories. He invented also the first detective of fiction, the Chevalier C. Auguste Dupin, and established the convention by which the brilliant intelligence of the detective is made to shine more brightly through the comparative obtuseness of his friend who tells the story. For nearly a century this was to be a fixed pattern for most detective stories. (Symons, 1972/1985: 38)

O isolamento do detective, a operar por conta própria numa sociedade já marcadamente burguesa, que contacta com o leitor através de um intermediário, torna-se uma característica fundamental na construção dum modelo de detective que faz da alienação uma arma de sucesso.

Edgar Allan Poe foi indubitavelmente, segundo os críticos, o grande promotor do desenvolvimento literário do romance policial; no entanto, aquele que se tornou, na imaginação do público, o arquétipo do detective ficcional acabou por ser Sherlock Holmes, criação de Arthur Conan Doyle. Rapidamente Sherlock Holmes se tornou o protótipo do detective clássico, sendo-lhe conferidos poderes de raciocínio quase divinos. Este é também um detective intelectualizado, hábil, energético e excêntrico; porém, ao contrário de Dupin, a sua idiossincrasia não o inibe de estar em contacto com as várias personagens que consigo coexistem nas variadas histórias. Concomitantemente, verifica-se de igual modo uma grande proximidade entre o herói e o leitor comum, o qual confia plenamente na competência de Holmes para o proteger dos indivíduos com comportamentos desviantes daqueles tidos como normais na sociedade.

Ao analisar-se a figura de Sherlock Holmes é possível descortinar uma mescla de características que fazem dele um investigador de excelência; o distanciamento, o discernimento, o uso apropriado da ciência, a compreensão, a astúcia e o seu próprio

traço boémio. Esta amálgama permite-lhe solucionar mistérios que mais ninguém consegue e a reposição da ordem e da justiça nunca estão em dúvida; Holmes transmite ao leitor a reconfortante ideia de segurança, assegurando-o do efectivo controlo da criminalidade. O leitor sabe que não detém os poderes do herói, por isso precisa dele para pôr cobro às actividades criminosas. Por seu turno, o detective não defrauda as esperanças depositadas em si, apaziguando as inquietações e ansiedades da sua comunidade ao repor a ordem no seu mundo incerto e conturbado, ainda que somente a um nível psicológico:

The captivated readers had faith in modern systems of scientific and rational inquiry to order an uncertain and troubling world, but feeling they lacked these powers themselves they, like many audiences before them, needed a suitably equipped hero to mediate psychic protection. (Knight, 1980: 67)

A arte de Conan Doyle criou um herói capaz de desvendar os mais profundos mistérios com base em métodos racionais credíveis, movendo-se com igual à vontade em paisagens sociais muito diversas, fazendo dele o espelho do conceito de autonomia, a grande virtude vitoriana. A caracterização de Sherlock Holmes revela as dualidades deste herói que, apesar do seu manifesto isolamento, se mantém simultaneamente em permanente contacto com a normalidade. Holmes é um confesso boémio, mas vive na zona profissional de Londres; é excêntrico, mas a sua casa alberga todas as comuns comodidades; o seu estajo de química é perigoso, mas é muito prático e tem grande uso. Estes detalhes são extremamente importantes para contrabalançar a divinização do herói. Ao fazê-lo, Doyle assegura o equilíbrio entre o familiar e o exótico. Neste âmbito a presença de Watson²¹ assume particular evidência, porque apesar da sua obtusidade

²¹ Um dos elementos que aparecem repetidamente nos romances policiais, principalmente nos romances policiais de dedução, é o auxiliar ou ajudante. Watson, o narrador da maioria das histórias de Sherlock Holmes, figurará para sempre como a figura tutelar deste elemento próprio das narrativas policiais. Para Cawelti (1976) o uso do amigo e/ou ajudante como narrador tornou-se uma característica do policial clássico usada pelo autor a fim de mais facilmente poder iludir o leitor e evitar a resolução do crime prematuramente. Dado que essa personagem não consegue acompanhar a linha de pensamento do herói,

quando comparado com Holmes, personifica as virtudes da classe média da época: lealdade, honestidade, bravura, e permite-se chamar a atenção do herói para a importância dos valores básicos da humanidade. Assim, Watson, para além de auxiliar Holmes nas investigações, serve de elo entre o detective e a sociedade burguesa de então:

The hero's greater incisiveness is needed to control anxieties. The closeness Watson has to Holmes links the detective firmly to the actual bourgeois world; the crucial difference between them, the definite diminishing of Watson through his own mouth are the features which make the hero distant from and also immediately, personally accessible to an anxious individualist bourgeois audience. (Knight, 1980: 85)

Doyle mostra-se um escritor atento às preocupações da classe média burguesa cujo objectivo é proteger-se e prosperar, criando histórias onde se retratam as possíveis ameaças para este grupo social vindas dos meandros da criminalidade.

Na linha de Edgar Allan Poe e Arthur Conan Doyle há um outro nome merecedor de destaque – Agatha Christie. Esta escritora foi ao encontro dos desejos de muitos, especialmente das mulheres, as quais engrossaram significativamente as fileiras dos leitores da ficção policial. Deste modo, as histórias de Christie regem-se por dois princípios fundamentais: são recriados os valores da classe média alta e a detecção dos criminosos assenta na observação minuciosa e no raciocínio lógico. Christie refina a estrutura do chamado *clue-puzzle*, facultando informações aos leitores mais atentos e consequentemente possibilitando-lhes acompanhar a resolução dos problemas em conjunto com o detective, seja Hercule Poirot ou Miss Marple. Apesar de um dos seus heróis ser homem, a componente feminina prevalece:

As becomes recurrently clear, Poirot's claim on rational and psychological mastery is a Holmes-like front for a simpler method; but here is not male clerical-style observation, but the types of knowledge that are classically, and stereotypically, female. (Knight, 2004: 91)

apesar da sua proximidade com ele, está impossibilitado de facultar demasiadas pistas, mesmo se fosse essa a sua vontade.

Nos enredos delineados por Christie, o crime é normalmente perpetrado por alguém interno a determinada realidade, um membro da mesma família, um morador da mesma mansão, um habitante da mesma comunidade; e neles todas as personagens são potenciais suspeitos, até o próprio narrador. O mundo ficcional desta escritora representa o sonho de uma vivência rural burguesa, sem a conflituosidade e a competitividade da sociedade real. Trata-se da projecção das ansiedades das pessoas da classe média que gostariam de ter uma vida onde a mudança e a desordem não estivessem presentes.

Paradoxalmente, é esta mesma classe média que se revê em virtudes como a lealdade, a bravura e honestidade, que simultaneamente é produto da mesma conjuntura impulsionadora do surgimento de actos ilícitos. Para além do êxodo rural para as grandes cidades, do desemprego e das más condições de vida existentes no início do século XX, factores considerados preponderantes para o enorme aumento de delitos cometidos, o avanço da indústria e do capitalismo gerou uma classe de criminosos profissionais. No meio desta coexistência de dois pólos antagónicos, desenvolveu-se a classe burguesa e paralelamente toda a estrutura do romance policial, pois ambas estão intrinsecamente ligadas, sendo a última o espelho da primeira. Mandel é um dos críticos a referir esta relação:

The history of the crime story is a social history, for it appears intertwined with the history of bourgeois society itself. If the question is asked why it should be reflected in the history of a specific literary genre, the answer is: because the history of bourgeois society is also that of property and of the negation of property, in other words, crime; because the history of bourgeois society is also the growing, explosive contradiction between individual needs or passions and mechanically imposed patterns of social conformism; because bourgeois society in and of itself breeds crime, originates in crime, and leads to crime; perhaps because bourgeois society is, when all is said and done, a criminal society? [...]. (Mandel, 1984: 135)

Não menosprezando nenhum dos pioneiros das narrativas policiais anteriormente referidos, é correcto afirmar-se que se deve à excelência dos textos ficcionais de Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle e Agatha Christie o facto do romance policial se ter tornado um dos géneros mais apreciados e populares em todo o mundo, conquistando um leque de leitores mais variado do que qualquer outro género de ficção formulaica. Isto, porque os melhores exemplos da literatura clássica transmitiam uma ideia de segurança, davam satisfação aos leitores, funcionavam ao abrigo de um pacto de *fair play* entre o autor e o leitor que no final culminava, invariavelmente, com a reposição da ordem e ainda saciavam a curiosidade de quem os lia. Para alguns críticos deste género literário, como Mandel, a relação estreita e honesta do autor para com o leitor é fundamental para se conseguir um bom enredo policial:

[...] while the story's hero always succeeds, the reader ought not to succeed in outwitting the author. Otherwise the psychological need to which the detective story is supposed to respond is not assuaged: there is no tension, suspense, surprising solution or catharsis.

The art of the detective story is to achieve this goal without cheap tricks. The clues must all be up front. No secret substitution of one identical twin for another is allowed, no secret passages out of rooms locked from inside. The reader must be surprised when the murderer's identity is revealed, and with no violation of fair play. (Mandel, 1984: 16)

Enfim, este género transmitia conforto psicológico a muitas das ansiedades sentidas pelo público, nomeadamente a ideia de insegurança que se instalou após a revolução industrial e a incerteza do papel de cada um na sociedade.

2.3- A Teorização de Chandler: Desordem nas Ruas

Nos anos vinte começa a emergir, do outro lado do Atlântico, um estilo de escrita policial muito particular, o qual se distanciou do modelo clássico²². Este novo subgénero, onde são nomes proeminentes Dashiell Hammett e Raymond Chandler, rompe com inúmeras características da narrativa clássica, estando em maior evidência as diferenças em relação ao espaço geográfico e ao protagonista. Enquanto que o policial de dedução decorre nas zonas rurais de Inglaterra, o detective é um amador que incorpora a tradição *genteel* e faz parte da cultura dominante, o policial *hard-boiled* tem por cenário a América urbana e o detective faz da investigação a sua actividade profissional, é solitário e provém dum baixo estrato social:

Like the classical story, we usually begin with the introduction of the detective, but instead of the charming bachelor apartment of Holmes and Watson, or the elegant establishment of Lord Peter Wimsey, the hard-boiled detective belongs to the dusty and sordid atmosphere of an office located in a broken-down building on the margin of the city's business district. (Cawelti, 1976: 144)

Como teoriza Chandler no seu célebre ensaio *The Simple Art of Murder* (1944/1988), para se escrever ficção policial com qualidade baseada, no realismo e na honestidade do autor em relação ao leitor, ter-se-á obrigatoriamente de delinear um herói capaz de enfrentar um mundo com fragrâncias pouco agradáveis, onde “a judge with a cellar full of bootleg liquor can send a man to jail for having a pint in his pocket” ou “hotels and apartment houses and celebrated restaurants are owned by men who made their money out of brothels” (Chandler, 1944/1988: 17), mas que é o mundo onde se move, um mundo de “mean streets” onde “a man must go who is not himself mean,

²² No entanto, reconhece-se o facto de nos anos 20 e 30 ter havido uma tentativa de transpor o policial clássico inglês para a realidade norte-americana por parte de alguns autores, nomeadamente Ellery Queen ou S.S. Van Dine e Rex Stout, cujos protagonistas são Ellery Queen, Philo Vance e Nero Wolf, respectivamente.

who is neither tarnished nor afraid”. O detective deste tipo de literatura é um homem comum e de honra, em busca da verdade escondida, tentando a todo o custo transmitir alguma segurança, se bem que temporária, ao mundo a que pertence e expor as pequenas corrupções que estão ao seu alcance denunciar, sabendo embora da sua impotência face às corrupções muito mais gravosas situadas para além da sua capacidade de actuação.

Os protagonistas deste subgénero partilham o mesmo espaço colectivo com os seus leitores. Estes últimos reconhecem as ruas, os transportes, os bares e os criminosos apresentados nos romances, sendo as dificuldades investigativas por que passa o detective facilmente imagináveis por si. Este é o ponto fundamental do raciocínio de Chandler, que o próprio descreve quando se refere ao trabalho do seu predecessor – Dashiell Hammett – da seguinte forma:

Hammett wrote [...] for people with a sharp, aggressive attitude to life. They were not afraid of the seamy side of things; they lived there. Violence did not dismay them; it was right down their street. Hammett gave murder back to the kind of people that commit it for reasons, not just to provide a corpse; and with the means at hand, not hand-wrought duelling pistols, curare and tropical fish. He put these people down on paper as they were, and he made them talk and think in the language they customarily used for this purposes. (Chandler, 1944/1988: 14-15)

Hammett e Chandler iniciaram ambos as suas carreiras nos anos vinte e trinta respectivamente, publicando histórias na revista *Black Mask* e daí derivaram para os enredos mais longos e complexos do *hard-boiled*. Os textos destes dois autores revestiam-se de uma enorme causticidade, dada a conjuntura que se vivia no país por esta data. A Lei da Proibição não limitou nem tão pouco abrandou o número de ilícitos ocorridos, paradoxalmente aumentaram as variações do crime não mais se cingindo apenas à produção ilegal de álcool. Posteriormente, a Grande Depressão de 29 veio dar ímpeto aos criminosos, registando-se um aumento exponencial de crimes violentos. Foi exactamente nos anos trinta que o crime organizado atingiu o seu pico. Ernest Mandel

atribui ao associativismo criminoso a responsabilidade do decréscimo de popularidade do policial clássico:

The coming of age of organized crime tolled the death knell of the drawing-room detective story. It is impossible to imagine Hercule Poirot, not to mention Lord Peter Wimsey or Father Brown, battling against the Mafia. Even the formidable Nero Wolfe takes fright when he finds himself confronting Zeck, the mysterious figure of organized crime. (Mandel, 1984: 34)

Com a imprensa da época a fazer eco do crescendo galopante do crime organizado, foi impossível, por parte das instituições policiais, ocultar a mudança que se estava a verificar na sociedade. Consequentemente, como afirma Symons, o público leitor deixou de se identificar tão fortemente com as histórias policiais clássicas, pois as suas inquietações e ansiedades estavam agora ligadas ao mundo urbano contemporâneo:

By the end of the Second World War the reassurances offered by the classical kind of detective story had become very shaky indeed. The social and religious structure of society had changed so much that its assumptions seemed preposterous. The pretence that the world was static could no longer be maintained. The detective story with its closed circle of suspects and its rigid rules had always been a fairy tale, but the point and pleasure of fairy tales is that by exercising the imagination one can believe them to be true. In the post-war world this sort of story changed from a fairy tale to an absurdity. (Symons, 1972/1985: 22-23)

Hammett e Chandler romperam abruptamente com os traços *genteel* da narrativa clássica, em especial com os crimes individuais motivados por razões emotivas; a podridão social, particularmente nas camadas altas da sociedade, torna-se a temática central das histórias, sendo sempre acompanhada pela brutalidade e violência. As suas narrativas são testemunho duma mudança dos valores burgueses motivada pelo impacto do crime organizado.

O herói do policial *hard-boiled* sente invariavelmente a necessidade de ir para além da explicação dos factos por detrás dos crimes que investiga, pois este só dá o seu trabalho por terminado quando se superioriza em relação ao criminoso do ponto de vista

físico. Assim sendo, a grande maioria dos romances *hard-boiled* culminam com o confronto directo entre o detective e o vilão. Por outro lado, o detective é sempre forçado a definir os seus conceitos de moralidade e justiça, perante não só os criminosos que eventualmente destrói, mas também perante os interesses individuais que se vê obrigado a proteger; frequentemente essa superioridade moral afirma-se discursivamente através dos comentários cínicos produzidos sobre os indivíduos ou entidades contratantes que ofendem o seu sentido romântico de ordem social. Como sugere Cawelti, durante a sua investigação o herói é sempre sujeito a várias pressões para não a efectuar, sendo ameaçado de sevícias, de possível perda da sua licença ou até de morte, dado os criminosos serem detentores de significativa influência política e social, não tendo qualquer pejo em fazer valer a sua proeminência para acautelar os seus interesses:

The hard-boiled detective faces assault, capture, drugging, blackjacking, and attempted assassination as a regular feature of his investigations. Moreover, he is frequently threatened with loss of his license or tempted with bribes of various kinds to halt his investigations, for the criminal is commonly a person of considerable political and social influence. (Cawelti, 1976: 143)

Corrupção, violência e crime são uma realidade central das cidades Americanas, nas quais “instead of the new Arabian nights, we find empty modernity, corruption, and death. A gleaming and deceptive façade hides a world of exploitation and criminality in which enchantment and significance must usually be sought elsewhere [...]” (Cawelti, 1976: 141).

O investigador *hard-boiled* tem a vantagem de funcionar eficazmente neste ambiente, onde os poderosos e belos (neste particular as mulheres) tentam usá-lo para atingir os seus propósitos. Durante o processo investigativo o detective confronta elementos corruptores que estão subjacentes ao mundo (pseudo)respeitável dos seus

empregadores, os quais não pode evitar porque precisa de trabalhar para sobreviver, uma vez que é um homem comum e não um excêntrico independente com poderes de raciocínio quase divinos. Contudo, a vulgaridade deste detective oculta qualidades indispensáveis para a resolução de crimes. Há uma dualidade intrínseca a este anti-herói, realçada aqui por John Scaggs que o vê como:

[...] a fundamentally divided figure. He (since the majority of hard-boiled texts until the 1980s the private eye is male) has two voices, and each voice reveals a side to the private eye that is incompatible with the other. He is tough, but sensitive. He is intelligent, but resorts to physical violence and coercion to achieve his goals. He is conspicuously hostile to the forces of law and order, but yet, nominally, at any rate, he shares their aim to restore and maintain the social order. (Scaggs, 2005: 61)

Ao observarem-se e analisarem-se as características de Sam Spade e/ou Philip Marlowe é legítimo dizer-se que estes podem e devem ser entendidos como figuras de fronteira:

The identification of the frontier hero as the archetype of the private eye is well established, and the two figures share a number of characteristics that are central to the hard-boiled mode. These include professional skills, physical courage affirmed as masculine potency, fortitude, moral strength, a fierce desire for justice, social marginality and a degree of anti-intellectualism. (Scaggs, 2005: 64)

Ao contrário do detective clássico, a coragem e a pujança física são essenciais para o herói *hard-boiled*, o qual é muitas vezes avaliado pela sua capacidade de infligir e estoicamente receber castigos físicos, como comenta Todorov, ao referir-se às obras de Hammett e Chandler:

Its chief feature is that the detective loses his immunity, gets beaten up, badly hurt, constantly risks his life, in short, he is integrated into the universe of the other characters, instead of being an independent observer [...]. (1977: 51)

As alterações feitas ao policial nos EUA, bem como o surgimento de investigadores intrinsecamente cidadãos, casos de Sam Spade e Philip Marlowe, são uma consequência não só do factor urbano mas também do factor americano. No entanto, é curioso notar que nos romances desta índole se encontra sempre um elemento feminino muito particular e preponderante para o desenrolar da história – a *Femme Fatale*²³, personagem de construção essencialmente misógina, que segundo Maureen T. Reddy (2003) é uma das grandes constantes do subgénero; construída como deslumbrante e sensual é conotada como força ameaçadora da honra do detective, mesmo quando não é a criminosa principal, distraíndo-o da sua busca incessante pela reposição da ordem. Estas mulheres tentam a todo o custo manipular o herói através da sua sexualidade, com o intuito de, numa fase inicial, o paralisarem e posteriormente o destruírem.

Em suma, os autores do subgénero *hard-boiled* apresentam um mundo corrupto e amoral, onde a lei se afigura ineficiente ou passível de ser circundada por meio de subornos, onde a elite social é demasiado decadente e egoísta para fazer justiça e proteger os inocentes, e onde resta ao herói chamar a si a responsabilidade de expor, proteger, julgar e por último, com alguma frequência executar.

²³ Há ainda uma outra figura feminina presente no *hard-boiled* – a secretária. Esta mulher está diametralmente oposta à *femme fatale*, incorporando os mesmos valores do protagonista, que a vê como uma irmã, e caracterizando-se por uma postura maternalista em relação ao mesmo.

Conclusão

A génese da ficção policial tal como é conhecida hoje tem as suas raízes na literatura popular de protesto social protagonizada por justiceiros que roubavam os ricos para dar aos pobres. A emergência de verdadeiras preocupações na sociedade motivadas pelo crime, veio dar o ímpeto necessário para o seu desenvolvimento, desde uma fase onde ainda não existia um efectivo especialista em investigação e a autoridade estava muito pouco credibilizada aos olhos dos cidadãos, evoluindo para o aparecimento do primeiro detective profissional deste género – Vidocq – que é simultaneamente uma personagem real e literária, até chegar à sua maturidade com Sherlock Holmes, o detective ficcional mais famoso do mundo imaginado por Conan Doyle.

O policial clássico de tradição inglesa acabou por ter uma difusão internacional; porém, quando chegou aos Estados Unidos, nunca conseguiu impor-se, apesar das tentativas feitas por S.S. Van Dine, Ellery Queen e Rex Stout, uma vez que as características deste formato não transmitiam ao leitor urbano americano a reconfortante ideia de segurança. Pelas mãos de Dashiell Hammett e posteriormente Raymond Chandler surge o formato mais genuinamente americano – o *hard-boiled*. Nesta nova tipologia de escrita detective e cidadão partilham o mesmo espaço, enfrentam as mesmas dificuldades e estão ameaçados pelos mesmos tipos de crime.

No capítulo subsequente, ir-se-á abordar a forma e a ideologia do policial, nomeadamente o cariz marcadamente formulaico e conservador do policial clássico de tradição inglesa, abordando-se também aspectos de forma relativos ao detective nativo e ao espaço por onde este se movimenta.

III – Forma e Ideologia do Policial

Introdução

Considerada a evolução do romance policial desde a sua fase embrionária até ao surgimento do *hard-boiled*, será agora analisado o carácter formulaico e simultaneamente conservador deste género, para posteriormente melhor se entenderem as eventuais inovações operadas por Hillerman, Lafavor e Owens. Ir-se-ão apresentar as diferentes perspectivas quanto às regras a seguir para se obterem textos de “verdadeira” ficção policial e também compreender a vertente ideológica por trás desta narrativa, tão particular, que tem vindo a dar voz a segmentos da sociedade muito específicos.

Por outro lado o romance policial é um género cuja importância se congrega, quase em exclusivo, em torno de uma figura basilar – o detective. Quer seja um investigador de cariz mais intelectual ou de cariz mais intuitivo, porventura até um investigador não humano²⁴, a função de repor a ordem é da sua responsabilidade. Atendendo a esta realidade inelutável, ir-se-á discutir com maior profundidade o estatuto ambíguo do detective étnico enquanto herói de fronteira.

Os elementos considerados preponderantes no género policial não se limitam às personagens, uma vez que o espaço físico e cultural que serve de cenário aos conflitos em torno dos quais se constroem as obras, influi determinantemente sobre os processos investigativos conduzidos pelo(s) protagonista(s). Assim, tentar-se-á perceber o simbolismo social da reserva, bem como o seu complexo estatuto em termos jurisdicionais.

²⁴ Ver as obras de Lilian Jackson Brown, por exemplo *The Cat Who Saw Red*.

3.1- Teoria Narrativa: Representações Literárias do Detective

3.1.1- Pressupostos Formulaicos

Crime, investigação, agente investigativo são conceitos facilmente associados, por críticos e leitores, ao romance policial; porém, o rosto mais visível deste género literário foi e continua a ser o detective. É esta figura o garante da reposição do equilíbrio da comunidade, expondo os mais profundos segredos, reconfortando o leitor/cidadão e aliviando-o das suas tensões do quotidiano. Neste âmbito é um dos elementos chave a contribuir para o carácter formulaico do género em questão.

O romance policial, mais do que a maioria dos demais géneros literários, adere a um conjunto de convenções específico. Este tipo de ficção é normalmente entendido pelos críticos como tendencialmente rígido e fortemente condicionado pelo seu aparato estrutural, sendo os autores que a ele se dedicam forçados a trabalhar dentro dos seus limites. Contudo, o conjunto de regras a obedecer não é consensual entre críticos e autores. Abordagens mais lineares como a de Stefano Tani (1984) apontam para apenas três elementos fundamentais: o detective, o processo de detecção e a solução, normalmente apresentada pelo primeiro, enquanto que abordagens mais latas como a de S. S. Van Dine (1928), o introdutor do policial clássico em solo americano, apontam para vinte regras a ter em consideração ao escrever-se literatura policial; de entre estas destacam-se as seguintes: só há espaço para um detective e um criminoso, tem de existir um corpo, não existem casos amorosos, a explicação dos factos tem de ter uma base racional e científica, o crime nunca pode ser fruto dum acidente ou suicídio.

Independentemente da abordagem feita, constata-se que a teoria narrativa subjacente ao romance policial é simples – ocorre um crime, o detective recolhe informação, o detective revela a solução num ambiente climático e por último o detective explica como chegou à solução. Como avança Todorov, a ficção policial

contém duas histórias, a do crime e a da investigação, sendo a segunda a reconstrução da primeira:

This novel contains not one but two stories: the story of the crime and the story of the investigation. [...] We might further characterize these two stories by saying that the first – the story of the crime – tells what really happened whereas the second – the story of the investigation – explains how the reader (or the narrator) has come to know about it. (Todorov, 1977: 48)

Segundo Cawelti, “The formula of the classical detective story can be described as a conventional way of defining and developing a particular kind of situation, [...] a pattern of action, [...] a certain group of characters and the relations between them, and a setting [...] (1976: 80). Para este crítico Poe definiu estes quatro aspectos de forma tão eficaz que até à emergência do *hard-boiled* os escritores do policial basearam os seus textos na estrutura daquele autor. Relativamente ao ponto um – *situation* – é referido o começo invariável do romance com um crime por resolver, normalmente assassinio, que desencadeia um processo investigativo que poderá estar centrado na descoberta da identidade do criminoso ou na clarificação da sua motivação. O ponto dois – *pattern of action* – centra-se na figura do detective e na sua investigação do ilícito, a qual comporta seis fases que podem ou não estar sequenciadas: introdução do detective, o crime e respectivas pistas, a investigação, o anúncio da solução, a explicação da mesma e o desfecho, por vezes surpreendente em relação ao perpetrador do crime. No ponto três – *characters and relationships* – aludem-se os papéis desempenhados pelas personagens: a vítima, o vilão, o protagonista e aqueles ameaçados pelo crime mas incapazes de o resolver. Finalmente o ponto quatro – *setting* – refere-se à localização onde decorre o enredo, recorrentemente reduz-se a apenas dois espaços isolados: a habitação do herói e local onde o crime teve lugar. Mistério após mistério, o leitor do policial clássico viaja inevitavelmente entre estes dois espaços cénicos e o caos ameaçador do mundo exterior raramente se integra na história.

Para Todorov (1977) a ficção policial tem normas de tal forma rígidas que desenvolvê-las é também traí-las; ao melhorar-se a ficção policial está a escrever-se literatura e não ficção policial; ou seja, a liberdade de inovar está limitada às regras de um género marcadamente formulaico.

A fórmula do romance policial, assim delineada, coloca claramente dificuldades textuais aos escritores que a queiram adoptar numa forma inovadora; no entanto, é essa mesma conjuntura narrativa que permite com alguma facilidade a ocorrência de transgressões aos seus pressupostos, frequentemente culminando em verdadeiras subversões das convenções do paradigma policial clássico.

Na introdução ao seu livro, *Diversity and Detective Fiction*, Kathleen Gregory Klein liga as recentes inovações operadas ao género às alterações sociais ocorridas nas últimas décadas do século XX, associando-as também à permeabilidade dos parâmetros da ficção policial clássica:

Paradoxically, this also makes the genre ripe for innovation with authors delicately working out the balance between what remains the same and what might conceivably be different. The changes of the past 25 years are congruent with a variety of recent social movements. The current range of socially provoked innovations began with gender – most sharply delineated in the modern female private-eye novel – and moved then to introduce race and ethnicity. (Klein, 1999: 1)

Como se verificará posteriormente, a preocupação com os elementos género, raça e etnicidade conduz à criação de detectives muito diferenciados que se apresentam (bem ou mal) como porta-vozes dos mais variados grupos minoritários²⁵. Esta novidade abre a possibilidade a cada um destes grupos ter um ou mais heróis com que se identifica e simultaneamente expressa os problemas sentidos no quotidiano.

²⁵ A criação de detectives com características facilmente reconhecíveis pelos leitores como pertencentes a minorias étnicas pode ser problemática e complexa, pois se por um lado satisfaz a curiosidade destes, por outro pode tender a confirmar muitos dos estereótipos existentes.

3.1.2- Pressupostos Ideológicos

Paralelamente ao seu carácter formulaico, o romance policial caracteriza-se igualmente por um claro conservadorismo ideológico assente em padrões sociais marcadamente burgueses.

A preocupação com a morte é muito antiga, dada a sua inevitabilidade. Se nas primeiras sociedades a morte é vista como uma fatalidade natural, o desenvolvimento do capitalismo vem alterar profundamente a atitude do indivíduo para com a mesma. Em sociedades onde a competição entre pessoas é uma realidade inelutável, os velhos passam a ser um fardo em virtude da sua fraca produtividade. A alteração da relação entre indivíduo e comunidade, produz seres humanos alienados obcecados com a integridade do corpo, ferramenta indispensável para trabalhar e consequentemente conseguir rendimento. Boileau e Narcejac (1975) sustentam que o medo, em particular o medo de morrer, é a raiz da literatura policial. O medo de morrer acaba assim por se repercutir na obsessão pelo crime, o qual conduz frequentemente à morte. Não obstante, o falecimento do corpo (vítima) na ficção policial não é considerado uma tragédia, tornando-se objecto de análise e inquérito. Críticos como Mandel consideram que a “reification of death is at the very heart of the crime story” (1984: 41).

A preocupação com a segurança pessoal de cada um conduz a uma visão maniqueísta, claramente burguesa, do mundo que a rodeia onde existem apenas dois campos possíveis de integração – o dos “bons” ou o dos “maus”, conferindo um carácter divisório ao género discutido:

The crime story is based upon the mechanical, formal division of the characters into two camps: the bad (the criminal) and the good (the detective and the more or less inefficient police). (Mandel, 1984: 42)

Esta forma simplista de abordar o assunto implica a aceitação de uma ideologia burguesa, individualista e capitalista por excelência.

O detective desempenha um papel fundamental, combinando um conjunto de qualidades que lhe permitem mergulhar nas profundezas da sociedade e emergir de forma triunfante, aliviando as tensões duma classe de leitores de valores convencionais. Apesar dos seus excepcionais poderes investigativos, o detective nunca põe em causa a auto-estima do leitor, provando a culpa, normalmente, de um só indivíduo em vez de expor uma culpa mais abrangente que poderia implicá-lo. Através do processo investigativo e resultante solução, o detective afirma o princípio básico dos finais do século XIX – o crime é estritamente o resultado de motivações individuais, reafirmando paralelamente a validade da ordem social existente. Adicionalmente, ao reduzir o crime a um mero puzzle de cariz racional, o protagonista transforma sérios problemas morais e sociais num passatempo agradável. Pode então dizer-se que a literatura policial possibilita uma espécie de metamorfose das intenções por detrás do crime: algo potencialmente perigoso e perturbador da ordem social é transformado em algo aparentemente sob controlo.

Richard Raskin (1992) em, “The Pleasures and Politics of Detective Fiction”, aponta para a possível explicação do facto deste género literário atrair tantos leitores. Segundo este crítico existem quatro aspectos fundamentais para tal suceder: primeiro pela sua função lúdica – autor, detective e leitor enredam-se num jogo de *fair play* muito aprazível emocionalmente para este último; logo em seguida está a função da concretização dos desejos, já que o leitor revê traços da sua própria identidade no detective, no criminoso e na vítima; em terceiro está a função de redução da tensão, através da qual a ansiedade do público é dissipada através do castigo do vilão; finalmente é enumerada a função da orientação, onde são focados mitos sociais que se prendem com conceitos como classe, etnicidade e género, os quais estão intimamente ligados com o cariz socio-político do romance policial.

A visão do romance policial como essencialmente conservador é partilhada por nomes como Ernest Mandel e Stephen Knight, cuja análise indica que este género promove e reforça uma ideia de controlo do crime validada por uma perspectiva do mundo das pessoas que se tornam a audiência central deste formato ficcional (classe média), as quais o vêem como uma fonte de prazer e conforto emocional (1980: 3-4). Por outras palavras, o mesmo é dizer-se que o policial na sua suposta inocência, reproduz a autoridade da ordem social vigente, e implicitamente o seu sistema de valores, de forma aparentemente natural e inocente. Mandel sintetiza os parâmetros marcadamente conservadores deste género narrativo da seguinte forma:

[...] the common ideology of the original and classical detective story in Britain, the United States, and the countries of the European continent remains quintessentially bourgeois. Reified death; formalized crime-detection oriented toward proof acceptable in courts of justice operating according to strictly defined rules; the pursuit of the criminal by the hero depicted as a battle between brains; human beings reduced to “pure” analytical intelligence; partial fragmented rationality elevated to the status of an absolute guiding principle of human behaviour; individual conflicts used as a generalized substitute for conflicts between social groups and layers – all this is bourgeois ideology par excellence, a striking synthesis of human alienation in bourgeois society. (1984: 47)

O teor eminentemente conservador da literatura policial, de acordo com as abordagens acima discutidas, é posto em questão por autores provenientes de franjas sociais minoritárias que escolhem propositadamente usar a narrativa policial clássica, subvertendo esta fórmula com o intuito de apresentarem paisagens socio-culturais distintas e vozes habitualmente esquecidas, ou quando muito antagonizadas.

Num país como os Estados Unidos onde a partir da segunda metade do século XX, as cidades vibram com uma nova autoconfiança ao ritmo de culturas e etnias com passados históricos e sociológicos bastante díspares será erróneo pensar-se na aceitação passiva deste modelo de policial por parte de autores que não se revêem nos valores tradicionais subjacentes ao género. Há outras vozes que querem ser ouvidas, que

querem também elas ter o poder da palavra. O poder discursivo é uma realidade inelutável, constatada pelo crítico russo Bakhtin, porque segundo este não existem palavras neutras, há sempre algo que lhes subjaz:

As a result of the work done by all these stratifying forces in language, there are not neutral words and forms – words and forms that can belong to no one; language has been completely taken over, shot through with intentions and accents. For any individual consciousness living in it, language is not an abstract system of normative forms but rather a concrete heteroglot conception of the world. All words have a “taste” of a profession, a genre, a tendency, a party, a particular work, a particular person, a generation, an age group, the day and hour. Each word tastes of the context and contexts in which it has lived its socially charged life; all words and forms are populated by intentions. Contextual overtones (generic, tendentious, individualistic) are inevitable in the word. (1934/1998: 35)

3.2- O Detective Étnico como Figura de Fronteira

O detective literário, por mais autónomo que se apresente tem raízes culturais e sociológicas que o acompanham durante o desempenho da sua actividade enquanto investigador, quer seja ele amador ou profissional. Neste âmbito a ficção policial dos últimos trinta anos e a multiculturalidade são contíguas, acabando muitas vezes por convergir e se entrecruzar, no sentido em que é comum neste género literário verificar-se a existência de duas ou mais culturas numa interacção que poderá eventualmente ser conflituosa do ponto de vista identitário, como explica Glória Anzaldúa (1987/1998), em *Borderlands*²⁶:

Nosotros los Chicanos straddle the borderlands. On one side of us, we are constantly exposed to the [...] Mexicans, on the other side we hear the Anglos [...]. Among ourselves we don't say nosotros los americanos, o nosotros los hispanos. We say nosotros los mexicanos (by mexicanos we do not mean citizens of Mexico; we do not mean a national identity, but a racial one). [...] Now that we had a name, some of the fragmented pieces began to fall together – who we were, what we were, how we had evolved. [...] Yet the struggle of identities continues, the struggle of borders is our reality still. One day the inner struggle will cease and a true integration take place. In the meantime, tenemos que hacer la lucha. (Anzaldúa, 1987/1998: 900-901)

A figura literária que percorre as *borderlands* referenciadas por Anzaldúa, e personifica o herói de fronteira, remonta aos grandes *Westerns* americanos dos finais do século XIX e início do século XX, a imagem do solitário duro adquire os seus primeiros contornos nestas histórias de aventura passadas nas fronteiras Californianas. Na verdade, estes homens denotavam já traços físicos e psicológicos que hoje são facilmente reconhecidos em vários investigadores contemporâneos, com especial evidência naqueles que se enquadram no subgénero do *hard-boiled*: a aptidão investigativa, a coragem física, a força moral, o intenso desejo de justiça e a

²⁶ Este conceito é utilizado pela autora para designar a vivência no mundo euro-americano por parte de pessoas pertencentes a grupos minoritários cujas raízes culturais provêm de mundos bastante diferenciados do primeiro, bem como para referir a problemática identitária que advém dessa existência dual.

marginalidade social. Dashiell Hammett é creditado por vários críticos em ter conseguido transpor e aplicar essas características do passado no mundo urbanizado actual, Knight e Scaggs são dois deles:

Dashiell Hammett is usually held to be the founding force of this kind of writing, bringing the independence and isolated rectitude of the old frontier hero into conflict with urban crime of modern America. (Knight, 1980: 135)

[...] the Californian setting of most of the early hard-boiled novels, and many of the later one, is a direct extension of the frontier stories of the western genre, and underlines the identification of the private eye as quick-fisted urban cowboy, who, when he speaks at all, speaks in the tough, laconic American vernacular. (Scaggs, 2005: 57)

A demarcação de linhas imaginárias criadoras de clivagens sociais ocorre usualmente entre comunidades diferenciadas, mas também no seio de cada comunidade. A alienação do detective *hard-boiled* faz dele um *outsider* entre os seus pares, a inexistência de família, amigos e residência fixa coloca-o à margem da sociedade que deveria integrar. A falta de apegos, sociais ou pessoais, são uma constante deste personagem, cuja vida está única e exclusivamente direccionada para o cumprimento do seu trabalho. O nome, ou falta dele, de um dos detectives de Hammett – Continental Op – é bastante significativo, simbolizando o Continental a agência de detectives representada e o Op o facto deste investigador ser um operativo da mesma. O nome não é de todo primordial, apenas o desempenho do seu trabalho. Contudo, há um aspecto relevante no cariz eminentemente associal do herói *hard-boiled*, o seu posicionamento no lado da fronteira que os leitores reconhecem como marginalizado, não é uma imposição, sendo acima de tudo uma opção pessoal tomada conscientemente. O seu modo de vida pode parecer um fracasso social, mas na verdade é uma forma de rebeldia, pois rejeita os conceitos padrão que determinam o grau de sucesso e respeitabilidade de cada cidadão. A seguinte passagem de *The Long Goodbye* (1954/1992) ilustra a posição do detective, pela voz de Philip Marlowe:

The other part of me wanted to get out and stay out, but this was the part I never listened to. Because if I ever had I would have stayed in the town where I was born and worked in the hardware store and married the boss's daughter and had five kids and read them the funny paper on Sunday morning and smacked their heads when they got out of line and squabbled with the wife about how much spending money they were to get and what programs they could have on the radio and TV set. I might even have got rich – small town rich, an eight-room house, two cars in the garage, chicken every Sunday and the Reader's Digest on the living room table, the wife with a cast-iron permanent and me with a brain like a sack of Portland cement. You take it, friend. I'll take the big sordid dirty crooked city. (*The Long Goodbye*: 249)

A hipótese de escolha tida por Philip Marlowe ou Sam Spade provém da sua condição de homens pertencentes à comunidade maioritária, em que a opção por um percurso de vida diferente foi sempre uma possibilidade em aberto. O mesmo não acontece com detectives oriundos de grupos sociais diferentes e/ou minoritários, aos quais são vedados muitos caminhos somente pelo facto de serem externos à sociedade vigente. Como realça Peter Freese, quando o detective pertence “to a community whose history, values, and way of life differ from those of the so-called mainstream, his or her story inadvertently turns into a comment on the challenges of everyday life in a “multicultural” society [...]” (Freese, 1992: 9-10).

Para detectives como os nativos-americanos a fronteira de que fala Glória Anzaldúa (1987/1998) é-lhes imposta pelos poderes políticos norte-americanos que tratam as suas comunidades como nações dependentes, mas simultaneamente externas ao seu sistema organizativo.

O detective nativo-americano, ainda mais do que outros detectives de outras minorias étnicas, vê-se forçado a estar à margem, não por sua decisão mas por condicionalismos inerentes às suas raízes culturais. A cisão existente entre nativos-americanos e brancos-americanos está bem demarcada por linhas territoriais, normalmente as fronteiras da reserva. E é neste espaço que se confina a acção do detective nativo, apesar de por vezes as investigações o levarem para zonas fora destes limites, o que acarreta invariavelmente problemas de confrontação jurisdicional. As

fronteiras da reserva acabam por ser um local dual de constantes passagens e travessias entre o lado marginal e o da sociedade padrão. A dificuldade em conseguir passar de um lado para o outro abre caminhos perigosos para o herói nativo, bem como para todos os nativos em geral, que podem conduzir à ambivalência; como sugere Anzaldua:

Chicanos and other people of color suffer economically for not acculturating. This voluntary (yet forced) alienation makes for psychological conflict, a kind of dual identity – we don't identify with the Anglo-American cultural values and we don't totally identify with the Mexican cultural values. We are a synergy of two cultures with various degrees of Mexicanness or Angloness. I have so internalized the borderland conflict that sometimes I feel like one cancels out the other and we are zero, nothing, no one. (Anzaldua, 1987/1998: 900-901)

O investigador nativo é sistematicamente confrontado com a ameaça de ficar suspenso no hiato que existe entre os dois mundos que habita. Para lograr resultados no seu trabalho o detective étnico tem de assumir uma postura próxima das referências euro-americanas, análise dos factos, raciocínio lógico e conhecimento dos procedimentos policiais; se no decorrer das investigações fizer uso exclusivo dos seus conhecimentos ancestrais será creditado como um *Shaman* ou homem de visões e não como um verdadeiro detective. Pode assim tornar-se muito penoso manter o equilíbrio espiritual e psicológico após e durante as transições entre a apressada e complexa sociedade urbana branca e o vagaroso e mítico mundo tribal. Este condicionalismo investigativo imposto é visto por Gina e Andrew Macdonald como uma violação das normas do policial, diminuindo o prazer da leitura por romper o pacto tácito entre autor e leitor:

The emphasis on intuition and heightened powers of perception fits with the Holmesian tradition of detection being the combination of close observation, logic and intuition. Nonetheless, when that intuition is reduced to shaman's medicine finger and its powers remain incomprehensible to western readers, the ethnicity works against the genre and the result is muddled and unsatisfactory. (Macdonald, 1999: 78)

A suposta obrigação de produzir literatura policial nativa-americana que seja facilmente compreendida por leitores provenientes dos grupos sociais euro-americanos encerra em si alguma, ou talvez muita, ambiguidade. Parece paradoxal a apropriação deste género com o intuito de expor as culpas da comunidade branca em relação às tribos nativas e ao mesmo tempo submeter-se à sua hegemonia sem tentar contrariá-la²⁷. O ónus cultural dos detectives nativos faz-se sentir em cada investigação, traduzindo-se num repetido conflito identitário de difícil gestão. Em muitas ocasiões o processo investigativo obriga à tomada de decisões importantes com vista ao desenrolar do mesmo, algumas das quais, apesar de serem tomadas em prol da comunidade, violam os princípios e valores das nações tribais. As transgressões das tradições a que a actividade de cariz policial obriga, quer sejam detectives amadores ou profissionais, geram um sentimento de traição nestes homens e mulheres. De alguma maneira estes detectives sentem que estão a ceder face à pressão exercida pelos poderes da nação norte-americana, nomeadamente em relação à força policial do FBI.

Narrativas em que a captura de criminosos oriundos da sociedade hegemónica ocorre nas reservas nativas, levam o FBI a forçar os detectives de fronteira a intervir nas buscas, pois estes últimos têm a capacidade de ver o que outros não vêem, atestando a sua predisposição natural para o que é a verdadeira essência da boa detecção – tornar compreensível o que aparentemente não é.

Não obstante à instabilidade identitária existente em volta do detective de fronteira, própria desta figura que serve de elemento de ligação entre duas realidades distintas, a sua qualidade enquanto investigador nunca está em causa. Apesar das confrontações com inimigos perversos, produto da sociedade norte-americana, capazes de pôr a sua vida em perigo, o herói de fronteira acaba invariavelmente por triunfar e

²⁷ Esta temática será abordada com maior profundidade em relação aos três autores alvo de estudo desta dissertação quando se analisar a estrutura das narrativas por eles apresentadas, nos capítulos seguintes.

devolver a harmonia ao seu povo; pois como é notoriamente destacado por Raymond Chandler no seu reconhecido ensaio *The Simple Art of Murder*, o herói é tudo:

He is the hero, he is everything. He must be a complete man and a common man and yet an unusual man. He must be, to use a rather weathered phrase, a man of honor, by instinct, by inevitability, without thought of it, and certainly without saying it. He must be the best man in his world and a good enough man for any world. (Chandler, 1944/1988: 18)

A evolução da figura literária do detective na segunda metade do século XX em diante é pautada pelos conceitos de etnia, raça e género, senão mesmo quase exclusivamente centrada neles. O detective continua a desfrutar de um grande apreço do público leitor, não só pelas mesmas razões que levaram muitos a tornarem-se apreciadores do género, mas também por ir ao encontro de muitos outros cidadãos, nomeadamente aqueles pertencentes a minorias (homossexuais, afro-americanos, nativos-americanos, feministas), e fazer eco dos seus pontos de vista e dos seus problemas junto da comunidade maioritária. É assim importante analisar o uso de um herói diferenciado para se tentar perceber até onde se estendem as balizas do romance policial, o que se fará com maior profundidade nos capítulos seguintes.

3.3- A Reserva – Um Espaço de Autonomia ou Segregação

O território por onde se move preferencialmente o detective nativo-americano caracteriza-se pela sua dualidade e pelo seu estatuto ambíguo perante as leis norte-americanas.

Como ficou patente no primeiro capítulo desta dissertação desde há vários séculos a conflituosidade entre as nações nativas e a nação euro-americana sobre posse territorial tem sido constante. Após muitos impasses, deliberações legislativas, perdas e ganhos de território, as fronteiras das reservas estabeleceram-se, estipulando claramente o espaço físico onde os nativos-americanos podem continuar as suas práticas tradicionais e religiosas sem interferência da comunidade hegemónica.

Rotular a reserva como um espaço intrinsecamente autónomo ou por oposição, segregador é escolher um dos lados duma realidade que é por natureza ambígua. Se muitas das leis americanas tendem a estigmatizar as nações nativas, confinando-as a zonas delimitadas que simultaneamente estão em solo norte-americano mas à parte do sistema vigente. Por outro lado, a vida na reserva mantém os seus habitantes na “condição nativa”, assim descrita por Browne²⁸:

As the Indians became more and more second-class noncitizens because of the different paths they trod, they became at the same time objects of scorn and of sympathy. Obviously mistreated like other minorities, the Indians consisted essentially of a nation apart, living in America but not of America [...] Indians occupied a position as separate, lesser and somewhat pitied Americans, still native and outside the loop of civilization and culture. (Browne, 2004: 14)

A ignorância acerca dos hábitos de vida nativos acaba por perpetuar mitos ainda por desconstruir que ajudaram a manter as tribos num mundo distante muitas vezes denominado de estranho e exótico.

²⁸ Não obstante a este facto, reconhece-se aqui a evidência de serem as nações nativas-americanas quem quer preservar a autonomia garantida pelas reservas.

Mas a visão exclusiva da reserva como símbolo de injustiça e ostracização é capciosa, uma vez que o seu estatuto ambivalente permite aos nativos tirar partido da proscricção a que foram sujeitos. As reservas tribais são espaços autogovernados com hierarquias e leis próprias, diferentes das aplicáveis a outros cidadãos norte-americanos. Nestes espaços os elementos nativos não se regem pelas leis estaduais, independentemente do estado americano onde se inserem, respondendo apenas perante as leis federais.

Viver nas reservas não é somente uma imposição, é também uma escolha tomada conscientemente pelas pessoas, tendo normalmente em consideração dois aspectos fundamentais; o gosto pela vida comunitária e o forte apego às raízes tradicionais bem como a incerteza e o receio de não sobreviverem com a sua identidade intacta num mundo exterior tão díspar do seu. Os próprios heróis literários nativos-americanos enfrentam muitas vezes este dilema típico de quem vive na reserva – arriscar ou não a vivência no seio da comunidade maioritária branca.

A dualidade inerente às reservas nativas repercute-se igualmente no detective de forma positiva e negativa. Pelo facto de se aplicarem as leis federais em território ameríndio, os polícias nativos ficam fragilizados perante os agentes do FBI, sendo frequentemente obrigados a ajudar e cooperar com estes últimos mesmo contra a sua vontade. Os detectives e, quando existem, as forças policiais nativas, detêm um estatuto de subalternidade para com os investigadores federais, não sendo reconhecida a sua importância para o sucesso das investigações. Os limites geográficos ditados pelas fronteiras das reservas colocam um outro problema sempre recorrente para o herói nativo – jurisdição. É comum verem-se nos romances policiais protagonizados por detectives nativos-americanos referências à constância desta adversidade:

The Navajo police lived with jurisdiction problems. Even on the Big Reservation, which sprawled larger than all New England across the border of New Mexico, Arizona, and Utah, jurisdiction was always a question. The serious felony brought in the FBI. (Hillerman, *People of Darkness*: 30)

A problemática da jurisdição assume maiores proporções quando o detective nativo se vê na eminência de ele próprio transgredir a lei. Sendo a grande parte dos criminosos destes romances policiais, homens brancos membros da sociedade maioritária, por vezes o sucesso da resolução dos crimes está dependente de incursões pelo mundo contemporâneo euro-americano; o que se torna uma clara transgressão às imposições jurisdicionais previstas nas leis federais. Contudo, a atitude do detective não o denigre perante o leitor, o qual está ciente que numa sociedade invadida pelo crime é preciso contornar ligeiramente alguns dos pressupostos da legalidade, para em última análise alcançar a justiça, proteger povo e repor a desejada harmonia.

Paralelamente, a natureza da reserva pode influir positivamente no estatuto do herói nativo-americano. Neste imenso espaço de contornos ancestrais e contemporâneos onde a vivência segundo as velhas tradições permanece quase intacta, o conhecimento parapolicial²⁹ é determinante para a resolução de crimes que tenham como cenário de fundo território nativo. Não obstante à desconsideração e ignorância dos investigadores federais em relação a este saber único, os mesmos servem-se dele, através dos detectives nativos, para levarem a cabo o seu trabalho. A reserva proporciona assim a elevação do estatuto do herói étnico aos olhos do leitor, pois se não fosse ele, a ordem dificilmente seria reposta e sem ela falhariam de igual modo as funções básicas do policial, a exposição do criminoso, a sua captura e a consequente protecção dos mais fracos e indefesos.

²⁹ Como conhecimento parapolicial considera-se aqui o saber intrínseco dos heróis nativos sobre a cultura, religião, tradições e espaço geográfico do seu povo.

Dada esta panorâmica, pode considerar-se a reserva como um espaço com grande simbolismo social, que dependendo dos interesses e/ou motivações pessoais pode ser perspectivada de formas bastante distintas. Em qualquer contexto, mas especialmente no da literatura policial nativa-americana, a reserva deve ser entendida na sua complexidade, caso contrário poderá ficar reduzida a um mostruário metafórico das injustiças infligidas pelos euro-americanos às nações nativas-americanas.

Conclusão

O romance policial, mais do que qualquer outro género literário, pauta-se pelo seu conservadorismo e carácter formulaico. O número não é unânime, mas existe sempre um conjunto mínimo de regras subjacentes a esta fórmula narrativa, que terão de ser cumpridas, de acordo com os pressupostos teóricos, para se produzir literatura policial. Paralelamente, o policial é influenciado por uma ideologia claramente burguesa, sendo a alienação humana e a reificação da morte os melhores exemplos dessa influência na ficção policial clássica.

No seu papel como figura de fronteira o investigador nativo serve de elemento de ligação entre dois mundos com ritmos e formas de viver muito diferentes, o que aumenta a possibilidade de se deixar apanhar nos interstícios dos dois locais por onde se movimenta. A vida destes homens e mulheres é complexa e fisicamente perigosa, e a colisão entre as necessidades das investigações e as tradições culturais e religiosas é permanente. Em inúmeras ocasiões as acções do detective são mal compreendidas pelos demais elementos tribais, os quais não conseguem entender alguns dos comportamentos do detective próprios de quem pretende levar a cabo uma investigação. O facto do herói nativo assumir uma postura semelhante à dos investigadores federais em alguns momentos do processo investigativo gera desconfiança nos cidadãos nativos em relação às suas intenções.

Analisadas que estão, num sentido lato, as características do detective étnico nativo, bem como os elementos primordialmente influentes nas investigações de actos ilícitos nas reservas; passar-se-á agora à análise restrita dos três autores alvo de estudo nesta dissertação. Tentar-se-á perceber como se apropriam do género policial e se o transgridem para assim fazerem eco dos pontos de vista das nações por si representadas, sendo Hillerman o primeiro a ser abordado.

IV – O Policial Nativo-Americano como Tradutor Antropológico: Tony Hillerman

Introdução

Tony Hillerman nasceu em Maio de 1925 no estado de Oklahoma, onde cresceu na quinta dos seus pais. Os pais do autor, acostumados ao contacto constante com as nações nativas, mantiveram-se sempre alheados do preconceito existente na comunidade branca apostando na educação do seu filho num colégio concebido inicialmente para receber apenas estudantes nativos-americanos. Na pequena cidade de Sacred Heart, Hillerman desenvolveu conhecimentos escolares e adquiriu saberes culturais, religiosos e tradicionais dos amigos com quem frequentemente interagiu.

Hillerman é um dos escritores contemporâneos que há mais tempo se dedica ao género literário policial, mais concretamente ao policial étnico nativo-americano. Hillerman escreve do ponto de vista de um nativo-americano, nomeadamente de um Navajo, quando não o é, suscitando naturalmente um debate sobre questões de essencialismo étnico. No entanto, Hillerman é considerado, pelos críticos, uma pedra basilar do romance policial pelo seu pioneirismo, pois a criação da emblemática figura do detective nativo-americano é de sua autoria.

Nesta perspectiva, pretende-se com o presente capítulo analisar a forma como este autor usa a sua vasta obra literária para dar voz a uma das maiores nações nativas-americanas dos Estados Unidos, considerando aspectos importantes como a estrutura da própria narrativa, a construção literária dos detectives e respectivo papel no seio da comunidade e também o grau de aceitação dos paradigmas clássicos normalmente associados a este género literário, procurando a existência de inovações em relação aos mesmos.

4.1- Parâmetros de Subversão dos Cânones

Tony Hillerman é um dos autores de ficção policial nativa-americana mais respeitados³⁰, pois esta emergiu em larga escala devido aos seus romances que têm uma projecção de dimensão mundial.

Hillerman deixa transparecer nas suas histórias uma especial preocupação com a espiritualidade, a qual é fundamental para todos os cidadãos nativos porque enforma o seu modo de vida. Mas o trabalho deste autor não se resume a um ponto único, estendendo-se a uma série de aspectos muito mais abrangentes. Como alude Wayne Templeton (1999), a narrativa de Hillerman funciona como uma metaficção, na qual existem duas sociedades (navajo e euro-americana), dois estados de graça possíveis e dois níveis de crime; o imediato, por exemplo um homicídio, e o sistemático, onde despontam as constantes injustiças cometidas contra a nação Navajo. A detecção e solução destes crimes são complexas, já que quando Leaphorn e/ou Chee³¹ apresentam o assassino à justiça estão a entregar o criminoso às autoridades euro-americanas; contudo, tal facto dificilmente confere satisfação à comunidade maioritária, pois se o crime não envolver o assassinato de uma pessoa não nativa por uma nativa, essa comunidade nunca chega a sentir-se ameaçada. De forma idêntica, a sociedade navajo não se sente em plena harmonia até que se estabeleça a justiça e equilíbrios internos.

Como Dashiell Hammett, cujos protagonistas percebem que estão a solucionar crimes menores enquanto os problemas de maior relevo, envolvendo policia e políticos corruptos, continuam por resolver, Hillerman usa os delitos dos seus romances como uma metáfora para as dificuldades existenciais sentidas pela nação Navajo, e criando

³⁰ A aceitação dos livros de Hillerman é mundial, tendo já sido publicados em vários idiomas, incluindo o japonês. A excelência do seu trabalho tem sido distinguida nas últimas décadas, nomeadamente com prémios como o Edgar Award ou o Anthony Award. De facto, Tony Hillerman é considerado pelos apreciadores do policial e por muitos académicos um extraordinário escritor cuja obra é uma marca no mundo da ficção.

³¹ O tenente Joe Leaphorn e o sargento Jim Chee são os heróis ficcionais de Tony Hillerman. Os mesmos serão apresentados em detalhe no subcapítulo seguinte.

detectives que são instrumentais a dá-las a conhecer ao leitor através do seu trabalho de investigação. Racismo, humilhação, indignidades e mal-estar generalizado são repercussões do colonialismo sentidas pelos navajo, descritas Hillerman com enorme sutileza e rigor, fugindo à tendência propagandista e proselitista.

Hillerman trabalha e escreve de acordo com alguns dos pressupostos mais tradicionais dos policiais baseados no raciocínio altamente intelectualizado do herói. A particularidade que mais distingue a obra do autor, resulta da perspectiva única incorporada pelos seus detectives, cujo perfil psicológico afecta a natureza e solução do crime. Não obstante, alguns críticos, como é o caso de Andrew Pepper, acusam Hillerman de não explorar muitas das possibilidades subversivas oferecidas por este tipo de literatura:

This particular frame of reference opens up Hillerman's crime fiction to a number of generically subversive possibilities, not least the problematisation of rational thought as the touchstone of investigative practise. Disappointingly, though, Hillerman tends to close off such possibilities, at least in so far as incidents and potential transgressions which appear to have no rational basis are usually revealed to be attempts by aspiring whites conspirators to conceal their culpability by exploiting particular Navajo mythologies. (Pepper, 2000: 164-165)

Maureen T. Reddy (2003) vai ainda mais longe nas suas críticas, apontando a Hillerman importantes erros etnográficos. Para esta crítica, apesar das boas intenções do autor, este permanece uma espécie de guia cultural duma nação considerada exótica, nunca apresentando essa outra América como a possível norma. Sendo os livros de Hillerman sobre nativos-americanos, não são escritos para eles mas sim para leitores não nativos, o que reforçaria a hegemonia branca, apesar de criticar as suas exclusões. A assunção que o público leitor de Hillerman não é nativo faz algum sentido, mas tratá-la acriticamente pode confirmar estereótipos existentes; pois tornar os nativos-americanos o objecto da atenção, os lidos e não os leitores, os observados e não os observadores,

não é um acto libertador ou transgressivo mas sim profundamente conservador. Quase no final do seu raciocínio, Reddy aponta para aquilo que na sua opinião seria romper definitivamente com as fronteiras impostas pelos cânones:

Writing about American Indians without assuming the necessity and normativity of whiteness – removing the white veil, so to speak – would require placing white readers in the position of eavesdroppers, their consciousness not central but marginal. Conceiving of white audiences as marginal would certainly push the boundaries of the genre in a way that white-authored crime fiction about people of color currently avoids. Hillerman, however, does not revise the genre but works well within its established boundaries. (Reddy, 2003: 171)

Na perspectiva destes críticos a obra de Hillerman não detém um carácter verdadeiramente subversivo, não querendo isso dizer que o autor não rompa com alguns dos paradigmas normalmente associados a este género literário. Se tomarmos como exemplo *A Thief of Time* (1988/2000) poder-se-á constatar uma construção na linha do policial de dedução, onde a caracterização do espaço geográfico predomina e o conjunto das personagens existente está subordinado ao retrato dos dois protagonistas. Por oposição, em *The Ghostway* (1984/2002) são inequívocas as diferenças do herói quando comparado com Holmes, Dupin ou Poirot. Chee tem dúvidas, comete erros e enfrenta um adversário de superior apetência física para o combate pessoal. Mesmo em relação aos heróis *hard-boiled*, como Sam Spade ou Philip Marlowe, existem diferenças notórias; no confronto com um dos vilões do romance – Vaggan – Chee prevalece com a ajuda de outro elemento navajo, a jovem Margaret Billy Sosi. Ele não é um solitário que depende apenas de si, já que pode contar efectivamente com os elementos da sua nação para superar dificuldades.

A avaliação da obra de Hillerman, assim como de outros autores, depende substancialmente do critério com que se aborda a mesma e das convicções de quem a aborda. No caso de Pepper e especialmente de Reddy, a sua visão do que é um texto

eminentemente subversivo leva-os a assumir uma posição de enorme exigência para com os trabalhos de autores de literatura policial étnica.

No âmbito desta dissertação, parece possível reconhecer na extensa obra de Hillerman um conjunto de pontos referenciais que parecem inovadores, apesar de não serem radicalmente subversivos. O facto dos romances se basearem na caracterização do espaço envolvente, terem heróis altamente intelectualizados, especialmente Leaphorn, capazes de se integrar no mundo mental Holmesiano e focarem essencialmente o espectro local em detrimento de uma visão mais globalizada sobre a colonização é uma realidade. Contudo, não é menos verdade o facto dos protagonistas não deterem uma superioridade inquestionável, de pertencerem a uma força policial efectiva, de operarem num espaço físico diferenciado e de existir ao longo dos romances uma grande incidência na religião e mitologia; a introdução duma etnicidade cujo passado social, histórico e cultural diverge da comunidade hegemónica é só por si uma inovação. Porventura, a intenção de Hillerman não é romper bruscamente com aspectos estruturais da narrativa clássica, mas sim trabalhar subtilmente sobre aqueles que podem manter-se inalterados e sobre outros que podem ser concebidos de forma diferente, para assim atingir o seu objectivo primordial – traduzir uma nação tribal bastantes vezes incompreendida e desconhecida no seio da sociedade branca. De acordo com Gina e Andrew Macdonald, Hillerman não defrauda o seu propósito:

Hillerman guides readers into the Indian World and makes it to some degree understandable and accessible while stressing its alien perceptions and its very different rules for personal, social, political, and environmental interaction. His plots explore the conflict between modern society and the traditional Native American way of life, mores, values, and customs. Hillerman's high quality research also makes him a sociologist, who is able to go far beyond tourist perceptions and enthusiasms. Like a social scientist, he recognizes and explores cultural strengths and weaknesses while maintaining a studied objectivity toward his subjects. (Macdonald, 1999: 75)

4.2- A Figura do Detective

Os detectives criados por Hillerman, os quais trabalham sozinhos em alguns romances e em parceria noutros, são o tenente Joe Leaphorn e o sargento Jim Chee da polícia tribal Navajo. Os dois apresentam um conjunto de características e perspectivas normalmente ausentes do género aqui discutido.

The Blessing Way (1970/2002) introduz Joe Leaphorn aos leitores, o protagonista que irá tornar-se uma figura central em muitos dos romances escritos por Hillerman. Leaphorn é a quinta-essência do detective metódico, cuja abordagem à resolução do crime se baseia na dedução e raciocínio lógico. O tenente Leaphorn é um verdadeiro Sherlock Holmes navajo, uma mente intensamente analítica em busca da resolução do crime cometido em circunstâncias pouco habituais. Paralelamente, o tenente acredita nos hábitos Navajo e faz uso deles no decorrer das suas investigações, especialmente no conceito da harmonia cósmica – designado por este povo de *hozho*; tudo o que possa interromper esta harmonia, como é o caso do crime, é considerado uma aberração e tem obrigatoriamente de ser corrigida:

He felt the irritation and uneasiness that he always felt when the world around him seemed out of its logical order. There was also a growing sense of anxiety. (*Listening Woman*, p. 93)

Therefore his present mood wasn't at all logical, and Leaphorn disliked illogic in others and detested it in himself. (*Dance Hall of the Dead*, p. 8)

Hillerman criou outra figura central dos seus romances, Jim Chee, também ele agente da polícia tribal. Chee conduz as suas investigações com muito pouco racionalismo, abordando a resolução do crime com base na pura intuição. Apesar de ser mais novo do que Leaphorn, é um tradicionalista convicto, conjugando, muitas vezes de

forma difícil, o seu trabalho com os estudos para se tornar um *yataalii*³². A tensão entre a progressão na carreira profissional e a aprendizagem dos rituais cerimoniais com o seu tio Frank Sam Nakai, é constante nos romances protagonizados pelo sargento:

As a first step, Jimmy Chee must study the white man and the way of the white man. When he came to understand this white man's world which surrounded the people, he must make a decision. Would he follow the white man's way or would he be a Navajo? (*People of Darkness*, p. 85)

Em *Sacred Clowns* (1993/2001), Chee começa mesmo a duvidar se conseguirá ser um *yataalii* e agente policial em simultâneo, sentindo que o seu tio e os outros elementos tribais mais antigos não o acham suficientemente tradicional para poder conduzir as cerimónias religiosas correctamente.

Chee é um homem em movimento em duas direcções antagónicas. Ele acredita profundamente nos hábitos culturais do seu povo e no conceito navajo de *hozho*, e porque provém de uma família famosa pelos seus *yataaliis*, ele tem a clara consciência da progressiva perda de cultura dos *Dineh*, uma vez que os jovens navajo não estão a aprender como realizar os rituais cerimoniais e religiosos necessários para preservar os costumes ancestrais do Povo em número suficiente. Frank Sam Nakai incute em Chee a premência de manter a tradição oral viva; no entanto, no sentido oposto, a sua relação com uma professora americana, Mary Landon, fá-lo ficar dividido. Horrorizada pela ideia de criar os seus eventuais filhos no isolamento da reserva tribal, Mary Landon pretende que Jim se junte ao FBI, mas para ele a concretização deste pedido significa deixar de ser um verdadeiro navajo, abandonar a terra sagrada dos seus antepassados e desistir da esperança de ser um repositor da harmonia dos restantes navajos. Quando Jim Chee persegue a foragida Margaret Billy Sosi em plena cidade de Los Angeles em

³² Esta palavra não tem um correspondente rigoroso, mas por aproximação poderá designar-se por “curandeiro cerimonial”.

The Ghostway, acaba por, quase inadvertidamente, confrontar as suas escolhas e até ele próprio:

He would be wrong to lose her. Having made his decision, he set about confirming it – thinking of all things that were wrong with his job, with the reservation, with the Navajo culture. Making comparisons: This hospital room and the cold discomfort of his grandmother’s Hogan; the security of life with a regular paycheck and the sheep rancher’s endless nerve-wracking dependence on rain that wouldn’t fall, comparing the comforts of white society with the unemployment and poverty of the People. [...] He also felt depressed, nervous, frustrated, irritated, and generally miles from that condition for which the Navajo word is hozho. [...] Chee thought of his neglected studies to become a yataalii, a shaman whose work it would be to restore his fellow Navajos to hozho. (pp. 218-220)

O tenente Leaphorn comunga dos princípios de vida dos Navajo mas discorda de algumas das crenças na nação, especialmente daquelas ligadas ao sobrenatural e à feitiçaria. Muitos navajo, incluindo Jim Chee, temem-na e vêem-na como uma força muito potente e perigosa porque viola o estado de harmonia de todos os seres, animados e inanimados. Como é apanágio dos policiais por si protagonizados, Joe usa o seu intelecto e o conhecimento do seu povo para desfazer as maquinações dos criminosos cujas deformidades espirituais trazem violência e terror a todos os elementos tribais. Leaphorn é emocionalmente sustentado pela sua mulher, Emma, que é o seu verdadeiro laço com o povo Navajo. Contudo, a capacidade de Leaphorn de ver a sequencialidade de eventos aparentemente aleatórios causa-lhe algum desconforto e ansiedade, pois coloca-o à parte da normalidade. A sua elevada capacidade de raciocínio, o cepticismo em relação a coincidências e a objectividade permitem-lhe furar a espessa cortina das aparências, a perceber a realidade subjacente aos eventos ocorridos; mas, paralelamente fá-lo pagar um preço elevado. O tenente vê o lado mais escuro da condição humana e fica de alguma forma à margem das tradições do seu povo, do *Navajo Way*, o qual transmite um sentimento de pertença e participação necessários para manter a sua fé na vida.

Na verdade, *Listening Woman* (1978/2002), o terceiro policial protagonizado por Joe Leaphorn mostra, no final, um homem desgastado e abatido. O romance termina com o soterramento de importantes pinturas de areia que fazem parte da herança cultural dos *Dineh*:

Now Leaphorn was keeping his eye on the dark shape where cliff and water met – and the darkness that hid the cave mouth. [...] Nothing happened. [...] Seconds passed. A tremendous muffled thump echoed across the water, followed by a rumbling. Slabs of rock falling inside the cave. Too many rocks for the white men to remove to clear the path to Standing Medicine’s sand paintings, Leaphorn thought. (*Listening Woman*, pp. 314-315)

Não é assim, de todo surpreendente, que no seu quarto romance policial, *People of Darkness* (1980/2000), Hillerman tenha optado por introduzir aos seus leitores um detective mais jovem e confiante, Jim Chee. Este detective luta conscientemente com os problemas observados pelo seu antecessor e posterior parceiro.

Depois de três policiais entregues exclusivamente a Chee, Hillerman faz ressurgir o tenente Joe Leaphorn. Em *A Thief of Time* Joe aparece como um navajo moderno, funcionando como um mediador entre culturas, confortável com os hábitos da cultura dominante euro-americana, pragmático e sempre céptico em relação aos grandes tabus da sua nação; porém, é um conhecedor profundo das tradições tribais e sente as suas raízes na paisagem da reserva. Para além disso, ele rege-se e aceita o impulsionador metafísico da cultura Navajo – o *hozho* ou *Beautyway*, o qual implica harmonia, ordem cósmica e a interdependência da natureza com o povo Navajo. Qualquer tipo de crime, é desordem, caos, uma aberração social e espiritual:

Leaphorn squatted, grunted with surprise. He studied the small scattered frog bodies, some already shrivelled, some newly dead, each with a leg secured by a yucca thread to a tiny peg cut from a twig. [...] He tried to understand the mind that would be amused by it. He failed [...]. (*A Thief of Time*, pp. 297-298)

Intensamente analítico, Leaphorn procura constantemente descortinar uma sequencialidade na aparente aleatoriedade dos factos ligados ao crime. A sua investigação para resolver o misterioso desaparecimento da antropóloga Friedman-Bernal através da compreensão de intricados eventos, torna-se uma complexa metáfora para a sua necessidade de repor a ordem social e espiritual, não só para os elementos da sua nação mas também para si próprio, como forma de recuperação do seu desgosto sobre a perda da sua esposa Emma. A mudança ocorrida em Joe, de uma forte apatia para o redespertar da sua curiosidade e um novo apetite pela vida, faz parte do seu restabelecimento espiritual, da aceitação da morte de Emma e reafirmação da sua própria identidade enraizadamente Navajo. Neste romance e nos subsequentes, Leaphorn emerge como uma pessoa complexa, totalmente desenvolvida e heróica.

Jim Chee está nos antípodas em relação a Leaphorn. Mais novo e mais tradicional, aspira a ser um *yataalii*, o que posteriormente se concretiza, um homem respeitado pela capacidade de restaurar a harmonia física e espiritual. Inicialmente Chee não empatiza com o legendário tenente, mas respeita-o e quer a sua aprovação:

Chee could think of nothing to say. He didn't particularly like Leaphorn, but he respected him. [...] Much as Leaphorn irritated him, he wanted the man to pat him on the head. To say, "Good job, kid." (*A Thief of Time*, pp. 152-273)

Por seu turno, Leaphorn considera o sargento como atento e inteligente, mas também um sonhador romântico, característica incompatível com a sua actividade profissional:

He had run across Chee several times on other investigations. An unusually bright young man. Clever. Some good qualities. But he had what might be a fatal flaw for a policeman. He was an individualist, following the rules if and when they agreed with him. On top of that he was a romantic. He even wanted to be a medicine man. Leaphorn smiled at the idea. A tribal Policeman-Shaman. The two professions were utterly incongruous. (*Coyote Waits*, p. 30)

Não obstante, após algumas parcerias investigativas as desconfianças acabam por se dissipar, dando lugar à admiração mútua. As características dos dois detectives complementam-se, sendo o intuitivo Chee simultaneamente o contraste e o impulsionador da desconfiança de Leaphorn em relação a palpites e coincidências. A adesão aos valores tradicionais por parte do sargento serve para enfatizar o cepticismo do seu superior hierárquico. As crenças Navajo de Jim Chee permeiam as suas acções e pensamentos, permitindo a Hillerman introduzir subtilmente o folclore tribal e dados antropológicos da nação através da caracterização, em vez de fazê-lo através de comentários de autor. Quando Chee encontra navajos assassinados é profundamente afectado pelo *chindi*, o fantasma representativo de todo o mal existente no ser navajo morto, que pode devastar a harmonia interior do indivíduo. O leitor fica a conhecer este mito e as suas repercussões através do protagonista:

North was the direction of darkness, the direction of evil. It was through the north wall of a Hogan that a corpse must be removed in the sad event of death striking someone inside. Then the smoke hole would be plugged, the entrance boarded, and the place abandoned – with the corpse hole left open to warn the People that this had become a death Hogan. The body could be removed, but never the malicious *chindi* of the dead person. The ghost infection was permanent. (*The Ghostway*, p. 19)

No transcorrer dos romances protagonizados por Jim Chee e Joe Leaphorn, são postos em evidência os constantes desafios dos detectives enquanto navajos pertencentes a uma força policial duma minoria étnica. Como heróis liminares ambos têm de percorrer um sinuoso percurso entre culturas diferentes e ao mesmo tempo manter o balanço espiritual e psicológico, enquanto se movem entre as aceleradas complexidades da sociedade urbana branca e o relaxado mundo mítico dos Navajo – *Dinehtah*. Apesar de diferentes, os dois detectives esforçam-se por manter a todo o custo a harmonia profissional e pessoal nas suas vidas.

4.3- Paradigmas Narrativos

Tony Hillerman é um contador de histórias construtor de enredos intrincados que confundem o leitor e desafiam o poder intelectual dos seus protagonistas. Quase de forma inevitável, os policiais escritos por este autor começam com um crime chocante pela sua violência e horror.

Em *The Blessing Way*, um jovem Navajo permanece escondido na vastidão da reserva a fim de evitar a polícia americana (Blue Policeman), mas está nervoso por o seu esconderijo ser em Many Ruins Canyon, lugar assombrado pelos fantasmas dos Anasazi³³, que permanecem eternamente nos locais onde fisicamente haviam habitado. Louis Horseman é encontrado sem vida, levando Joe Leaphorn, a entrar no mundo da violência para desvendar o puzzle associado a esta morte trágica:

It was a young man dressed in jeans and a red shirt and with town shoes on. The body lay on its back, the legs slightly parted, right arm out-flung and left arm across the chest with the wrist and hand extending, oddly rigid. [...] the expression frozen on the face of the young man, the dead eyes bulging and the lips drawn back in naked terror. (p. 46)

Neste seu primeiro romance, Hillerman apresenta uma característica que se torna familiar nos trabalhos seguintes: o primeiro capítulo termina quase sempre com um conjunto de questões aparentemente sem resposta deixada a pairar no ar num cenário ameaçador.

As narrativas de Hillerman são profícuas em contrastar a nação Navajo com a comunidade maioritária euro-americana, *The Ghostway*, o seu sexto trabalho, é exemplificativo deste facto. As lutas internas de Jim Chee pela afirmação da sua identidade servem de estratégia para o autor explorar aspectos culturais dos Navajo e da civilização branca, pelo menos daquela que é tipificada na grande metrópole urbana Los

³³ Este povo é muito relevante na vida dos Navajo, pois poderão ser os antepassados desta grande nação.

Angeles. Neste romance, o mote é dado pelas palavras de Hosteen Joe, um velho navajo que acidentalmente testemunha um tiroteio, resultante em assassinato, no parque de estacionamento da lavandaria da reserva:

Hosteen Joe had turn then and walked back toward his daughter's truck. Behind him he heard the sound of a car door opening. Then closing. A yell. The sharp clap of a pistol shot. And then another shot, and another, and another. [...] The driver was Navajo, but this was white man's business. (*The Ghostway*, p. 4)

O assassinato, o envolvimento investigativo do FBI e uma jovem navajo foragida, conduzem Jim Chee ao obscuro mundo da grande Los Angeles, onde é confrontado com as realidades urbanas que poderão vir a ser as suas, se optar por deixar a reserva e abandonar o *Navajo Way*. As escolhas para Chee não são fáceis e Hillerman não oferece respostas às suas dúvidas. Na sua odisseia pela grande cidade Americana o detective depara-se com visões extremamente perturbadoras da vida moderna, nomeadamente crianças a prostituírem-se pelas ruas e idosos abandonados pelos familiares em lares de repouso às mãos de administradores interessados apenas em dinheiro. Numa das cenas mais marcantes do romance, Chee questiona um residente do Silver Threads Rest Home vítima de enfarte, Mr. Berger. Chee está consciente que apesar do impedimento discursivo, a mente de Mr. Berger está alerta e observou a sequência de eventos necessários para a compreensão dos motivos do crime. Esta testemunha, negligenciada pelos agentes federais, é essencial para o sargento, estabelecendo-se contacto entre ambos através de uma pantomima de mãos que possibilita a Berger relatar ao detective tudo o que havia presenciado. Uma cena deste género poderá ser considerada perigosa para o escritor, pois encontra-se no limiar do ridículo, no entanto Hillerman descreve-a com uma enorme clareza:

Berger had taken his hands from the walker. His fingers, twisted and trembling, became two men standing slightly apart wagging fingers indicated one man talking,

then the other man talking. Then the two hands moved together, parallel to Berger's left. He stopped them. His lips struggled with an impossible word. (*The Ghostway*, pp. 150-151)

The Ghostway introduz Vaggan, o vilão tipo das histórias de Hillerman; um homem sem escrúpulos, cuja motivação é monetária, completamente alienado dos outros seres humanos e desprovido de quaisquer sentimentos. O harmonioso Jim Chee é contraposto a este eficiente assassino profissional, que vive num isolamento espartano, cuidadosamente a preparar-se para um suposto holocausto mundial. Vaggan está convencido que será um dos poucos sobreviventes porque é um predador nato, mas na verdade, como todos os outros vilões da obra de Hillerman, ele seria apenas um desinteressante símbolo do mal se não fosse o facto de espelhar verosimilmente doenças sociais facilmente reconhecíveis pelo público leitor.

Na vasta obra de Tony Hillerman surgem como elementos mais visíveis do mal, a alienação e a ganância, de forma idêntica para ambas as sociedades – Navajo e Americana. De acordo com a mitologia da nação, o primeiro homem e a primeira mulher quiseram recorrer à feitiçaria para enriquecer. Procurar o ganho pessoal sem o merecer, é um comportamento desviante propiciador da disrupção da harmonia. Os elementos tribais com estas atitudes são referenciados como *witches*, pessoas degeneradas afastadas do *Navajo Way*:

Chee believed in witchcraft in an abstract way. [...] But he knew witchcraft in its basic form stalked the Dinee. He saw it in people who had turned deliberately and with malice from the beauty of the Navajo Way and embraced the evil that was its opposite. He saw it every day he worked as a policeman – in those who sold whiskey to children, in those who bought videocassette recorders while their relatives were hungry, in the knife fights in a Gallup alley in beaten wives and abandoned children. (*Skinwalkers*, pp. 252-253)

Similarmente a Edgar Allan Poe e a Arthur Conan Doyle, Hillerman incorpora muito material antropológico nas suas histórias e torna-o relevante para o desenrolar da

narrativa. Todos os mistérios solucionados por Joe Leaphorn e/ou Jim Chee implicam invariavelmente o uso do conhecimento intrínseco que ambos detêm sobre as tradições, cultura, religião e território navajo. Nesta linha está *Hunting Badger* (1999/2001), mistério que congrega o habitual cenário da reserva, descrições frequentes do povo navajo e o apelativo par de detectives Leaphorn e Chee, cuja investigação neste policial está relacionada com o assalto a um casino.

Oficialmente aposentado da sua actividade profissional, Leaphorn, teoricamente, não pode perseguir suspeitos; contudo a enorme cadeia de contactos que adquiriu ao longo de anos na força policial tribal coloca-o em actualização constante quanto à ocorrência de crimes no espaço jurisdicional da reserva. Ao ter conhecimento do furto, o tenente não resiste a fazer a sua própria investigação, apesar do FBI ter sido encarregue deste caso. Por seu turno Jim Chee dá também início às suas investigações, ainda que sob a alçada dos agentes federais, enquanto simultaneamente recupera de mais uma aventura romântica, desta feita com Janet Pete.

No decorrer das investigações, o tenente Joe e o sargento Jim ponderam a hipótese dos criminosos terem tido ajuda interna de um agente policial, mas a chave do mistério continua por desvendar – a fuga inexplicável dos culpados. Perto do final, o puzzle acaba por ser desmontado através de uma pista constante no folclore nativo-americano dado a conhecer a Leaphorn por uma antropologista sua amiga. Leaphorn e Chee ouvem a história de Badger, um bandido Ute que ficou conhecido pelas suas fugas constantes aos guerreiros navajo, aparentemente sem dificuldade. Assim, descobrem o que realmente se passou com Badger e com os assaltantes do casino, repondo mais uma vez a harmonia social:

“At the beginning” Louisa said.” So she recounted the deeds of the Ute hero/bandit, the futile efforts of the Navajos to hunt him down [...] “She said the navajos thought he escaped like a bird, but actually he escaped like a badger”. [...] “Like a badger” Chee said. “Or a prairie dog. In one hole and out another”. [...] So the

man we're looking for would likely know how his daddy did the badger escape trick. And where he did it". (Hunting Badger, pp. 191-192)

A importância, para os navajo, dos acontecimentos do passado no presente é posta em evidência noutro mistério que envolve indícios culturais da Nação – *Skeleton Man* (2004). Uma esquecida tragédia de há 50 anos, na qual dois aviões colidem, matando mais de uma centena de pessoas e espalhando os seus corpos por todo o Grand Canyon é o pano de fundo do enredo.

Joe Leaphorn empreende uma simples investigação de roubo a uma loja de lembranças que se vem a revelar muito mais complexa, pois envolve uma grande quantia de diamantes perdidos na altura do acidente de aviação. De forma a estabelecer a culpabilidade ou inocência do único suspeito, um jovem Hopi com perturbações mentais, Leaphorn com a ajuda de Jim Chee, tenta obter respostas em relação a este estranho evento. Juntos embrenham-se numa densa teia de perigosos mistérios em busca de respostas, diamantes e da estranha figura religiosa, o Skeleton Man:

Anyway, the Hopis know about him, and I think some of the Yuman people down in the canyon, too. And the Supai folks. Some of them call him Skeleton Man. Supposed to be the Guardian of the Underworld, and the spirit who greeted the first Hopis when they came up from the dark world they been living in. This spirit told them how to make their religious migrations and where to live when they finished doing that. And the big thing about him for the Hopis, this spirit taught them not to be afraid of death. (*Skeleton Man*, pp. 49-50)

De novo Hillerman tece um complexo puzzle cujas pontas soltas são ligadas e sequenciadas pelo lógico Joe Leaphorn e o intuitivo Jim Chee. Colorida pela descrição dos hábitos e costumes locais, pela fauna e flora do território envolvente ao Grand Canyon, a história coloca as habituais dificuldades investigativas aos dois heróis. Adicionalmente, subjaz no subtexto a importância de existir uma consciência multicultural por parte da sociedade majoritária branca em relação a aspectos da

mundivivência nativa-americana, de forma a evitar atropelos identitários da comunidade vigente sobre as nações nativas minoritárias.

Também *Talking God* (1989/2002) mostra o quão essencial para a resolução de crimes é a mitologia da nação Navajo; no entanto tem a particularidade de usar como cenário a cidade de Washington em vez da habitual reserva. Ambos em período de férias, Leaphorn e Chee não resistem ao seu instinto investigativo e dão início à investigação de dois casos distintos, os quais acabam por ter uma conexão. Enquanto Joe chega a Washington seguindo um trilho de provas para determinar a identidade dum corpo que o levam até ao Museu de História Natural Smithsonian e a Henry Highhawk, Chee surge na cidade a pedido de Janet Pete, o seu interesse amoroso, que tem em mãos um caso cujo cliente é o mesmo Henry Highhawk. Como reflecte o sempre analítico tenente:

“We are like two dogs who followed two different sets of tracks to the same brush pile. One dog thinks there’s a rabbit under the brush, the other thinks it’s a bobcat. Same brush pile, different information”. (*Talking God*, pp. 296-297)

O caso de Janet envolve a máscara cerimonial *Yeibichai* ou *Talking God*, tido como o avô materno de todos os deuses Navajo. Durante o romance, Highhawk é morto, tornando-se a máscara *Talking God* central para o desenlace da acção. A advogada contribui simultaneamente para a estrutura do mistério e desarmonia emocional do sargento Chee, agravada pelo sentimento de alienação provocado pela sofisticação urbana da capital Americana. De igual modo, também o tenente se sente à margem do frenesi citadino próprio de Washington, ansiando o regresso ao espaço que sente como verdadeiramente seu.

No corpus de Hillerman destaca-se pelas variações apresentadas *The Sinister Pig* (2003). Contrastando com os policiais anteriores sobre a polícia tribal Navajo, Hillerman faz decorrer a maioria da história no Arizona e apresenta como personagem

principal a ex-agente tribal Bernadette Manuelito, apesar da presença de Jim Chee e do lendário Joe Leaphorn. Centrando a tensão do livro em problemas mais globais do que os explorados nos romances previamente escritos, o autor cria um interessante cenário no qual um poderoso cartel de droga sediado em Washington, constituído por homens de negócios e membros do congresso, elabora um esquema para usar condutas de gás natural abandonadas, para introduzir doses massivas de droga proveniente do México na América. Tal procedimento acaba com a necessidade de usar “mulas” humanas na forma de imigrantes ilegais mexicanos.

Hillerman desenvolve o enredo, fazendo parecer inicialmente que o verdadeiro crime se centra nos milhões de dólares devidos às tribos nativas-americanas por incumprimento das companhias petrolíferas a operar em território tribal. Com o transcorrer do romance, o leitor descobre que as intenções do cartel têm consequências muito mais abrangentes, nomeadamente o tráfico de estupefacientes para toda a América incluindo as reservas. Não obstante *The Sinister Pig* não apresentar o cenário normalmente utilizado por Hillerman, mantém todas as outras características, já referidas.

A narrativa de Hillerman na sua globalidade, introduz um espaço e um tipo de detective novos provenientes dum passado até agora pouco explorado no mundo da ficção policial. Ao produzir histórias passadas num ambiente social distinto, o nativo-americano, o autor abre uma janela a uma cultura cujos pontos de vista foram sistematicamente esquecidos e/ou antagonizados pelo corpus literário euro-americano. No entanto, não se está a afirmar que os romances de Hillerman devam ser lidos como montras de uma cultura exótica, mas sim como mediadores entre o público da sociedade branca e a cultura desconhecida representada. Ao leitor é dada a conhecer uma nova realidade através da introdução de regras e convenções Navajo indispensáveis para

investigar o crime e chegar à sua resolução. A ficção policial de Tony Hillerman tornou-se bastante apelativa porque este não abandona as raízes do puzzle para indulgenciar a sua dimensão antropológica.

4.4- A Voz Legitimadora da Narrativa

Numa sociedade multicultural como a norte-americana surgem naturalmente preocupações sociais nos subtextos de escritores que por essência ou afinidade são representativos das diversas minorias étnicas existentes no país. Para fazê-lo, os autores fazem uso dum dos elementos preponderantes da narrativa policial, a voz narrativa; ou seja, o instrumento utilizado para veicular ideias e/ou pontos de vista aos leitores. A premência desta apropriação baseia-se no facto da maioria das vozes existentes na ficção policial negligenciar os pontos de vista associados às subculturas, ou até antagonizá-los. No entanto, como afirma o próprio Hillerman numa entrevista dada a Rosemary Herbert, toda a informação passada ao leitor acerca das relações entre navajos e americanos cumpre uma função estética e não abertamente política e recriminatória:

The people who read me have had a hard day at the office; they've got all kinds of problems; they're worrying about God knows what; and they want to be entertained. They don't want some guy out in Albuquerque preaching to them about the sins of their fathers. They don't want me trying to retrain them in American history. They don't want me sermonizing on religion to them. They want to be entertained. (Herbert, 1996: 90-91)

Hillerman ajuda a reconstruir a harmonia usando uma voz americana distinta, empregada por dois heróis membros duma minoria racial cujas identidades estão perpetuamente em risco, fruto da sua exposição à cultura dominante branca. Chee e Leaphorn dramatizam nos seu pensamentos, acções e busca pela harmonia, a importância de manter as tradições culturais e tecem comentários sobre as possíveis consequências sociais inerentes à relações de fronteira, nomeadamente o álcool e a alienação de quem é apanhado nos interstícios culturais. O subtexto de muitos romances assenta exactamente na necessidade expressa pelos dois detectives de reafirmar os

valores tradicionais num mundo moderno e competitivo onde os estilos de vida são bastante distintos.

O tema da interculturalidade é objectivado entre a beleza e harmonia da vida navajo, dando enorme ênfase às ligações familiares, equilíbrio com o meio envolvente e lado espiritual da vida e os valores morais duma sociedade branca materialista baseada na competição, rivalidade profissional e ganância por prestígio e fortuna. As personagens responsáveis pelo mal na forma de actividade criminosa, não são julgadas por Chee ou Leaphorn mas compreendidas como o reflexo da distorção dos valores culturais e comportamentais da nação Navajo. Na verdade, a ambição desmedida da comunidade maioritária por riqueza e/ou reputação é o equivalente moral da origem do mal na mitologia Navajo. Mesmo personagens navajo como Jimmy Etcitty e Slick Nakai³⁴ são retratados com simpatia, a sua rendição à tentação de traficar artigos nativos do passado para alcançar ganhos pessoais é, segundo as palavras dos heróis, apenas um sintoma da desordem espiritual associada à perda de identidade e impossibilidade de perspectivar os valores do passado como afirmação de vida no presente:

“Um” Leaphorn said. He could see the big reservation hat of the young man through the back window of the pickup ahead. Odd to see a Navajo digging in the ruins. Stirring up Anasazi ghosts. Probably someone on the Jesus Road, or into the Peyote Church. Certainly a traditional man wouldn't be risking ghost sickness – or even worse, the reputation of being a witch – by digging among the bones. (*A Thief of Time*, p. 28)

Cada romance de Hillerman apresenta uma história separada e única, mas em todos eles subjaz a importância da espiritualidade, a qual se revela através da mitologia Navajo e é a grande força de Leaphorn e especialmente Chee. Dada a extensão global da obra de Hillerman poder-se-ia esperar repetição ou fastio, no entanto reconhecendo-se nas histórias uma linha orientadora notória, elas não são totalmente formulaicas. Mais

³⁴ Estes navajos são dois dos vilões em *The Thief of Time*.

significativo na obra do autor é o facto deste ir ao encontro dum ponto referenciado pelo crítico russo Bakhtin (1934/1998), nomeadamente o nivelamento das pessoas no plano da linguagem, difundindo as iniquidades do poder e concomitantemente dando a hipótese a todos os cidadãos de falarem com outros cidadãos sobre preocupações como o território e as desigualdades sociais, oferecendo assim oportunidades para a mudança política e cultural.

Hillerman tem a capacidade de, pela boca dos seus heróis, tornar central uma voz normalmente colocada na margem quando está em causa o corpus literário pertencente à ficção policial. Deste modo, o autor participa activamente na desconstrução da hegemonia branca, corrompendo-a e dando a conhecer por oposição uma comunidade minoritária distinta. Reddy alude para o facto da ausência de personagens representativas de culturas raciais diferenciadas, na vasta maioria da ficção policial existente, ser o factor fundamental para o desconhecimento do público leitor branco, acerca dessa mesmas culturas:

Given popular fiction's dual role of simultaneously responding to the fantasies of readers and shaping those fantasies, the absence of people of color from most crime fiction is a comment on the profound unknowingness about race that is clung to by many whites, to offer the least sinister interpretation. White readers who want their crime fiction all white, even if they are not consciously aware of that desire, have a plethora of choices. (Reddy, 2003: 117)

A linguagem não é meramente um veículo de comunicação, é também uma forma de ligar indivíduos à sua história e cultura; o facto de Hillerman introduzir muitas palavras navajo nos textos, mostra a intenção do autor em desafiar a ambição de uma linguagem unitária. Para mais, há a necessidade de trazer para a ficção policial pessoas com vozes e discursos próprios, dado que por vezes só assim é possível expressar na plenitude conceitos estranhos à maioria dos leitores. Um exemplo deste relevante

aspecto encontra-se no início de *People of Darkness* num diálogo protagonizado por Jim Chee e uma outra personagem chamada Rosemary Vines:

“I’m learning to be a yataalii”, Chee said. He used the Navajo word because no english word really expressed it. The anthropologists called them shamans, and most people around the reservation called them singers, or medicine men, and none of these expressions really fit the role he would play for his people if he ever finished learning to play it. (p. 8)

Tony Hillerman, assim como alguns outros autores do policial étnico onde se destaca Walter Mosley, subtilmente apresenta nos seus romances a necessidade da pluralidade vocal. Personagens como Mary Landon personificam a incapacidade dos elementos da comunidade maioritária em aceitarem serem absorvidos pela comunidade minoritária. Da mesma forma, que os nativos navajo rejeitam o inverso, os quais para fazê-lo têm como condição abandonar a sua linguagem e tradições para supostamente fazerem parte do (pseudo)multicultural mundo branco. Contudo, a vasta maioria dos navajo, representada por Joe Leaphorn e Jim Chee, resiste a estas pressões, optando deliberadamente por manter a sua identidade intacta, porque caso contrário estaria a negar toda a sua existência especialmente, do ponto de vista discursivo, da sua tradição oral, que é a base agregadora da nação. Em última análise esta perda conduziria a uma unificação linguística acrítica e puramente veiculativa da ideologia euro-americana. Mas tal visão, ao ter-se em conta as palavras de Bakhtin, é utópica porque a multiplicidade de linguagens existente está em constante competição, sendo impossível transformá-las numa só:

Language – like the living concrete environment in which the consciousness of the verbal artist lives – is never unitary. It is unitary only as an abstract grammatical system of normative forms, taken in isolation from the uninterrupted process of historical becoming that is characteristic of all living language. Actual social life and historical becoming create within an abstractly unitary national language a multitude of concrete worlds, a multitude of bounded verbal ideological and social belief systems; within these various systems are elements of language filled with various semantic and axiological content and each with its own different sound. (Bakhtin, 1934/1998: 32)

Conclusão

Ao longo dos seus vários romances, Tony Hillerman deixa transparecer o seu grande interesse na paisagem e cultura Navajo, fazendo interagir sistematicamente personagens, cenários e enredos das histórias, com base nas anteriores. Os livros de Hillerman presenteiam os apreciadores deste género narrativo com enredos imaginativos, bastante acção e uma escrita ludibriante capaz de enganar o leitor mais atento. Para mais, ao inovar algumas das premissas associadas ao género, o autor dá a conhecer em grande pormenor aspectos da mundivivência duma das maiores nações tribais da América, apesar de não explorar, de forma mais radical, alguns aspectos mitológicos dos navajo, nomeadamente o saber não-racional.

Os detectives ficcionais criados por Hillerman, personificam as dificuldades diárias do cidadão nativo-americano enquanto tentam repor a harmonia, resolvendo os crimes do presente e aludindo para os crimes do passado. Estes novos protagonistas envolvem-se física e psicologicamente nos crimes alvo da sua investigação, capturam os culpados, expõem a corrupção que se tornou geral e endémica e simultaneamente expressam no seu discurso uma visão pessimista e desiludida da sociedade que os rodeia, a qual os considera inferiores e selvagens, transmitindo ao leitor esse mesmo estado de alma.

No contributo para a disseminação da consciência cultural acerca das minorias nativas é também nome importante Carole Lafavor. No capítulo seguinte abordar-se-á esta autora com o intuito de verificar a forma como a mesma perspectiva e utiliza a ficção policial para dar voz à nação Ojibwa.

V – Vozes Múltiplas no Policial Feminino Nativo-Americano: Carole Lafavor

Introdução

Carole Lafavor é a autora dos dois romances policiais discutidos neste capítulo – *Along the Journey River* (1996/1997) e *Evil Dead Center* (1997). Lafavor é uma romancista Ojibwa e simultaneamente enfermeira, nascida em 1948, assumidamente lésbica, que vive actualmente no estado do Minnesota, em Minneapolis, com a sua filha.

Lafavor escreve os seus policiais perspectivando a sua nação de origem – a Ojibwa – incorporando simultaneamente dois aspectos adicionais, nomeadamente a feminilidade e o lesbianismo. É justamente sobre estes pontos que irá incidir o presente capítulo, pretendendo-se verificar a forma como a autora se apropria e trabalha esta fórmula popular de características tão particulares, especialmente tendo em conta que o faz através dum protagonista do sexo feminino e que assume publicamente uma orientação sexual desviante da norma social de qualquer comunidade, seja ela minoritária ou não. Os livros de Lafavor, que têm como protagonista a detective amadora Renee Laroche, inserem-se numa recente corrente de feminização do *hard-boiled*, onde são expoentes máximos Sara Paretsky e Sue Grafton, as quais começaram, no princípio da década de oitenta a publicar policiais *hard-boiled* protagonizados por mulheres, nomeadamente V. I. Warchawski e Kinsey Millhone.

Tal como com Tony Hillerman, é também objectivo deste capítulo discutir as estratégias de apropriação do policial por parte de Carole Lafavor; isto é, ir-se-á tentar perceber se há ou não por parte da escritora, na sua narrativa, inovação de alguma das premissas normalmente associadas a este género literário e a constatar-se a sua existência, apontar quais são.

5.1- Parâmetros de Subversão dos Cânones

A ignorância acerca dos estilos de vida das nações nativas-americanas veio a perpetuar mitos, ajudando a manter o fosso entre estas minorias étnicas e a sociedade hegemónica branca. Escritores como Carole Lafavor usam os seus livros para, entre outros propósitos, desmistificar e desconstruir tais conceitos de forma construtiva e instrutiva. Neste particular, Lafavor enriquece os seus mistérios adicionando-lhes um ingrediente desejado por muitos quando se trata de ficção sobre grupos minoritários, o sentimento de equidade. No trabalho desta autora são os nativos a estar num plano superior, situação especialmente evidente nos encontros entre a polícia tribal, personificada no chefe Hobart Bulieau, e os agentes federais do FBI:

The FBI men glanced at each other. “Well”, Lawton said over tented fingers, “I’m not at liberty to go into details, but I assure you it’s serious. If it becomes necessary for you to know, we will certainly bring you into the loop.” Chief Bulieau stood, looking from Lawton to Lancaster. “And I can assure you, gentlemen, if we need your help we’ll be sure to open our loop to you. Now, if you’ll excuse us, we’re due at a meeting.” Chief stared down the two agents. Stared down five hundred years of disrespect and lies, of arrogance and murder. (*Evil Dead Center*, p. 57)

No entanto, esta suposta superioridade ao nível discursivo dificilmente transmite à nação Ojibwa uma satisfação incondicional, pois os crimes que mais a afectam perduram – corrupção, perda de território e furto de objectos cerimoniais sagrados. Mesmo o chefe Bulieau e até a protagonista dos mistérios, Renee Laroche (apesar de não estar afecta oficialmente à polícia tribal), têm desde logo uma posição enfraquecida em relação ao FBI, assente em bases legislativas, as quais reconhecem os agentes federais como superiores hierárquicos dos agentes tribais. Pressupondo uma audiência genericamente não-nativa, os livros de Lafavor poderão tornar o leitor mais sensível para o desequilíbrio de forças que os mesmos ilustram.

A aparente vantagem dada aos elementos nativos nas histórias de Carole Lafavor pode ser considerada como o ponto de partida para a inclusão de vários aspectos com elevado cariz subversivo na obra da autora. Um dos mais importantes prende-se efectivamente com o uso dum herói bastante diferenciado, isto porque Laroche é nativa e mulher, uma mulher detective com uma vida que inclui outras mulheres provenientes de outros meios culturais e portadoras de experiências de vida diversas. Lafavor tenta assim resistir a um legado notoriamente masculino no mundo da detecção e desafiar um género literário até há relativamente pouco tempo povoado por homens activos e mulheres passivas que incorporam quando muito o papel de *femme fatale*. Para mais, depreende-se dos textos da escritora a existência duma consciência quanto à importância das mulheres na resolução dos crimes, pois as suas vivências constituem só por si diferentes formas da realidade e oferecem outras possibilidades de perspectivar e solucionar o caos provocado pelas mais variadas actividades ilícitas.

A complementar as duas características acima referidas, está o facto da heroína assumir uma orientação sexual desviante da norma, quer estejamos a falar de nativos-americanos ou não. Numa sociedade onde imperam sistemas patriarcais, a adopção de uma postura lésbica por parte da protagonista, permite à autora eludir e redireccionar a masculinidade geralmente intrínseca a este tipo de literatura. Neste sentido, uma detective com estes traços serve dois grandes fins, identificando crimes particulares, mas também os mais latos que envolvem a discriminação social, combatendo a homofobia e a misoginia. Renee Laroche reconhece em muitos homens estes preconceitos que insistem em não desaparecer:

Dr. Peterson's assistant slouched in the chair, legs spread, hands resting in his inner thighs, the kind of unconscious sexual aggressiveness Renee had come to expect from white men. "Well, well. Now Chief How Not To Do It has the local leezbeen doing his grunt work. I've always wondered Renee, why a handsome woman like you'd become a muff diver?" (*Along the Journey River*, p. 149)

A orientação sexual de Laroche bem como o seu relacionamento conjugal muito pouco convencional poder-lhe-iam conferir um estatuto completamente marginal, porém não é isso que sucede na narrativa. Renee vive em confortável harmonia na reserva com os seus entes mais próximos e tem um papel relevante quanto ao bem-estar da comunidade Ojibwa. Lafavor, não problematiza deliberadamente a agenda lésbica, e simultaneamente constrói uma comunidade que aceita tacitamente as características da heroína, ao contrário do que seria de esperar. Nem mesmo possíveis tensões entre os três distintivos traços de Renee são mencionadas; em parte nenhuma dos livros é dado a entender ao leitor, explícita ou implicitamente, que existam tensões sociais pelo facto da heroína ser lésbica, mulher e nativa. Este retrato quase idílico de um círculo familiar extensivo respeitador da diferença, serve como antídoto, apesar de um pouco utópico, ao imperialismo cultural e sexual da maioria dentro e fora da reserva, tornando-se um acto tão libertador como a descoberta da verdade acerca do crime.

As narrativas de Carole Lafavor ajudam a desconstruir a visão referenciada por Maureen Reddy (2003), que aponta para o facto de tal como as mulheres asiáticas são descritas como “outros” facilmente domesticáveis, também os nativos-americanos são frequentemente ficcionalizados e imaginados como atraentes, exóticos e inofensivos, desprovidos de qualquer capacidade para desafiar a hegemonia da sociedade dominante, sendo inevitavelmente os observados e não os observadores. Não obstante à introdução de novos elementos quase sempre ausentes da ficção policial clássica e *hard-boiled*, alguns críticos consideram que Lafavor não explora completamente a potencialidade subversiva oferecida pelo género literário aqui discutido. Andrew Pepper, que se refere à obra da escritora como pouco ousada relativamente às tensões existentes no seio da tribo, bem como entre esta e o mundo exterior, considera que:

Carole Lafavor is certainly more vigorous about exposing the complicity of state-sanctioned institutions in damaging and subjugating the Ojibwa population on the Red Earth Reservation in northern Minnesota. [...] Like Hillerman, Lafavor avoids oversimplifying divisions, so that a “good” Native American population is locked into inexorable conflict with a “bad” white one. [...] Like Hillerman, too, Lafavor skilfully opens up tensions within the tribe itself. Laroche is not an officially sanctioned officer with the tribal police. [...] Lafavor may open up these tensions but she also closes them off so ruthlessly that *Evil Dead Center* at least mutates into a less interesting, more straightforward crime novel. (Pepper, 2000: 165-166)

O facto da autora não explorar possíveis áreas de inovação leva Pepper, assim como outros críticos, a considerar que a mesma encoraja a já predominante atitude de todas as consciências existentes serem marginais à branca, negando ainda a possibilidade de introdução da subjectividade nativa como cerne do enredo. Porém, tal como com Hillerman, a apreciação do carácter subversivo da obra de Lafavor é complexa, não devendo ser analisada de forma linear. Naturalmente, a ficção policial escrita por Lafavor contém traços estruturais remiiscentes do policial de dedução clássico – descrições frequentes da paisagem envolvente, abundante caracterização, seio familiar idílico e o retrato do herói num plano destacadamente superior ao resto das personagens – e inclusivé da tradição *hard-boiled*, já que apesar da sua proximidade ao tenente Bulieau, Laroche é detective amadora, conduzindo quase sempre as suas investigações sozinha, confrontando fisicamente os criminosos e chegando mesmo a correr perigo de vida, como é o caso em *Evil Dead Center* (p. 184). No entanto, estas características mais convencionais são complementadas nas narrativas da escritora com outras claramente transgressivas. O espaço físico e as raízes culturais são distintos, sendo ambos fundamentais para a resolução dos crimes, o saber não-racional afecta a investigação e a protagonista e é introduzido como poderoso meio para repor a harmonia, entretanto corrompida pelo crime. Mas estes aspectos, embora importantes, são apenas o preâmbulo do factor considerado no âmbito desta dissertação verdadeiramente inovador; a saber, o facto de Lafavor conseguir congregiar num género

aparentemente rígido e normativo, três pontos de vista minoritários – étnico, feminino e homossexual. Neste particular, a autora destaca-se em relação a outros nomes proeminentes deste corpus literário pelo seu pioneirismo. A introdução do aspecto feminino só por si obriga o leitor a repensar as suas assunções, como observa Heta Pyrhönen:

Feminist detective-fiction criticism maintains that the version of the genre embodies the most severe critique of it. It is seen to entail an essential subversiveness, turning the familiar features of detective fiction upside down and inside out, exposing the genre's fundamental conservatism and challenging the reader to rethink his or her assumptions. (Pyrhönen, 1994:109)

Não se colocando em causa a intenção subversiva de Carole Lafavor reconhece-se a sua coabitação harmoniosa com aspectos estruturais da narrativa clássica. Eventualmente, o objectivo da autora é evitar criar ainda mais tensões entre duas nações marcadas por uma série de encontros disruptivos, com especial incidência para a tribo Ojibwa. O ponto fundamental será cativar a atenção dos leitores pertencentes à comunidade branca, para o facto de haver um grupo étnico com uma cultura, tradições e valores sociais bastante distintos, os quais devem ser respeitados e não subjugados a vontades arbitrarias de cariz político e legislativo. Paralelamente, através dum tom lúdico e instrutivo, evitando o carácter recriminatório, a autora evidencia pontos de vista habitualmente estigmatizados neste tipo de ficção, contribuindo decisivamente para a aceitação da mulher enquanto figura central de narrativas que evitam hierarquizar as várias categorias identitárias que a protagonista apresenta, optando por uma estratégia de normalização que por si própria desconstrói preconceitos.

5.2- A Figura do Detective

A heroína apresentada ao público nos dois romances policiais até agora escritos por Carole Lafavor, é Renee Laroche, a qual está muito longe de se enquadrar quer no arquétipo do detective clássico quer no seu contraponto *hard-boiled*.

Os leitores ficam a conhecer Laroche em *Along the Journey River* (1997). Neste romance, o enredo gira em torno do desaparecimento de artefactos cerimoniais sagrados e posterior assassinato do chefe tribal Jed Morrisseau, crimes esses que Renee tem de resolver enquanto navega na sua relação bicultural. A detective é uma mulher que vive de acordo com as tradições e preceitos da nação Ojibwa, mas por vezes não se sente à altura daquele que é o seu modelo – a sua avó, cuja sabedoria e conhecimento espiritual acabam por atestar as importantes diferenças existentes entre a cultura Ojibwa e a da população branca do Minnesota:

[...] Renee tried to catch the elder's reaction, something she often relied on. Gram was Renee's role model. The elder's willingness to be called to doctor bruises, pneumonia, or problems brought on by decades of stoop labour, as well as her careful tended spiritual life, served as an example that Renee tried but consistently failed to measure up to. Something was always changing the younger's woman direction, it seemed. (*Along the Journey River*, pp. 10-11)

Renee é professora numa escola da reserva, onde vive com a sua filha adolescente Jenny e a sua companheira branca Samantha, também ela professora num colégio local. O amorismo da protagonista deve-se às suas obrigações profissionais, mas principalmente ao seu passado enquanto elemento activo do movimento radical político nativo-americano, o que a tornou numa dissidente aos olhos de alguns elementos tribais, nomeadamente os mais velhos. Não obstante, este importante fardo carregado por Laroche é superado pela sua vontade de repor a harmonia no seio da sua

comunidade, fruto de pertencer ao Bear Clan³⁵ e de simultaneamente ser uma *tribal dreamer*³⁶ com responsabilidades sobre o bem-estar de toda a tribo:

Renee could have told Billy what the dream meant: that to dream about the cat is to dream about suspicion, anger, violence. That wanting too much of what others have creates confusion. (*Along the Journey River*, p. 123)

É significativo o estatuto ambíguo da protagonista, pois é apresentada no livro como sendo uma detective amadora, Renee faz parte duma força policial comunitária, sem qualquer reconhecimento oficial, criada para controlar as condições de trabalho dos elementos tribais mais jovens, tendo apenas uma relação estreita com o tenente Hobart Bulieau, chefe da polícia tribal Ojibwa.

Em *Evil Dead Center*, a acção é despoletada pela morte duma mulher devido a hipotermia, fruto, aparentemente, do consumo excessivo de álcool. No decurso da sua investigação, Renee descobre que o crime inicial é apenas o resultado dum crime maior que envolve redes de pornografia infantil, e ao mesmo tempo mostra como negoceia a sua vida enquanto mulher nativa lésbica.

No segundo romance escrito por Lafavor, a proximidade de Laroche à polícia Ojibwa é posta em maior evidência, devido a dois eventos fundamentais: pelo facto do tenente dar à detective uma arma como se esta fosse uma agente, e mais ainda pelo facto de apresentar Renee a uma testemunha no decurso de uma investigação como sendo elemento da força policial tribal (p.16). Se se considerarem apenas estes factores poder-se-á considerar difícil para o leitor perceber com clareza e exactidão qual a posição da investigadora, mas tomando os dois romances como um todo poder-se-á perguntar se

³⁵ Na hierarquia da nação Ojibwa é obrigação dos elementos deste clã assegurar a paz, independentemente de pertencerem ou não à força policial tribal ou qualquer outra.

³⁶ Esta designação não tem um correspondente correcto, mas por aproximação poderá ser traduzida como “intérprete de sonhos”. As pessoas da nação com esta função devem ajudar os demais elementos tribais afectados física e/ou psicologicamente a interpretar os seus sonhos, ajudando-os a restaurar o seu equilíbrio espiritual.

esta conjuntura não será uma estratégia narrativa intencional por parte da autora para realçar a dualidade que sempre esteve presente na vida da heroína, que para a sua avó explica também as suas escolhas sexuais:

“You were named Wabanang Ikkwe for a reason. Morning Star stands between – not night or day, but guiding each. You live in the space between women and men. We are Great Spirit’s pure thoughts, nojishe, all of us. Here to love, so do not be ashamed of who that is. Creator made you and we don’t question the work of our Creator.” Gram’s attitude about her being a lesbian wrapped Renee with the love she needed. “Two-spirits have always been part of our community, nojishe. It’s good you’re ready to accept it.” (*Along the Journey River*, p. 11)

A própria Renee parece aperceber-se do seu estatuto liminal e tem consciência das implicações do mesmo na sua vida e na vida daqueles que lhe são próximos; daí enfatizar por vezes o facto de ser uma mulher sem qualquer papel oficial, trabalhando a título individual e tendo como objectivo último salvar os elementos da sua nação, de todas as ameaças independentemente da sua proveniência.

Laroche faz do seu sentido de responsabilidade para com a sua tribo e da sua utópica vontade de erradicar o crime, o motor das suas investigações. Renee não se caracteriza nem pelo vigor físico nem por capacidades intelectuais Holmesianas, mas sim por congregar ambos de forma equilibrada e aliá-los ao seu conhecimento nativo passado de geração em geração:

Renee was sure that now any worry about stealing Jed’s possessions came from non-Indians or unbelievers, the only ones who would rob the dead. Ojibwa knew that stealing from those who’d crossed over meant being haunted and hunted by their spirit. Fear took away any interest in what the dead might have. (*Along the Journey River*, p. 89)

Renee é uma tradicionalista veemente com a clara noção que as velhas tradições não estão a ser seguidas pela grande maioria dos Ojibwa mais jovens, optando por outras formas de ocupar o tempo introduzidas na reserva pela comunidade maioritária

branca, nomeadamente o álcool e o jogo. A detective é profundamente afectada por esta tendência porque a sua história de infância a tornou familiar. Uma das vitórias de Laroche em *Along the Journey River*, para além da resolução do crime imediato, é salvar Billy Walking Bear dum fim quase certo provocado pelo vício e assim reforçar a sua identidade enquanto Ojibwa. Para a heroína, a resolução dos crimes ocorridos na reserva servem não só para repor a ordem social da nação como também para repor a sua própria paz espiritual, afectada por décadas de desprezo e discriminação numa maioria genericamente heterossexual, composta também por elementos tribais:

“Mm and you think all those drunks and wife beaters on the rez remember the traditions?” Mollie said derisively. “You think they’re gonna thank you after this, Renny, or keep on snickering behind your back ‘cause you’re a lezzie, and with a white woman at that!” (*Along the Journey River*, pp. 131-132)

Paralelamente às tensões provocadas pela perturbação da harmonia tribal fruto da ocorrência de actividades criminosas, estão constantemente em evidência os problemas da vida pessoal de Laroche, em contraste com os detectives clássicos e *hard-boiled*. Em *Evil Dead Center* (p. 25) encontramos-a a reconhecer as dificuldades em conciliar as tradições ancestrais com o modo de vida da população dominante. Não só o trabalho, mas primordialmente a sua relação amorosa com uma mulher branca, Samantha Salisbury, obrigam-na a manter um pé em cada um destes dois mundos tão díspares. A opção de Renee de persuadir Sam a trocar a Nova Inglaterra pela reserva Red Earth, acaba por provocar tumultos vários na sua vida conjugal. Samantha tem grande dificuldade em imaginar-se a viver no isolamento da reserva, principalmente pelo facto de ser branca. A sua insegurança emocional e o medo de perder o amor de Renee permeiam as suas acções e atitudes. A críspação e o frenesi da vida pessoal de Laroche causam-lhe desconforto e mal-estar, que acabam por se repercutir nos processos investigativos por si conduzidos, obstruindo por vezes a sua clarividência.

Não é no entanto esta instabilidade emocional que leva a detective a pôr em dúvida a sua aptidão investigativa, mas sim o facto de deter um estatuto completamente amador:

The only thing Renee hoped the intruders might have left was a fingerprint or two. She could still pray for that at least. “But if they’re pros, we won’t find one. Goddamnit and it’s my fault. A real cop would’ve thought of that. I already knew the sheriff’s office was suspect. I should’ve have been more careful.”(*Evil Dead Center*, pp. 65-66)

Nos dois romances protagonizados por Renee Laroche, constatam-se os constantes desafios enfrentados pela detective, quer no plano profissional, apesar do seu reconhecido amadorismo, quer no plano pessoal. A heroína criada por Carole Lafavor encontra-se invariavelmente entre dois pólos antagónicos, relembrando em certa medida a mítica figura Ojibwa do coiole, o qual vive entre o caos e a harmonia, é herói mas igualmente vilão. Também Laroche se caracteriza por esta ambiguidade, vivendo entre a ordem e a desordem, entre a reserva tribal e a urbe branca do Minnesota, entre as responsabilidades para com os elementos da sua nação e o seu fervoroso amor por Samantha. Em última análise pode considerar-se que Renee personifica as dificuldades sentidas pela grande maioria dos elementos da comunidade Ojibwa, bem como o esforço destes para se manterem em sintonia com tudo o que os rodeia – o conceito de harmonia cósmica também utilizado pelos Navajo.

5.3- Paradigmas Narrativos

Como já foi referido, a colisão entre a sociedade euro-americana do Minnesota e a sociedade nativa-americana Ojibwa da reserva Red Earth, serve de base a Carole Lafavor para a construção dos seus enredos. Em *Along the Journey River*, o primeiro policial de Lafavor, o mistério é despoletado quando ocorre o furto de importantes objectos sagrados da tribo Ojibwa expostos no colégio local. A pedido de um amigo, o tenente da polícia tribal Hobart Bulieau, Renee inicia a sua investigação com o intuito de recuperar os artefactos. A investigação amadora de Renee desenvolve-se num cenário que paradoxalmente reforça a sua identidade nativa mas intensifica as tensões da sua vida pessoal:

“I got your message, Renee Laroche. Why are you getting involved in this robbery business? Just because your Aunt Lydia hinted at it? What kind of reason is that? You’re not the police, you know.” Samantha stopped to take a breath, the anger vein bulging on her forehead. (*Along the Journey River*, p. 12)

Na altura em que Renee tenta a todo o custo ligar as pontas soltas e perceber a sequencialidade da aparente casualidade dos factos relativos ao roubo da exposição, ocorre o mais tenebroso dos crimes para a nação Ojibwa – o assassinato do líder político tribal Jed Morrisseau, o qual é encontrado nas margens do rio em posição fetal, parecendo querer agarrar o que lhe restava de vida. A partir deste momento Laroche mergulha definitivamente na busca de respostas conducentes ao apuramento das responsabilidades do crime. Apesar de Samantha e também a sua filha Jenny não aprovarem esta sua actividade investigativa, Renee sente-se compelida a repor a concórdia entre os seus pares, sentimento esse agravado pela particularidade de, à excepção do departamento chefiado por Bulieau, a detective não antever nas forças policiais tribais uma grande eficácia:

She knew how different tribal police departments could be from one another. Some were as corrupt as the U.S. government – harassing people, using public funds for private enjoyment, aligning themselves with the feds against their own. Others were ineffective, made up of drunks and losers and deputies who understood little or nothing about keeping the peace. (*Along the Journey River*, p. 29)

O adensar do enredo leva Renee a descobrir o desrespeito dos valores tradicionais por parte de Morriseau, e que isso terá conduzido ao seu assassinato. Laroche relembra as sábias palavras da sua avó, as quais preconizam a necessidade de adaptação à modernidade com base nas tradições e não na ganância deste novo mundo trazido até aos Ojibwa pela comunidade maioritária branca. Jed é o espelho de muitos nativos-americanos que se deixam aliciar pelo muito dinheiro de compradores ilegais de arte incorrendo em comportamentos desonestos e assim corrompendo a harmonia existente.

Laroche, após inúmeras tentativas, acaba por conseguir solucionar o mistério fazendo uso do conhecimento intrínseco que detém sobre tudo o que está relacionado com o seu povo. Relativamente ao roubo dos artefactos ancestrais a justiça é efectivamente conseguida, sendo os ladrões capturados e posteriormente punidos; no entanto, quando analisado o caso do homicídio do presidente tribal constata-se uma falta de clareza em muitos pontos. O final do romance é ambíguo, não revelando a identidade dos assassinos.

Na sequência de *Along the Journey River* surge o segundo policial de Lafavor, *Evil Dead Center*, o qual apresenta uma Renee Laroche mais madura e experiente quanto a processos investigativos, transmitindo ao leitor a optimista ideia que o crime dentro e fora da reserva pode ser contido.

A história deste romance começa imediatamente com a morte duma mulher Ojibwa aparentemente devido a álcool em excesso e hipotermia. Contudo, um

telefonema recebido por Renee dum antigo relacionamento amoroso, indica-lhe que o relatório do médico legista não revela a verdadeira causa da morte – homicídio:

Cause of death determined to be hypothermia, was the report's final declaration. Renee puzzled how the coroner could officially pronounce alcohol intoxication with no mention of a blood alcohol level. He must have decided being Indian with a bottle next to her was enough to make it official. (*Evil Dead Center*, p. 11)

Enquanto navegam pelos detritos do seu passado em conjunto, Laroche e Beltrain, com a ajuda do tenente Bulieau, embrenham-se num complexo enredo de grandes proporções. Também neste policial o comportamento de Renee é desaprovado por Samantha, a qual receia pela sua segurança e pela sua situação conjugal sentindo-se em desvantagem perante Beltrain, dada a sua condição de mulher branca ignorante da maioria dos costumes e hábitos nativos. Não obstante a contrariedades sentimentais, Laroche continua as suas inquirições de forma a saciar a sua curiosidade. O grande problema reside nas descobertas feitas, já que Renee se depara com o envolvimento de elementos tribais numa rede de pornografia infantil a operar na reserva Red Earth com crianças ojibwa:

As the young Ojibwa tried to pick up on his story the words lay on his tongue like rocks, unable to roll off and make a sentence until suddenly, a waterfall of words spilled out, one over the other in rapid succession. Renee and Cal felt the impact like spray at the bottom of the falls – shocking, sobering words about a dirty behaviour the People had learned from their *chimook* invaders. Standing in the face of that spray, listening to what Ned said, was chilling. He told of Floyd Neuterbide, the abusive foster parent, getting' funky with the boys. (*Evil Dead Center*, p. 44)

Com o transcorrer do romance o leitor fica a perceber que este crime faz parte dum problema mais lato – crianças nativas são retiradas à força das suas famílias e cultura de forma muito pouco clara e realojadas em casas de famílias brancas, infligindo-lhes danos irreversíveis e tornando-as pessoas descaracterizadas.

Após o horror inicial provocado pelas informações dadas por Ned, um dos rapazes integrados nas referidas redes de pornografia, a investigação leva-a a infringir a lei ao invadir propriedade privada, sem qualquer cobertura legal. Numa fase mais avançada da história parece ser Renee a única pessoa com capacidade para prosseguir com a investigação superiorizando-se à face mais visível da polícia tribal – o tenente Bulieau; o qual mergulha num estado de torpor devido ao seu receio que este crime venha a ser conhecido pelo mundo exterior e consequentemente destrua a sua comunidade.

Ao conseguir juntar todas as peças do puzzle, Laroche descobre quem são todos os envolvidos na obscura rede, perseguindo-os, apesar de temer pela sua própria vida, e capturando-os com a ajuda de Caroline Beltrain. Este desfecho representa a vitória do seu esforço e empenho investigativo para preservar os valores e tradições da sua nação perante a aparente apatia da polícia tribal.

As narrativas delineadas por Carole Lafavor mostram também as diferentes vidas tidas pela protagonista antes e depois de viver definitivamente na reserva, dando ênfase às dicotomias existentes entre os Ojibwa e a restante população branca em geral:

The elder shook her head sadly. “Many white folks have forgotten their instructions from Creator, nojishe, forgotten how to act,” Gram added in her most serious voice. After another long pause she said, “They came to this land and forgot their original instructions. We haven’t forgotten. The spirits, who live in every grove of trees, every turn in the river, every lakeshore of the north county, whisper to us not to forget.” (*Evil Dead Center*, p. 32)

Neste âmbito, ambos os mistérios expõem as injustiças do racismo, da discriminação sexual e degradação da condição humana e ambiental, transmitindo conhecimentos sobre os valores culturais, espirituais e religiosos da tribo Ojibwa. Estes emergem muito naturalmente da história, uma vez que as vidas dos membros desta nação estão marcadas por uma série de encontros perturbadores com o mundo branco

envolvente. Adicionalmente às abundantes referências históricas sobre os conflituosos eventos que marcam o contexto sócio-cultural das duas nações, constata-se uma forte incidência nos enredos das tensões do relacionamento intercultural de Renee e Samantha, mostrando como a heroína negoceia a sua vida enquanto homossexual pertencente a uma comunidade minoritária que tem de se relacionar com um espaço físico maioritariamente branco e heterossexual.

5.4- A Voz Legitimadora da Narrativa

Carole Lafavor torna central nos seus romances uma voz geralmente marginalizada pelos autores pertencentes à comunidade hegemónica – os nativos-americanos Ojibwa. Através do discurso das personagens, principalmente da protagonista, a autora dá a conhecer ao leitor a mundivivência da sua nação, bem como os problemas que mais afectam a vida na reserva e as relações interculturais com o mundo exterior branco. Neste âmbito, as referências à opressão da sociedade branca permeiam as narrativas, quer a um nível mais amplo, simbolizado pela legislação governamental, quer a um nível mais restrito onde as personagens demonstram deliberadamente o seu desprezo pelos Ojibwa. O exemplo que melhor ilustra esta realidade é descrito por Laroche numa das suas memórias de infância:

Renee remembered coming into this town and Granite Rock as a kid, hearing the hoots and mocking “Hows” from the townspeople, thinking at first that folks were just being friendly. She was five when the first rock followed their hoots. Her drunken father was no help in explaining what had happened. Renny was left to her own tears after catching the rock in her back as she was dragged along the street by her long-striding father. (*Along the Journey River*, p. 137)

Também evidente nos comentários da heroína é a importância do território enquanto símbolo da interdependência entre o homem e a natureza que o rodeia. O respeito pela terra onde viveram os antepassados da nação é um meio de afirmação dos valores tradicionais e da identidade Ojibwa. Por outro lado, a questão territorial é uma das mais complexas e que maior crispação causa. As tensões nas fronteiras da reserva são uma realidade incontornável e estão intimamente associadas às perdas do espaço físico nativo, a favor de proprietários brancos, através de decisões judiciais assentes em decisões controversas proferidas pelos tribunais do Minnesota.

As demarcações fronteiriças simbolizam as divisões raciais entre nativos-americanos e euro-americanos e fazem parte integrante das vidas dos Ojibwa que se

deixam apanhar nos interstícios culturais de duas realidades diametralmente opostas. Com o intuito de procurar muitas das comodidades não oferecidas pela reserva, muitos Ojibwa tentam penetrar nas cidades da cultura dominante como se estas fossem lugares mágicos propiciadores da felicidade eterna. Incapazes de assimilarem e integrarem os padrões da cultura dominante, ou ao invés romperem definitivamente com os preconceitos existentes perspectivando os valores ancestrais da nação como guias de conduta da vida moderna, a grande maioria dos Ojibwa entra numa espiral de forte decadência, acabando por ceder à força do alcoolismo e casualmente até ao crime. Pelas palavras da protagonista constata-se o receio da perda de identidade dos elementos tribais cujas desordens espirituais lhes provocam comportamentos desviantes e os afastam perigosamente das tradições, as quais são a verdadeira essência do povo:

It's like the forest, same thing. Ojibwa traditions are dying because of greed and our losing sight of what's important. Assimilation into the dominant culture for us is as deadly as clear cutting the trees was for the forest. It's not that I want to go back two hundred years. I know that's not possible, and really, I don't want to go back. Some changes have been for the better. But some things we have to hold on to. We're adrift in no man's land without our traditions. How can we give our kids moral direction without our traditions? (*Along the Journey River*, p. 74)

Num género literário onde os nativos-americanos foram ou ignorados ou recorrentemente construídos como um exótico outro, Carole Lafavor teoriza por meio duma linguagem e discurso próprios o poder da voz. O impulso inovador dado por Lafavor, torna visível a diversidade da cultura Ojibwa, bem como as vicissitudes sociais enfrentadas. Por outras palavras, a autora emprega nas suas narrativas o conceito de discurso revertido preconizado por Michel Foucault (1976/1990), o qual tem por base utilizar um discurso que repete e inverte os imperativos ideológicos do discurso dominante de forma a autorizar aqueles marginalizados por ele. Ao ler os policiais escritos por Lafavor, o leitor irá inevitavelmente ver o mundo, ainda que

temporariamente, de maneira diferente, perspectivado à luz de juízos arreigadamente Ojibwa como a importância da família e da espiritualidade. Esta última é fulcral para o equilíbrio da mente e do corpo de todos os elementos tribais Ojibwa, especialmente para Laroche porque é forçada muitas vezes a estar no meio do caos e da violência.

O desrespeito pelo discurso e oralidade nativos, tal como é referenciado por Arnold Krupat (1989)³⁷, é contrariado por Lafavor que faz ouvir os Ojibwa no meio de tantas vozes emergentes no país. A narrativa de Lafavor, assim como as de um grande número de escritores étnicos, contribui decisivamente para a desconstrução da visão unívoca branca, conferindo aos Ojibwa um papel activo e não passivo, como constata Maureen Reddy:

Most striking is that as increasing numbers of writers of color have published crime novels in the past decade, the conventional uses and meanings of whiteness in that genre have shifted considerably. The possibility hinted at in several hard-boiled texts that the Other might not passively accept being looked at and judged but actually might look back and judge comes to fruition in texts by writers of color. (Reddy, 2003: 78)

Ao tornar central a voz duma minoria étnica Carole Lafavor retira à comunidade hegemónica um dos seus importantes privilégios, o facto dos seus elementos não serem obrigados a considerar a raça, especialmente em relação a si mesmos dada a sua condição natural de brancos. Para Bakhtin, a riqueza da ficção reside efectivamente nesta apropriação linguística feita pelos escritores das mais variadas proveniências:

From this follows the decisive and distinctive importance of the novel as a genre: the human being in the novel is first, foremost and always a speaking human being; the novel requires speaking persons bringing with them their own unique ideological discourse, their own language. The fundamental condition, that which makes a novel a novel, that which is responsible for its stylistic uniqueness, is the speaking person and his discourse. (Bakhtin, 1934/1998: 40)

³⁷ Segundo este crítico, a vasta maioria dos colonos euro-americanos classificavam as produções verbais da oralidade nativa como meros sons bestiais ou satânicos inexplicáveis em letras que jamais poderiam vir a constituir literatura.

Carole Lafavor usa a pluralidade vocal como veículo para desmontar a ideologia euro-americana presente no dia a dia de todos os cidadãos Ojibwa, conferindo-lhes um estatuto narrativo igualitário aos demais cidadãos americanos independentemente da sua ascendência racial, cultural e religiosa.

Conclusão

As histórias escritas por Carole Lafavor têm a particularidade de trazer para o policial novas especificidades identitárias, as quais concorrem entre si. Ao analisar-se Renee Laroche, é visível o facto de existir uma hierarquização dos elementos lésbico, nativo e feminino, sendo a componente feminina da protagonista subalternizada. Aparentemente, o facto de ser mulher não coloca problemas a Laroche, mas o facto de ser lésbica e nativa sim, dado que cria potenciais tensões dentro da sua comunidade e fora dela. Contudo, as mesmas nunca são exploradas radicalmente pela autora – o seu seio familiar e círculo de amigos mais próximo aceitam passivamente a sua relação conjugal e a sua orientação sexual.

Apesar de não negar algumas das estruturas do policial de dedução clássico, Lafavor rejeita algumas das normas deste modelo formulaico, especialmente o estatuto alienado do detective. Ao contrário de Holmes ou até Marlowe Renee tem uma família e desempenha papéis sociais na sua comunidade. Adicionalmente, Laroche, para além de reconhecer o seu amadorismo, questiona a sua potencialidade enquanto investigadora, revelando uma elevada capacidade de auto-análise e ao mesmo tempo pouca confiança em si, colocando-se nos antípodas dos seus homónimos clássicos e *hard-boiled*, os quais nunca põem em causa nem o seu trabalho nem a forma como o conduzem.

Na recente vaga de nomes representativos de minorias étnicas surge Louis Owens, um escritor cuja ascendência irlandesa-choctaw-cherokee faz dele um *mixedblood*. No último capítulo desta dissertação tentar-se-á perceber quais as variações que o mesmo apresenta nos policiais escritos por si, tendo-se em consideração o facto de Owens se dedicar a vários géneros literários e não única e exclusivamente ao policial.

VI – O Híbridismo de Owens

Introdução

Louis Owens é um dos escritores de ascendência nativa que mais recentemente se dedicou à ficção policial sendo, segundo os críticos, um dos mais promissores³⁸. Owens nasceu em Lompoc (Califórnia) em 1948, onde trabalhou como guarda-florestal e bombeiro, tendo-se posteriormente dedicado ao mundo académico e à escrita. Owens leccionou em várias universidades americanas, encontrando-se, pela altura da sua morte (2002), como docente da universidade do Novo México, onde leccionava seminários de estudos ingleses e nativos-americanos.

Owens é um *mixedblood* de ascendência choctaw-cherokee-irlandesa, que afirmou em entrevista dada a Ray B. Browne (2004) nunca ter lido um romance policial antes de se iniciar neste género literário. Owens apresenta-se como um escritor que vive em perfeita harmonia tanto no mundo espiritual nativo como na realidade existencial branca, conjugando o saber racional com o saber não-racional nas suas narrativas.

O presente capítulo irá dar particular atenção à forma como um autor com estas características e com uma obra literária que não se resume a este género³⁹ trabalha este tipo de literatura de preceitos tão vincados. Analisar-se-ão quatro obras do corpus literário do autor, nomeadamente *Wolfsong* (1991), *The Sharpest Sight* (1992), *Bone Game* (1994) e *Nightland* (1996), para se perceberem as linhas de desenvolvimento das narrativas e se identificarem quais os eventuais pontos de ruptura apresentados por Owens nos seus textos quando comparados com o policial clássico de origem inglesa e com a vertente norte-americana *hard-boiled*.

³⁸ Devido à excelência dos seus textos, Owens recebeu inúmeros prémios; a saber, o American Book Award, o Roman Noir Award, o Julian J. Rothbaum Prize, entre outros.

³⁹ Louis Owens escreveu, por exemplo, ao nível da crítica literária *Mixedblood Messages: Literature, Film, Family, Place* (1998), *Other Destinies: Understanding the American Indian Novel* (1992) e *John Steinbeck's ReVision of America* (1985).

6.1- Parâmetros de Subversão dos Cânones

Tal como as personagens principais dos romances de Louis Owens, a própria narrativa no seu todo ocupa uma posição intersticial, dando a oportunidade ao leitor de fazer a sua transição pessoal entre o desconhecimento e o conhecimento com a apresentação de diferentes enredos, destinos, histórias e perspectivas que o levam a compreender as realidades nativas-americanas. As palavras do autor em entrevista com John Purdy são elucidativas quanto a esta conjuntura:

Yeah, the new version of the Vanishing Indian; whether it's written by Indians or non-Indians, it's a way of neutralizing Native Americans because the Euroamerican world looks at these books and sees Indians destroying one another and sees them as no threat. The anger is turned inward, with a lot of internal colonization going on, a lot of self-loathing, and a lot of the art depicts that and it doesn't go beyond that, and that's the problem. Of course, these things exist, and you've got to deal with them. There is dysfunction, it exists in all communities, and certainly alcoholism, and drugs, and abuse are big problems, but there's a whole lot more that needs to be written about, and that's survival. (Purdy, 1998:21)

Para dar forma ao seu intuito de desmistificar as descrições superficiais feitas pela sociedade majoritária branca relativamente aos nativos, Owens apropria-se do romance policial, desmontando-o e desconstruindo muitos dos seus traços mais distintivos. O autor apresenta elementos bastante diferenciados nos seus livros, comparativamente com os autores clássicos, *hard-boiled* e até com os de origem nativa-americana já discutidos.

As mudanças operadas por Owens começam na figura mais emblemática deste género literário – o detective. Nas narrativas do autor não existe este marcante elemento, como constata Linda Helstern em relação a *Nightland*, a grande força moral do romance não é a lei mas sim a sabedoria tradicional Cherokee – “The ultimate moral force in this novel is not the law but traditional Cherokee wisdom, often dispensed by a

storyteller named Siquani...” (Helstern, 1998: 66); algo igualmente aplicável aos seus demais romances independentemente das raízes tribais subjacentes aos mesmos.

Assim, as personagens Jim Joseph em *Wolfsong*, um romance protagonizado por Tom Joseph dedicado ao ambiente, em que a história se prende com a morte do tio de Tom e a problemática da devastação da natureza, enquanto espelho da perda identitária nativa; Luther e Onatima em *The Sharpest Sight*, onde a acção é despoletada pela morte de Attis MacCurtain, irmão do protagonista, Cole MacCurtain, e se centra na busca de Cole pelo corpo de Attis, misteriosamente desaparecido, para conduzir os rituais fúnebres tradicionais; e em *Bone Game*, que apresenta igualmente como personagem principal Cole MacCurtain, cujo propósito neste livro é entender os seus sonhos e estabelecer a conexão entre estes e os assassinatos de jovens estudantes universitárias; e Siquani em *Nightland*, que tem a particularidade de introduzir duas personagens principais, Billy Keene e Will Striker, os quais são confrontados com um corpo e uma mala de dinheiro caídos do céu que vêm a afectar determinantemente a vida de ambos; assumem especial importância ao funcionarem como barómetros morais das narrativas, enquanto pontos de referência comportamental para os restantes membros das suas comunidades, muitos deles afastados dos hábitos de vida mais tradicionais. Adicionalmente, estes elementos enquanto conhecedores intrínsecos da cultura das suas respectivas nações, são o auxílio primordial dos protagonistas, orientando-os e indicando-lhes qual o caminho a percorrer para se recuperarem física e espiritualmente e consequentemente se libertarem do seu estado liminal. Este facto é evidenciado por exemplo no romance *Bone Game* quando Onatima revela a Luther ter sonhado com Cole, o protagonista, e ambos dialogam sobre a premência em ajudá-lo a ultrapassar a sua condição debilitada, fazendo alusão à necessidade do apoio da comunidade (pp. 70-71).

Enquadrados na metodologia de trabalho diferenciada do autor, os heróis não têm por missão resolver quaisquer crimes imediatos e/ou conduzir investigações, apesar de existir um processo constante de busca do conhecimento; são cidadãos nativos que como tantos outros têm necessariamente de negociar as suas vidas pautadas pelos encontros, por vezes disruptivos, entre as raízes ancestrais nativas e o mundo contemporâneo branco norte-americano onde se encontram inseridos; o que pode levar quase inevitavelmente ao referido estado liminal sentido pelos protagonistas, sintomático das suas crises identitárias. De certa forma as personagens principais, Tom Joseph, Cole MacCurtain, Will Striker e Billy Keene servem de exemplo aos demais nativos, apresentando o antídoto ao conceito de “*Vanishing American*”⁴⁰ criado pela cultura dominante. Como refere Gerald Vizenor (1999) este termo não tem qualquer aplicabilidade nas nações nativas actuais. Pelas palavras de Owens percebe-se que este segue a linha de raciocínio de Vizenor e implementa-a na sua escrita:

That’s what fascinates me about this whole area of study and why I keep doing it in spite of a lot of misgivings – that is the diversity, the complexity, in the contemporary Indian world is so profound. I’m trying, really, in my writing to get at that. I’m trying to point out that not every Indian in America is riding a spotted pony across the plains chasing buffalo. [...] They don’t live on reservations, and most are mixedbloods, so there’s this extraordinary range of experience that needs to be represented in art in all ways. (Purdy, 1998: 17)

Outro dos aspectos particulares de Owens, é o facto do autor não incidir sobre alguns dos temas mais recorrentes na literatura policial escritos por nativos-americanos; a saber, a introdução de drogas nas reservas, o roubo de artefactos religiosos, entre outros. Isto, porque à partida nem sequer existem nos seus romances estes espaços geográficos supostamente delimitadores do raio de acção dos cidadãos nativos e muito

⁴⁰ Este conceito formalizado por Gerald Vizenor (1999) pode ser explicado como sendo uma invenção ocidental assente em pressupostos totalmente falaciosos onde os nativos são meras figuras exóticas, alcoólicos disfuncionais e autodestrutivos. Para designar a realidade nativa-americana contemporânea, Vizenor emprega o termo “*Postindian*”.

menos forças policiais tribais para levar a cabo investigações sobre crimes que pudessem ocorrer nessas áreas. Owens rompe o estereótipo do nativo a viver na reserva no seu *hogan* com a porta virada a este, um estereótipo contrariado pelo facto de uma percentagem significativa de nativos-americanos residir nas grandes cidades metropolitanas norte-americanas. Nos seus textos a preocupação fundamental centra-se na identidade, a qual está intimamente ligada com as noções de lar e comunidade. Todos os protagonistas se esforçam por regressar ou manter no espaço físico dos seus antepassados e assim continuarem a desfrutar da sua rede de relacionamentos interpessoais, essenciais para a definição, articulação e afirmação das suas identidades. O autor mostra-se consciente da problemática associada à identidade nativa motivada por séculos de desalojamentos, cujo resultado foi a periferalidade, a marginalidade cultural e a opressão dos costumes tradicionais das nações nativas.

Inovador é também o uso de diferentes realidades no transcorrer das narrativas; isto é, a oscilação entre o saber racional e o não-racional. Owens introduz este último como algo intrínseco ao quotidiano nativo e não como mero folclore utilizado para colorir as suas histórias. Conforme constata Linda Helstern:

Confidently appropriating the conventions of the genre Western and juxtaposing them against elements of Cherokee and Pueblo myth and ritual, Owens reconfigures the mythic West of cowboys, Indians and frontier justice as post-contact Indian country inhabited by a cultural mix of Anglos, mixedbloods, fullbloods, animals and ghosts. (Helstern, 1998: 66)

O próprio autor reconhece e confirma este facto, bem como a sua intencionalidade em corromper os cânones tanto do género western como do policial sempre que possível, em entrevista dada a Ray Browne:

In addition to writing about reality as I have always perceived it, including dream reality, I also want to extend my readers' consciousness and challenge them by urging them to see beyond ordinary limitations. I cross boundaries as much as possible, with characters who inhabit more than one kind of reality. I think you will find a lot of what you termed mysticism in writing by and about Native Americans in large part because Indian people tend to see the world in this way, tend to believe in realities beyond perceptual or intellectual apprehension but central to being. I don't personally know any Indian people, for example, who do not take dreams very, very seriously. And I have immediate, personal evidence that Indian people share experiences and communicate through dreams. (Browne, 2004:255)

Siquani é a personagem que melhor ilustra a importância do saber não-racional na obra do autor, não só pela sua capacidade de comunicar através dos sonhos, mas principalmente pelo seu poder de estabelecer contacto com as pessoas após a respectiva morte física terrena; como é o caso com Arturo Cruz, o falecido cujo corpo surpreende Will e Billy no início de *Nightland*.

Esta conjuntura na obra literária de Owens, o seu carácter eminentemente transgressivo apresenta uma dificuldade do ponto de vista analítico e crítico – afirmar com rigor se estamos efectivamente perante literatura policial, isto porque as vozes dos críticos associados ao género se mostram bastante dissonantes apontando em direcções antagónicas. Por um lado, críticos como Maureen Reddy aplaudem a forma como Owens torna marginal a consciência da cultura dominante normalmente central na larga maioria do corpus literário existente, encorajando a introdução da subjectividade nativa nesse mesmo corpus, fazendo uso do já referido discurso invertido preconizado por Foucault (1976/1990), um discurso que usa o mesmo vocabulário da cultura dominante invertendo os seus imperativos ideológicos para autorizar aqueles marginalizados por ele, neste caso os nativos. A contrastar com esta apreciação estão os argumentos de outros críticos, nomeadamente o russo Todorov. Segundo ele (1977), uma obra é considerada pobre se não obedecer minimamente às regras do género onde se insere; a ficção policial tem as suas normas próprias, ao inová-las estamos também a desapontá-

las e acabamos inevitavelmente com algo que não ficção policial. Ao tomarmos por certas as palavras de Todorov estamos perante um novo tipo de literatura:

One might say that every great book establishes the existence of two genres, the reality of two norms: that of the genre it transgresses, which dominated the preceding literature, and that of the genre it creates. (Todorov, 1977:43)

Apresentando-se os diferentes pontos de vista e evitando qualquer tipo de classificação simplista, reitera-se o facto da narrativa de Owens levar o leitor a uma dimensão até agora muito pouco explorada, quando não antagonizada.

A obra deste autor não se enquadra em definições minimalistas como a apresentada por Stefano Tani, dado não ter formalmente, como se explanará no subcapítulo seguinte, nenhum detective, sendo a investigação dispersada por várias personagens, e muito menos em definições maximalistas como a apresentada por S. S. Van Dine. No entanto, apesar do escritor transpor muitas das barreiras impostas pelas convenções mais tradicionais, nomeadamente através do uso do saber não-racional, considera-se como correcta, no âmbito desta dissertação, a inclusão do seu nome neste género narrativo, atendendo ao facto de existir nos textos de Owens o aspecto fundamental e transversal a toda a ficção policial – um mistério por desvendar.

6.2- A Figura do Detective

Nos romances de Louis Owens não existe nenhuma personagem que preencha o lugar de detective, pelo menos não da forma convencional, como se acabou de discutir. Existe um conjunto de figuras heróicas em torno das quais se despoletam e desenvolvem os enredos, mas que não encaixam em nenhum perfil de detective, seja ele clássico, *hard-boiled* ou até nativo. Estes protagonistas não solucionam crimes, logo não capturam criminosos nem contribuem para a punição destes últimos em termos legislativos; para além disso, no decorrer dos textos, nunca o leitor sente ser esse o propósito por detrás das suas acções.

A única personagem delineada por Owens para proceder a investigações é o xerife Mundo Morales, uma personagem secundária e pouco desenvolvida. Surge em três dos quatro romances do autor aqui analisados, sendo que apenas em *The Sharpest Sight* detém alguma importância na procura do corpo de Attis MacCurtain, irmão do protagonista, e mesmo aqui o mistério do assassinato fica por resolver, uma vez que a investigação de Mundo se torna uma convalescença do choque da morte do seu melhor amigo. Porventura, a intenção do autor será mesmo evitar o uso da figura tradicional do detective, dispersando a sua função por várias personagens.

Há uma recorrência de uma personagem em dois dos quatro romances do autor aqui discutidos. O professor universitário de Inglês e Estudos Nativos-Americanos integrado com sucesso no mundo euro-americano, Cole MacCurtain, é apresentado aos leitores em *The Sharpest Sight*, surgindo de novo no romance subsequente – *Bone Game*. Da sua origem enquanto *mixedblood* (choctaw-cherokee) advêm os seus problemas identitários, não no sentido normalmente mitificado pela cultura dominante do nativo apanhado no vazio entre dois mundos diametralmente opostos, mas sim no sentido da recuperação das tradições culturais, religiosas e mitológicas da sua nação,

que sente ter perdido. Logo na primeira aparição do herói é evidenciada a sua preocupação com a sua identidade:

“I shall fear no evil, for I am...” [...] “I am a half-breed, like my father” [...] “Actually” he said aloud to the river, pronouncing his words precisely, “I am a three eighths breed, since my mother is a quarter Cherokee like just about everybody who ever lived in Oklahoma.” [...] “Well, you see, the fact is she’s really three-eighths Cherokee, since her mother was three-quarters and born in the Nation and had my mother when she was thirteen and not even five feet tall. So I guess that makes me a seven-sixteenths-breed – almost a half-breed like my father. Let’s say I’m nearly a half-breed, whatever that means. Hoey MacCurtain knows, but what I know from books in school and those old TV movies is that a half-breed can’t be trusted, is a killer, a betrayer, a breed.” [...] “I shall fear no evil,” he thought, “for I am.”(*The Sharpest Sight*, pp. 10-11)

No discurso do protagonista, para além da problemática da identidade pessoal realçada pelo uso de “I” transparece também a sua consciência relativamente à quantificação do sangue para determinar a identidade nativa em geral por parte da sociedade branca norte-americana, sugerindo que para se afirmar enquanto *mixedblood* Cole terá de afastar-se obrigatoriamente deste pressuposto introduzido pela cultura dominante. Algo difícil para alguém ainda desconhecedor da maioria dos saberes ancestrais e que no início da narrativa se encontra num mundo onde a identidade nativa está assente em estereótipos e/ou ideias românticas dos velhos Westerns.

Bone Game apresenta um Cole ainda bastante debilitado devido ao afastamento da sua comunidade, histórias e tradições. Em ambos os romances o protagonista necessita de aprender sobre o seu passado nativo de forma a poder ultrapassar as limitações que lhe são impostas pela cultura dominante e concomitantemente negociar a sua vida de forma harmoniosa enquanto cidadão nativo *mixedblood*. Num espectro mais lato, pode-se entender Cole como a personificação de muitos outros nativos alienados das respectivas comunidades, à procura desesperadamente de transitar dum estado identitário liminal para um mais libertador e proporcionador da restauração do balanço físico e psicológico.

Wolfsong introduz Tom Joseph, um *fullblood* a braços com os seus próprios problemas identitários. Tom é um jovem estudante universitário nativo que ao ter conhecimento da morte do seu tio, Jim Joseph, regressa a casa para assistir ao respectivo funeral. Este regresso acaba por ter um significado enorme para o protagonista porque tem a particularidade de catalisar a sua tentativa de reconstruir a sua ténue ligação ao passado, identidade e comunidade tribais. Contudo, a reconciliação de Tom com o seu passado está condicionada pela perda do seu tio, o representante mais veemente da identidade tribal, e pela ausência duma comunidade nativa efectiva com que possa interagir, a qual foi substituída por uma outra com raízes euro-americanas que agora em grande parte dos locais ancestrais da tribo Stehemish.

Ao tentar compreender quem é e de onde provém, Tom quase de forma inadvertida ameaça a comunidade local branca e desafia os estereótipos por ela fomentados. O protagonista é visto como um estranho perigoso, um nativo com formação académica que herdou do seu tio a oposição à desflorestação conduzida pelos madeireiros euro-americanos. Porém, esta herança vem a tornar-se o suporte da sua recuperação espiritual e consequente afirmação identitária baseada na percepção da importância da terra e histórias ancestrais. Os pensamentos de Tom revelam a sua consciência quanto à conexão entre natureza, folclore mitológico e identidade:

He'd tried to imagine what it would've been like to have been a real Indian, before the whites came and began to cut the trees – and pay Indians to cut the trees – and everything changed. In the winter, when the valley was stiff and quiet with snow, his uncle and mother told the funny stories about coyote's tricks, about fox shrinking the animals so the Indians could hunt them, about the tall, bearded hemlock that stood near Concrete on the banks of the Skagit and stole the souls of foolish Indians who came too close, and threw the souls across the river to another tree which threw them back until the person died. (*Wolfsong*, p. 37)

Ao contrapor e afastar-se progressivamente do mito de “*Vanishing American*”, Tom abraça o seu lado espiritual, reconhece a terra como espaço de harmonia entre homem e natureza e acima de tudo recupera a sua identidade enquanto nativo no contexto da sociedade norte-americana contemporânea do século XX.

No último dos quatro romances aqui analisados, *Nightland*, Owens introduz a particularidade de ter pela primeira vez dois protagonistas em simultâneo, os dois rancheiros *mixedblood*, Will Striker e Billy Keene. Dada a raiz mitológica do romance ser Cherokee, poder-se-á associar simbolicamente este facto à existência de duas importantes míticas figuras na história desta nação – Thunder Twins⁴¹. Na sua entrevista a Purdy o autor dá a entender isso mesmo – “I never believe in explaining my own writing [...] but I will say that the Thunder Twins, or Sons of Thunder, are very important mythic figures in *Nightland*” (Purdy, 1998: 12).

Will e Billy desmontam por completo a ideia duma identidade estanque e inalterável, transmitida na fórmula western, pois são simultaneamente heróis e ladrões à procura dum lugar num mundo que aparenta não ser o seu. A forma como lidam com este facto é distinto; enquanto Will se esforça por recorrer às histórias do seu povo contadas pelo seu pai e por Siquani, um velho Cherokee conhecedor profundo das tradições, para compreender quem é na verdade, Billy denota um desapego total da cultura do seu povo o que em última análise lhe confere o seu estatuto alienado. Note-se a atitude de ambos quando encontram a mala de dinheiro proveniente do tráfico de droga que viria mais tarde na narrativa a ditar o desfecho de cada um:

⁴¹ De acordo com a mitologia Cherokee, os Thunder Twins eram dois gémeos mortais filhos de Kanati o primeiro homem e Selu a primeira mulher. Depois de consultarem os espíritos os dois conseguiram poderes divinos, utilizando-os para espalhar o caos na Terra até que o Father Sky, outra das importantes figuras mitológicas Cherokee, os levou para o seu reino e os transformou em espíritos, um dos relâmpagos e o outro dos trovões. Ficaram assim conhecidos por Thunder Twins ou Sons of Thunder.

Billy stood up slowly and adjusted his hat more squarely on his head, keeping his eyes on the still-open suitcase. “Think about it, Will. We’re out here chasing deer and a suitcase full of money falls out of the sky. You think this is going to happen again? It’s a gift from the Great Spirit, Will” [...] Will looked down where the body tree was hidden in growing darkness. “It’s corpse money. Money a man got a tree through his guts for. We both know where money like this comes from.” [...] “Think what Grampa Siquani would say about this, and about that body down there.” (*Nightland*, pp. 5-6)

Billy nunca chega a perceber o seu erro nem mostra respeito pelos valores ancestrais personificados em Siquani, o que no final do romance conduz à sua morte tal como aconteceu com os famosos criminosos dos westerns sugeridos pelo seu nome, nomeadamente Billy the Kid. Por seu turno, Will, apoiando-se firmemente nos ensinamentos culturais Cherokee, reconhece o seu acto criminoso e renuncia ao dinheiro encontrado. Esta forma de agir permite-lhe escapar à morte, recuperar a harmonia espiritual e ecológica, simbolizada no regresso da sua esposa a casa e no aparecimento duma nascente revitalizadora do seu rancho, e acima de tudo ganhar o conhecimento necessário sobre si mesmo para afirmar a sua verdadeira natureza.

6.3- Paradigmas Narrativos

Nos quatro livros policiais de Louis Owens aqui analisados não se encontra uma sequencialidade vincada, especialmente em *Wolfsong* e *Nightland*, vislumbrando-se um ténue fio condutor entre *The Sharpest Sight* e *Bone Game* pois partilham a mesma personagem principal e correspondente estrutura familiar. Contudo, em todos eles são centrais os conceitos de lar e pertença, sendo notório o esforço de todos os protagonistas dos diferentes livros em permanecer ou regressar ao espaço que reconhecem como sendo seu. A partir destes pressupostos desenrolam-se as narrativas, que exploram a complexa rede de relacionamentos pessoais dos nativos-americanos Choctaw e/ou Cherokee mostrando como estas são fundamentais para a manutenção da identidade cultural destes cidadãos no contexto da sociedade norte-americana do século XX.

A ficção de Owens faz uso sistemático de códigos e simbologia da mundivivência nativa-americana menos familiares para o leitor comum, utilizando sonhos, visões, espíritos e outros mais que remetem para a existência de uma realidade extra-sensorial. É o próprio autor a constatar este facto numa entrevista dada a Ray B. Browne:

I was raised to believe very clearly in the realities described in this definition, in perceptions that are not intellectual or “rational”, in communications that might be termed extra-rational, in spirits, in dreams, etc. [...] I have, in fact, had direct contact with what people might term “ghosts” and so on. That’s simply a part of a larger reality that figures in my fictions. Either a reader crosses that threshold or he doesn’t, but if he doesn’t then the fiction probably does not work. (Browne, 2004: 255)

O primeiro trabalho deste escritor, *Wolfsong*, dá particular ênfase ao espaço físico, a pequena cidade de Forks e toda a zona montanhosa envolvente. A partir do momento em que é apresentado o protagonista do romance, o universitário Tom Joseph, começa-se a perceber muitas das preocupações subjacentes à narrativa. Tom introduz

assuntos importantes como a importância da família, mas mais pertinente é a relação estabelecida entre a desflorestação operada pelos madeireiros euro-americanos e a morte do seu tio, motivo do seu regresso a casa. A perda das árvores envolve não só a destruição do ambiente, mas também as vidas das famílias nativas cujo trabalho e espiritualidade estão intimamente ligados ao espaço onde sempre residiram. Ao contrário do esperado, Tom Joseph regressa para uma comunidade branca que se apropriou das terras ancestrais da tribo, privando-o dos seus concidadãos tribais e consequentemente dificultando a afirmação da sua identidade nativa. Em virtude deste facto gera-se uma forte tensão na personagem principal entre a sua vontade para resistir às metamorfoses impostas pela cultura dominante e a sua necessidade de se adaptar às mudanças ocorridas na paisagem da sua infância, tendo por base os ensinamentos do seu falecido tio.

A dificuldade existencial de Tom torna-se o enredo central do livro, porque como o próprio afirma não ouviu com a devida atenção as histórias do seu povo:

“My uncle knew a whole lot that he tried to teach me”, he said, “but I never really listened. I mean, I never listened like it would really make any difference. And now I think about all the questions I should have asked.” (*Wolfsong*, p. 105)

Tom é perseguido pela incerteza, mas no decurso da narrativa há um momento chave elucidador da transformação da personagem, quando Mad John, uma das personagens secundárias, o questiona “Hath the rain a father, Tom Joseph?” (p. 147) e este não sabe responder. Só posteriormente, numa fase de grande paz espiritual e melhor compreensão dos costumes ancestrais, consegue Tom Joseph perceber a questão e elaborar uma resposta (p. 192). Durante este percurso Tom revisita os lugares da sua infância e as pessoas com quem havia contactado, especialmente a sua ex-namorada, apercebendo-se da transformação de ambos motivada pelo desrespeito ao mundo natural

por parte dos euro-americanos. Segundo Susan Bernardin (1998), uma das pedras basilares deste romance é a justaposição entre as visões egocêntricas dos americanos brancos e as visões ecocêntricas dos americanos nativos em relação ao espaço físico que os rodeia. Neste âmbito, não é estranho ver-se Tom a abraçar a causa do seu tio, a qual consistia em salvar a natureza, nomeadamente a floresta onde passara toda a sua infância. Para tal, Tom desafia os estereótipos perspectivados pela cultura dominante:

An image of a plains warrior paddling silently through the forest came to him and he smiled. Books and movies seldom showed Indians who looked like the Salish people of these mountains. Short, dark people dressed in woven cedar bark weren't as exciting as Sioux warriors in eagle-feather headdresses on horseback, the sun always setting behind them. (*Wolfsong*, p. 83)

Toda a narrativa se centra em torno do espaço, como o autor afirma, em entrevista dada a John Purdy, a sua intenção foi escrever um romance onde o verdadeiro protagonista fosse o lugar e as personagens, principalmente Tom Joseph, veículos para dar voz às árvores, montanhas e glaciares – “I wanted, really, to write a novel about the wilderness area itself [...] making the place the real protagonist of the novel and the characters ways of giving the trees and mountains and streams and glaciers a voice” (Purdy, 1998: 7).

O segundo trabalho escrito por Louis Owens é *The Sharpest Sight*, o qual gira em torno da intrincada e misteriosa morte de Attis MacCurtain, irmão da personagem principal Cole MacCurtain. O cenário para este livro é a Califórnia, apresentando o progresso de Cole na sua busca pelo corpo do irmão e pelo responsável da sua morte. Logo no parágrafo de abertura é dado a conhecer ao leitor um dos mais importantes elementos do romance, a luz, bem como a sua simbologia:

The rain came toward the headlights in long, curving lines. Mundo flipped the switch on the spotlight to let the beam sweep across the edge of the road. Metal fence posts danced in and out of the light, the thick brush reaching between strands of wire

toward the car and then leaping away. Rain caught the light in racing lines along the barbed wire.

He turned the spotlight off and let the car pick up speed down the side canyon.
(*The Sharpest Sight*, p. 3)

O holofote aqui descrito ocupa uma posição de relevo de forma a evidenciar a preocupação subjacente em tornar visível o que não está ao alcance da visão, manifestada no facto do enredo estar ligado ao desaparecimento de um corpo que inicialmente este visível. Por outro lado, dá a Mundo Morales o poder de direccionar o feixe luminoso para onde quiser conferindo-lhe um poder superior.

A procura pela afirmação identitária é uma constante em quase todas as personagens, especialmente Cole, apesar dos esforços da cultura dominante em manter os nativos invisíveis. Este facto é reiterado na narrativa através das palavras do agente federal Lee Scott quando este diz a Cole ter sido enviado para garantir a invisibilidade do caso de Attis e assim evitar o embaraço do governo.

Para Cole MacCurtain apaziguar o espírito do seu falecido irmão é também uma forma de devolver a si mesmo o significado de ser Choctaw, perdido na sua vida vivida longe da terra natal da sua nação. Através de Luther e Onatima, os representantes da cultura Choctaw na narrativa, Cole aprende sobre a mitologia, cultura e tradições do seu povo; entendendo então a necessidade de recuperar os ossos de Attis, não para encontrar o assassino, mas para conduzir os rituais fúnebres tribais e consequentemente permitir a passagem do seu espírito para o outro mundo.

Fechado o ciclo na Califórnia, Cole prepara o regresso ao Mississippi, a terra dos Choctaw; um regresso que simboliza a sua restauração psicológica após um longo percurso de maturação. A “Sharpest Sight” de Cole assente na tradição Choctaw, permite-lhe discernir com lucidez sobre a sua identidade, a morte, o mundo e o seu lugar nele.

Bone Game continua as interrogações sobre a identidade nativa, já protagonizadas por Cole MacCurtain no romance anterior. De todos os romances escritos por Owens *Bone Game* é o mais intrincado, onde segundo o autor, em entrevista dada a Purdy, o texto funciona como uma espécie de mosaico onde todos os tempos e acções coexistem simultaneamente – “I wanted to write a non-linear novel, one that worked rather like a mosaic. [...] But I wanted it to be a story in which all times and all actions coexisted simultaneously” (Purdy, 1998: 7).

Neste romance Cole volta à Califórnia para desempenhar funções de docente na universidade local, onde ocorrem os assassinatos de vários estudantes. Separado da sua comunidade e das suas histórias, fica de novo vulnerável às suas incertezas e obcecado por sonhos de mitologia nativa, os quais não compreende. No transcorrer do texto, o herói é forçado a identificar o significado e a importância dos seus sonhos na revelação dos acontecimentos que o rodeiam, os assassinatos de jovens universitários e a relação entre ambos.

Como em *The Sharpest Sight*, Luther e Onatima voltam a ser fundamentais para a recuperação física e principalmente mental do protagonista. Onatima é uma conhecedora profunda dos sonhos, tentando ajudar Cole a perceber a sua relação directa com o facto deste se sentir envergonhado e culpado pela morte de Attis e consequentemente infligir mal-estar a si e a todos em seu redor (165). O estado debilitado de Cole é reconhecido e descrito por Alex Yazzie, um navajo também professor na universidade californiana:

You're the new Indian they hired in literature, a poor mixedblood trapped between worlds and cultures if I can believe my eyes. [...] “You poor, homeless halfbreed,” he said to Cole. “The real lost generation, trapped between worlds. Living your liminal life. If you were a fullblood like me, you wouldn't have this identity crisis.” (*Bone Game*, pp. 26-47)

O estado liminal é particularmente enfatizado em *Bone Game*, pois esta localização intermédia serve para articular a identidade de Cole e é vital para a sua restauração espiritual. Dada a importância da liminalidade para a saúde individual e grupal, é natural ver-se no decurso do romance o protagonista em locais tradicionais onde são conduzidas cerimónias tribais, símbolo da vontade de ultrapassar a sua liminalidade e conseqüentemente de fazer a transição entre a enfermidade e o vigor físico e psíquico. Neste âmbito, o apoio da comunidade é também essencial, dadas as cerimónias serem realizadas em contexto comunitário e nunca individual. Cole nunca conseguiria restabelecer-se sozinho. Este facto torna-se mais evidente se se tiver como contraponto do protagonista a personagem Robert Malin, o qual se encontra também num estado liminal mas que se mantém isolado e sem qualquer apoio, o que não lhe permite completar a transição entre a incerteza do seu lugar no mundo e a afirmação do eu no contexto da sociedade multicultural americana. No final do romance o leitor percebe quais são as conseqüências da falta duma verdadeira identidade, Robert é o assassino dos jovens estudantes.

Nesta sequência o romance mais recente de Louis Owens aqui analisado é *Nightland*, o qual apresenta um enredo mais linear quando comparado com os seus predecessores e introduz dois novos heróis, os rancheiros *mixedblood* Will Striker e Billy Keene que desde logo se deparam com a morte. Note-se a intencionalidade do autor pelas suas próprias palavras na entrevista dada a Purdy:

Nightland, on the other hand, was an experiment for me in writing as purely a linear plot as I could. In that novel I wanted everything to follow rapidly from the single event in the opening scene – a body falling out of the sky. I tried to create a feeling of an inevitable rush of plot beginning with the first line. (Purdy, 1998:11)

A diferença em termos de estilo é uma realidade, mas as preocupações com a identidade e com as representações dos nativos elaboradas pelos elementos da sociedade dominante mantêm-se intactas.

É interessante notar-se a conexão entre o título e o início da narrativa, na cultura Cherokee *nightland* é o termo usado para designar o lugar para onde os mortos partem e concomitantemente de onde provém o perigo. Simultaneamente Striker e Keene deparam-se com ambos, dado que com o corpo de Arturo Cruz surge também uma mala de dinheiro com aproximadamente um milhão de dólares, conseguidos através do negócio de estupefacientes. A história desenvolve-se naturalmente a partir deste ponto, sendo a avultada quantia o motor do seu desenlace.

A relação entre a terra e a identidade Cherokee é posta em evidência através de Siquani, uma personagem simbólica da sua nação que tenta ajudar Will e Billy transmitindo-lhes os valores culturais e tradicionais da sua tribo. Este facto é bastante importante porque a forma como ambos os protagonistas interiorizam e põem em prática os ensinamentos recebidos tem uma relação directa com o seu desfecho no final do romance. Enquanto Will sempre ouviu as histórias do seu povo com grande respeito e usa-as para afirmar a sua identidade, Billy considera-as irrelevantes e sem qualquer aplicação no mundo moderno:

All around, beginning with his earliest memory, had been a Cherokee world in which the earth and sky were densely inhabited and one need only to recall the right story to know how to act. [...] Billy shrugged. "That was the old ways, Grandfather. People don't believe that stuff anymore. We live in a different world. We wear different clothes, live in different kinds of houses, and eat different kinds of food, so why shouldn't we think different kinds of thoughts?" (*Nightland*, pp. 24-41)

Naturalmente, após uma série de atribulados eventos relacionados com o dinheiro e da sua constante negação dos valores tradicionais Billy Keene acaba assassinado por um dos pretendentes à quantia, Odessa Whitehawk. Por seu turno, Will

apesar de algumas crises de autoconfiança e hesitações, consegue recuperar a sua estabilidade emocional; o que se repercute em tudo no seu redor: a sua mulher e respectivos filhos regressam para junto de si e o seu rancho torna-se fértil mais uma vez. De forma curiosa a nascente que havia secado surge ainda com mais vigor no local onde a soma roubada que Will sempre repudiou havia sido escondida.

6.4- A Voz Legitimadora da Narrativa

As narrativas de Owens não se limitam a incorporar elementos das culturas Choctaw e Cherokee, elas são enraizadas e determinadas por essas culturas, falando a partir dos pontos de vista nativos e contando as suas próprias histórias, as quais são fundamentais para a articulação entre comunidade e identidade. Owens enfatiza a necessidade de dar voz às nações nativas, estas terão de falar sobre si mesmas pois só assim se poderão eliminar as ideias distorcidas e estereotipadas da mente do leitor comum que lhe foram transmitidas pela cultura dominante. Onatima é uma das personagens a evidenciar a importância dos nativos terem as suas histórias para contrapor aquelas contadas sobre eles:

“That’s how they make the world,” she had said that day, and for twenty years he’d tried to make his own world with words, like they did, always remembering Onatima. [...] “Then we have to make others see us so we can know we exist, or we have to use others’ lives as our own. That’s what they want. It’s a matter of power. They would imprison us in their vision and their stories, and we can’t let them do that. We have to have our own stories.” (*Bone Game*, pp. 20-140)

Owens mostra-se atento a dois importantes factores indissociáveis um do outro, por um lado o facto da literatura canónica euro-americana em geral perpetuar uma perspectiva do mundo que tende a silenciar as comunidades nativas e por outro a inevitabilidade do poder subjacente ao discurso servir normalmente os princípios ideológicos da sociedade maioritária branca. Segundo o próprio escritor, na entrevista concedida a Purdy, as narrativas escritas por norte-americanos brancos acerca dos cidadãos nativos são o resultado dum esforço para manter os últimos invisíveis e o passado enterrado – “I guess one thing I’m working on in most of my writing is the way America has tried, and continues to try, to bury the past, pretending once it’s over we no longer need to think about it. [...] until we acknowledge and come to terms with the

past we'll keep believing in a dangerous and deadly kind of innocence [...]” (Purdy, 1998: 12-13).

O autor afirma ainda ilustrar este facto no romance *Nightland*, pois Will vive num rancho repleto de objectos escondidos no subsolo. Nesta esfera a escrita de Owens é uma espécie de exumação das verdades relativas à identidade e pontos de vista nativos. Como realça Chris Lalonde (1998), a escrita provocativa e corrosiva de Louis Owens força os leitores a prestarem atenção a vozes distintas, a ouvi-las e comentá-las desde a ideologia de fronteira até à modernidade em vez de aceitarem passiva e acriticamente a mensagem implícita na linguagem da cultura dominante expressa em textos, a qual continua a silenciar e a enterrar a voz das variadas comunidades nativas existentes no país:

American writers like Louis Owens are writing back to the center from the provocative and liberating liminality of the reformulated frontier, then it behoves us to pay attention to those voices, hear them, and comment on them from the ideology of the frontier, that place where cultures and communities come into contact and hybridization is frequently the result, rather than merely using the language of the center to appropriate the texts, and thus continue to silence and bury Native peoples. (Lalonde, 1998: 3)

Owens desafia a hegemonia narrativa branca, não se limitando a colocar os nativos no centro dos seus textos, mas escolhendo para seus protagonistas personagens integradas com sucesso no mundo não-nativo, nos casos de Tom Joseph e Cole MacCurtain em estruturas universitárias, mas a quem falta uma componente fundamental da sua identidade, que procuram alcançar em projectos individuais de reconstrução da sua harmonia psicológica. Margaret Dwyer lê a obra de Owens não como um ajuste de contas com a história, mas sim como um exercício democrático onde nenhuma voz tem supremacia:

Like many of the works by Chippewa writer Gerald Vizenor, Owens' works are forward-looking, beyond the frequently used issues of poverty, alcoholism and the victimization of Native peoples. Instead, myths, cultures, and autobiography mix on a dynamic frontier in which no voice dominates. Unwilling to simply offer up a work in which Choctaw spice flavours a complex, frequently humorous murder mystery, Owens appropriates and subverts the colonists' canonized literature. (Dwyer, 1998: 49)

A obra de Owens introduz uma voz criteriosamente descentralizada, forçando todos os leitores sem exceção a colocarem-se numa posição marginal, dado não existir uma consciência central privilegiada em relação às demais. No entanto, não é possível almejar este plano igualitário sem antes se encontrar uma voz própria capaz de perfurar a espessa cortina das ilusões, dos fumos e espelhos existente na sociedade americana onde a multiculturalidade é uma realidade aparente, tal como fez o autor. Por outras palavras, Owens transmite a necessidade dos falantes, neste particular os nativos, se apropriarem da palavra e a modularem com a sua intenção expressiva, semântica e enfática, adaptando-a aos seus propósitos. Contudo, como indica Bakhtin (1934/1998) este processo não é fácil, apropriarmo-nos das palavras que estão ao serviço das intenções de outras pessoas implica necessariamente resistência, a sua expropriação e posterior submissão à nossa vontade é algo difícil e complicado de alcançar.

Conhecedor do poder intrínseco do discurso, Owens escreve com o intuito de colocar os nativos em pé de igualdade com todos os restantes cidadãos do continente americano. Uma das mais importantes mensagens, senão a mais importante de todas, é a urgência impreterível de nivelar as diferenças destes dois grupos e aludir para o facto da mescla intercultural contemporânea ser uma realidade inelutável. *Bone Game* serve de exemplo a esta evidência, quando Luther e Cole são informados de que o filho do homem assassinado que persegue o protagonista nos seus sonhos é o resultado duma ligação inter étnica. Segundo Bakhtin (1934/1998), a linguagem tem efectivamente a capacidade de proporcionar a igualdade entre falantes, podendo simultaneamente

eliminar as diferenças de cariz racial. Neste contexto é interessante notar a afirmação do crítico russo quanto à multiplicidade vocal como um pré-requisito deste género literário:

The novel can be defined as a diversity of social speech types, sometimes even diversity of languages and a diversity of individual voices, artistically organized. The internal stratification of any single national language into social dialects, characteristic group behaviour, professional jargons, generic languages, languages of generations and age groups, tendentious languages, languages of the authorities, of various circles and of passing fashions, languages that serve the specific socio-political purposes of the day, even the hour [...] – this internal stratification present in every language of its historical existence is the indispensable prerequisite for the novel as a genre. (Bakhtin, 1934/1998: 32)

A pluralidade vocal é exactamente aquilo com que o leitor é presenteado ao ler os romances escritos por Owens, o autor não retira a centralidade da voz branca habitualmente hegemónica para conferir supremacia absoluta à voz nativa, em vez disso é criada uma atmosfera onde ambas coexistem em harmonia e nenhuma detém um estatuto superior. Mesmo em termos culturais não há uma centralidade acentuada, as personagens são livres de comentar sobre o material etnográfico usado pelo autor na construção do texto. A título exemplificativo pode ter-se em consideração *The Sharpest Sight*, onde para além das normais referências ao contexto nativo-americano pode também observar-se a comunidade mexicana-americana de Mundo Morales a ser examinada, a interpretação niilista de Jessard Deal relativamente ao pensamento cultural euro-americano e até as próprias personagens a questionarem o texto em si, quando Luther afirma “I wonder if Onatima ain’t got those words backwards. It’s a tricky language” (p. 111). Poder-se-á ainda dizer que a intertextualidade presente na obra de Owens permite aos membros das diferentes raízes culturais comentarem e reverem as atitudes e valores uns dos outros, bem como das suas respectivas comunidades.

Owens apropria-se da voz normalmente existente no romance policial clássico e *hard-boiled*, reconfigurando e inovando as linhas estruturais dessas narrativas, de forma

a criar textos onde nenhuma voz é central ou marginal e todas têm o direito de expor os seus argumentos. Às personagens que povoam esta nova ficção policial de substrato nativo, é dada a oportunidade de falarem sobre si mesmos, sobre as suas culturas, tradições e hábitos.

Conclusão

Na mais recente vaga de escritores oriundos das várias nações nativas, destaca-se o nome de Louis Owens. Os textos deste autor colocam desde logo um problema de classificação – estaremos efectivamente perante literatura policial ou não. Segundo o próprio Owens, a sua obra está enquadrada no género. No âmbito desta dissertação, considera-se igualmente que sim, apesar de à luz dos pressupostos formulaicos isso poder ser muito questionado, mesmo se atendermos a definições minimalistas como a de Stefano Tani (1984). Na obra de Owens falta o primeiro ponto descrito pelo crítico italiano, já que formalmente não existe nenhum detective.

Nas narrativas de Louis Owens, há uma pluralidade de vozes em posições de centralidade, apesar de existir um protagonista (no caso de *Nightland* dois) há igualmente todo um conjunto de figuras heróicas, sem as quais a personagem principal nunca se realizaria social e psicologicamente. Assim, não é surpreendente o facto de também existir uma descentralidade e uma desvalorização em relação à pedra basilar do policial clássico e *hard-boiled* – o detective. A informação necessária para a compreensão dos crimes, sejam eles cometidos contra pessoas ou contra a natureza, surge através de terceiros e não como consequência duma investigação levada a cabo pelo(s) protagonista(s). Outro dos aspectos mais relevantes da estratégia narrativa do corpus literário de Owens analisado, é a adopção de métodos não-rationais como veículo de acesso ao conhecimento, o que torna o saber adquirido através de sonhos e visões tão respeitável como o saber racional e lógico.

Por outro lado, a obra de Owens insere-se num recente impulso *postindian*, dissociando-se assim do estereótipo aludido em epígrafe no primeiro capítulo. Este facto, traz à consideração a necessidade de reavaliar a imagem do cidadão nativo contemporâneo.

Conclusão

Para responder às questões que conduziram à realização desta dissertação foi necessário perspectivar a ficção policial de acordo com as suas disposições reconhecidamente rígidas para se compreender onde reside a sua atracção para autores como Tony Hillerman, Carole Lafavor e Louis Owens, chegando-se à conclusão que é exactamente o seu timbre formulaico o fomentador da sua maleabilidade. Torna-se relativamente fácil para autores cuja literatura apresenta um cariz étnico, instrumentalizar as regras do policial e pô-las ao serviço das suas intenções, visto serem bem conhecidas, largamente aceites por críticos e leitores e facilmente subvertidas. Para mais, a segurança oferecida ao autor por este género literário em poder controlar a voz legitimadora da narração, aliada à acessibilidade desta fórmula a todo o tipo de leitor, torna este género muito apelativo para os escritores que por ascendência ou afinidade estão ligados a minorias étnicas ou sexuais. Contudo, como se referirá adiante em detalhe, Hillerman e Lafavor optam por uma instrumentalização mais conservadora, adaptando em certa medida o substrato das convenções tradicionais, enquanto que Owens faz uma abordagem manifestamente mais ousada, adaptando o género a necessidades e narrativas mais inovadoras.

A evolução da nação norte-americana sempre caminhou a par e passo, desde o primeiro dia, com as tribos nativas, resultando numa interacção que, como se constata na parte inicial do trabalho se pauta por uma falta de equidade notória normalmente prejudicial aos últimos, conduzindo-os em última análise à condição de proscritos dentro do seu próprio país, por julgar-se estarem fora da esfera da civilização, personificada pela comunidade maioritária branca. Contudo, reconhece-se o facto duma esmagadora maioria de nativos-americanos ter optado por viver nas reservas tribais de sua livre vontade e não por mera imposição de foro politico-legislativo governamental.

Neste particular, salienta-se o sentimento de apego dos nativos a estes espaços físicos que sentem como seus e onde podem levar uma vida de acordo com um número significativo de tradições ancestrais. Para mais, sendo as reservas lugares autónomos aos olhos das leis estaduais, regendo-se apenas pelas leis federais, permitem às tribos um grau de independência política e financeira que permite a manutenção de estruturas sociais próprias vitais para o seu desenvolvimento, especialmente na área da educação e da saúde.

Revista a componente sociológica, necessária para enquadrar a restante dissertação, redireccionou-se o enfoque para o campo literário, nomeadamente o da ficção policial, aquele verdadeiramente importante no âmbito desta dissertação.

O romance policial ganha destaque de nível mundial com o surgimento do mais conhecido de todos os detectives – Sherlock Holmes, pelas mãos de Conan Doyle. O poder quase divino deste herói assegura o leitor quanto à reposição da verdade e consequente captura do criminoso; porém quando este formato viaja para o outro lado do Atlântico perde muita da sua popularidade, visto não dar resposta aos crescentes anseios de uma sociedade confrontada com criminosos de outra índole, especialmente o crime organizado e a corrupção em altas esferas sociais. Apesar de algumas tentativas por parte de autores como S.S. Van Dine, Ellery Queen e Rex Stout, a transposição da vertente britânica de traço *genteel* de inspiração Holmesiana nunca se concretizou em pleno nos Estados Unidos.

Dashiell Hammett e posteriormente Raymond Chandler instituem um novo tipo de escrita policial totalmente americana, mostrando um novo espaço, uma nova estirpe de criminosos e um novo detective, não se limitando a adaptar a fórmula clássica a um contexto completamente distinto; estava criada a vertente policial de raízes norte-americanas – o *hard-boiled*. As diferenças dos dois estilos residem no espaço

geográfico, mas principalmente no detective, que passa de *gentleman* amador a detective profissional com baixo estatuto social, do raciocínio intelectualizado para a aptidão física e conhecimento das ruas, da resolução do crime privado para a resolução do crime que faz parte de grandes redes corruptas e do absoluto restabelecimento da ordem moral e social para um desfecho onde subsiste a frustração de saber que o crime deixou marcas irreversíveis e é sintomático de crimes mais vastos que permanecem incólumes.

Por outro lado, a imagem literária do nativo-americano deriva quase invariavelmente de outro género, igualmente formulaico e popular, o western, o qual viria a perpetuar muitos dos mitos institucionalizados acerca dos nativos-americanos, que frequentemente eram descritos como guerreiros selvagens a cavalgar pelas planícies com o pôr-do-sol atrás de si e considerados uma raça inferior à luz dos padrões culturais definidos pela comunidade dominante branca. A revisão de estereótipos estende-se também à literatura considerada formulaica e popular que acompanha, a partir dos anos setenta, o impulso multicultural que se faz sentir em todas as esferas da sociedade norte-americana.

O policial atrai inúmeros autores de origem étnica ou ligados a ela com o intuito de apresentar uma paisagem cultural alternativa. A nova ficção nativa-americana vem mudar o paradigma vigente, quebrando laços do passado e paralelamente incorporando novas vozes e novas visões da fronteira. No imaginário duma vasta maioria de leitores, assim como de críticos, o romance policial nativo-americano tem como pioneiro Tony Hillerman, pois deve-se a ele a criação do detective nativo-americano⁴². Obviamente

⁴² Destaca-se o facto de autores de ascendência afro-americana terem sido pioneiros, antes de Hillerman, a explorar as potencialidades do género. Por outro lado, fora das fronteiras americanas o mesmo sucedia com autor australiano Arthur Upfield (1890-1964), cujo detective é o inspector Napoleão Bonaparte (Bony), que já no início do século XX produzia narrativas policiais onde eram reflectidas as vivências aborígenes. Segundo o próprio Hillerman, na entrevista dada a Rosemary Herbert (1996), Upfield é um dos modelos inspiradores da sua narrativa.

Hillerman confere um cunho pessoal a esta fórmula, principalmente pela perspectiva única incorporada nos seus textos, através de experiências e valores Navajo, orgânicos ao crime e à sua resolução. Porém, estas visões não são aproveitadas na sua plenitude, especialmente no campo do saber não-racional; os incidentes que parecem não ter qualquer explicação de acordo com a lógica ocidental, acabam invariavelmente a ser apresentados como explorações da mitologia Navajo por parte dos infractores brancos para esconder a sua culpa. Hillerman parece adaptar a visão do mundo tida pelos Navajo aos códigos do policial inserindo-a num universo de tal forma ordenado que torna a estrutura das suas histórias reminiscentes do modelo de cariz clássico. Eventualmente, e a tomarem-se como certas as palavras de Martin Greenberg, a intenção de Hillerman consiste na coabitação harmoniosa entre as regras clássicas e a introdução de novas abordagens que não choquem com as anteriores, muito ao encontro do conceito de vida fundamental para os Navajo – hozho: “Though constantly trying new approaches and growing as a writer, Hillerman has never renounced his adherence to the pattern and rules of classical detective fiction” (Greenberg, 1994: 61).

Na mesma linha de Hillerman enquadra-se Carole Lafavor. Esta escritora é igualmente pioneira na sua apropriação do género, pois para além de apresentar o habitual cenário da reserva onde se enfatizam os choques culturais entre brancos e ameríndios em enredos subordinados a temas também recorrentes – a introdução de droga nas reservas, a exploração territorial por parte de companhias petrolíferas, o roubo de artefactos religiosos ou o conflito entre o desejo de permanecer nativo ou tentar a sorte no mundo branco; a mesma apresenta um detective cujas características o tornam único quando comparado com os demais; a saber, o facto de ser mulher, nativa e lésbica. Ainda assim, tal como Hillerman, Lafavor mostra-se pouco ousada quanto às possibilidades subversivas oferecidas pelo perfil psicológico conferido por si à sua

protagonista. Dificilmente se compreende a quase inexistência de referências nos romances a conflitos entre a detective e o mundo exterior, e particularmente no seio da sua própria tribo motivados pela sua singularidade. Esta concatenação de cenários, porventura utópicos, mostra a vontade de Lafavor em manter Renee Laroche livre de quaisquer tensões adicionais, a funcionar quase como uma mediadora entre culturas, à luz do constatado pelos Macdonald em relação a detectives pertencentes a comunidades minoritárias – “ [...] non-mainstream detectives [...] act as links between cultures, interpreting each to each, mainstream to minority and minority to mainstream” (Macdonald, 1999: 60).

Claramente mais transgressivo em comparação com Hillerman e Lafavor é Louis Owens. A ficção de Owens denota um carácter subversivo de grande dimensão; a inversão dos paradigmas é tal que atendendo a Todorov (1977) estaríamos perante um género híbrido de literatura. Owens não se limita a fazer convergir elementos nativos com regras clássicas, ele cria algo diferente de cariz manifestamente singular e descentralizado. Por outro lado, Owens apresenta personagens que escapam ao paradigma da vitimização já aludido por Gerald Vizenor (*Fugitive Poses*, 1998: 12), usando estratégias narrativas marcadamente postindian, como é, por exemplo, o uso de protagonistas nativos contemporâneos, Tom Joseph e Cole MacCurtain, perfeitamente integrados na urbe social branca, nomeadamente no mundo académico.

Owens arrebatada para si uma voz própria embebida de simbologias e códigos que tornam marginais os princípios ideológicos de qualquer leitor, especialmente o branco-americano. Na prática, Louis Owens transporta para o papel os desejos de muitos dos escritores étnicos, notem-se as palavras de Maureen Reddy:

A number of writers of color speak in interviews about [...] their desire to create an “authentic” or “true” voice in that genre for a person of their own race/ethnicity, asserting that the genre has been missing such a voice. (Reddy, 2003: 48)

Embora com as diferenças aqui explanadas Hillerman, Lafavor e Owens tentam à sua maneira evidenciar os problemas sentidos e as virtudes das nações nativas, nomeadamente daquelas por si representadas, através de uma fórmula narrativa bastante apreciada pelo público leitor pelo conforto psicológico que proporciona. A aparente rigidez do policial, esconde uma maleabilidade suficientemente lata para abarcar diversas estratégias de inovação e conter vários graus de subversão, estendendo as balizas do género muito para além do delimitado pelos seus pressupostos convencionais.

A plasticidade da ficção policial, aliada à facilidade com que pode ser apropriada, permite aos autores aqui discutidos, bem como a outros autores de ascendência nativa, reverem aspectos históricos das nações tribais e principalmente da imagem tida pela comunidade branca em relação aos americanos nativos contemporâneos.

Bibliografia

Bibliografia Primária:

- HILLERMAN, Tony, *Skeleton Man*, Nova Iorque: HarperTorch, 2004
- -----, *The Sinister Pig*, Nova Iorque: HarperTorch, 2003
- -----, *Hunting Badger*, Nova Iorque: HarperTorch, 1999/2001
- -----, *Sacred Clowns*, Nova Iorque: HarperTorch, 1993/2001
- -----, *Coyote Waits*, Nova Iorque: HarperTorch, 1990/2002
- -----, *Talking God*, Nova Iorque: HarperTorch, 1989/2002
- -----, *A Thief of Time*, Nova Iorque: HarperTorch, 1988/2000
- -----, *Skinwalkers*, Nova Iorque: HarperTorch, 1986/2002
- -----, *The Ghostway*, Nova Iorque: HarperTorch, 1984/2002
- -----, *People of Darkness*, Nova Iorque: HarperTorch, 1980/2000
- -----, *Listening Woman*, Nova Iorque: HarperTorch, 1978/2002
- -----, *Dance Hall of the Dead*, Londres: Orion Books, 1973/2002
- -----, *The Blessing Way*, Nova Iorque: HarperTorch, 1970/2002
- LAFAVOR, Carole, *Evil Dead Center*, Nova Iorque: Firebrand Books, 1997
- -----, *Along the Journey River*, Londres: The Women's Press, 1996/1997

- OWENS, Louis, *Nightland*, Nova Iorque: Dutton Signet, 1996
- -----, *Bone Game*, Norman: University of Oklahoma Press, 1994
- -----, *The Sharpest Sight*, Norman: University of Oklahoma Press, 1992
- -----, *Wolfsong*, Norman: University of Oklahoma Press, 1991/1995

Bibliografia Secundária:

- ANZALDUA, Gloria, “Borderlands / La Frontera”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1987/1998, pp. 887-902
- APPIAH, Anthony, “Topologies of Nativism”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1992/1998, pp. 945-957
- BAKERMAN, Jane S., “Cutting Both Ways: Race, Prejudice, and Motive in Tony Hillerman’s Detective Fiction”, in *Melus*, 11, 1984, pp.17-25
- BAKHTIN, Mikhail, “Discourse in the Novel”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1934/1998, pp. 32-44
- BERNARDIN, Susan, “Wilderness Conditions: Ranging for Place and Identity in Louis Owens’ *Wolfsong*”, in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, pp. 85-100

- BHABHA, Homi, “The Location of Culture”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994/1998, pp. 936-944
- BOILEAU, Pierre and Thomas Narcejac, *Le Roman Policier*, Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1975
- BOTELHO, Teresa, “Spatial and Racial Navigations of an African-American Gumshoe: Easy Rawlins’ Lonely Search for an American Home”, in *Intertextual Dialogues: Travels and Routes*, Braga: Universidade do Minho, 2005, pp. 149-164
- BROWNE, Ray B., *Murder on the Reservation: American Indian Crime Fiction*, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2004
- CAWELTI, John G., *The Six-Gun Mystique Sequel*, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999
- -----, *Adventure, Mystery, and Romance: Formula Stories as Art and Popular Culture*, Chicago: University of Chicago Press, 1976
- CHANDLER, Raymond, *The Long Goodbye*, Nova Iorque: Vintage Books, 1954/1992
- -----, *The Simple Art of Murder*, Nova Iorque: Vintage Books, 1944/1988
- -----, *Chandler Stories & Early Novels*, Ed. By The Library of America, Nova Iorque: Penguin Putnam, 1995
- CHRISTIE, Agatha, *Murder on the Orient Express*, Nova Iorque: Berkley Books, 1934/2000

- -----, *The Murder of Roger Ackroyd*, Nova Iorque: Berkley Books, 1926/2000
- COHEN, Michael, “The Detective as Other: The Detective versus the Other”, in *Diversity and Detective Fiction*, Ed. By Kathleen Gregory Klein, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999, pp. 144-157
- CONLEY, Robert J., *The Cherokee Nation: A History*, Albuquerque: University of New Mexico Press, 2005
- COOLIDGE, Dane and Mary Roberts Coolidge, *The Navajo Indians*, Boston: Houghton Mifflin Company, 1930
- DEBO, Angie, *The Rise and Fall of the Choctaw Republic*, Norman: University of Oklahoma Press, 1982
- DOYLE, Arthur Conan, *The Complete Sherlock Holmes*, Ed. By Gramercy Books, Nova Iorque: Random House, 2002
- DUBOIS, W. E. B., “The Souls of Black Folk”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1903/1998, pp. 868-872
- DWYER, Margaret, “The Syncretic Impulse: Louis Owens’ use of Autobiography, Ethnology, and Blended Mythologies in *The Sharpest Sight*”, in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, pp. 46-65
- FINGER, John R., *Cherokee Americans: The Eastern Band of Cherokees in the Twentieth Century*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1991
- FOUCAULT, Michel, *The History of Sexuality: An Introduction*, Nova Iorque: Vintage Books, 1976/1990

- -----, *The Archaeology of Knowledge and The Discourse on Language*, Nova Iorque: Pantheon Books, 1969/1982
- FREESE, Peter, *The Ethnic Detective: Chester Himes, Harry Kemelman, Tony Hillerman*, Essen: Die Blaue Eule, 1992
- GOSSELIN, Adrienne Johnson, *Multicultural Detective Fiction: Murder from the "Other" Side*, Nova Iorque: Garland Publishing, 1999
- GREENBERG, Martin, *The Tony Hillerman Companion: A Comprehensive Guide to his Life and Work*, Nova Iorque: HarperPaperbacks, 1995
- HAMMETT, Dashiell, *Hammett Complete Novels*, Ed. By The Library of America, Nova Iorque: Penguin Putnam, 1999
- HAUSMAN, Gerald, *Meditations with The Navajo: Prayers, Songs, and Stories of Healing and Harmony*, Vermont: Bear & Company, 2001
- HEIDEGGER, Martin, "Identity and Difference", in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1957/1998, pp. 370-371
- HELSTERN, Linda Lizut, "Nightland and the Mythic West", in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, 66-84
- HERBERT, Rosemary, *Whodunit: A Who's Who in Crime & Mystery Writing*, Nova Iorque: Oxford University Press, 2003
- -----, *The Fatal Art Of Entertainment: Interviews with Mystery Writers*, Nova Iorque: Macmillan Publishing Company, 1996
- HILLERMAN, Tony, *Seldom Disappointed: A Memoir*, Nova Iorque: HarperCollins, 2001

- IRIGARAY, Luce, “The Power of Discourse and the Subordination of the Feminine”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1977/1998, pp. 570-573
- KENNEDY, Liam, “Black Noir: Race and Urban Space in Walter Mosley’s Detective Fiction”, in *Diversity and Detective Fiction*, Ed. By Kathleen Gregory Klein, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999, pp. 224-239
- KINSMAN, Margaret, “Different and Yet the Same: Women’s Worlds/Women’s Lives and the Classroom”, in *Diversity and Detective Fiction*, Ed. By Kathleen Gregory Klein, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999, pp. 5-21
- KLEIN, Kathleen Gregory, *Diversity and Detective Fiction*, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999
- KNIGHT, Stephen, *Crime Fiction 1800-2000: Detection, Death, Diversity*, Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2004
- -----, *Form and Ideology in Crime Fiction*, Londres: Macmillan Press, 1980
- KRUPAT, Arnold, *The Voice in the Margin: Native American Literature and the Canon*, Berkeley: University of California Press, 1989
- LALONDE, Chris, *Grave Concerns, Trickster Turns: The Novels of Louis Owens*, Norman: University of Oklahoma Press, 2002
- -----, “Preface”, in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, pp. 2-6
- LOCKE, Raymond Friday, *The Book of the Navajo*, Los Angeles: Mankind Publishing Company, 1989

- LUKÁCS, Georg, “The Historical Novel”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1937/1998, pp. 290-293
- MACDONALD, Andrew and Gina Macdonald, *Shaman or Sherlock?: The Native American Detective*, Westport: Greenwood Press, 2002
- -----, *Shape-shifting: Images of Native Americans in Recent Popular Fiction*, Westport: Greenwood Press, 2000
- -----, “Ethnic Detectives in Popular Fiction: New Directions for an American Genre”, in *Diversity and Detective Fiction*, Ed. By Kathleen Gregory Klein, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999, pp. 60-113
- MANDEL, Ernest, *Delightful Murder: A Social History of the Crime Story*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984
- McCRACKEN, Scott, *Pulp: Reading Popular Fiction*, Manchester: Manchester University Press, 1998
- MCLEOD, John, *Beginning Postcolonialism*, Manchester: Manchester University Press, 2000
- MURRAY, David, “Reading the Signs: Detection and Anthropology in the Work of Tony Hillerman”, in *Criminal Proceeding. The Contemporary American Crime Novel*, Ed. by Peter Messent, Londres: Pluto Press, 1997, pp.127-149
- OWENS, Louis, *Mixedblood Messages: Literature, Film, Family, Place*, Norman: University of Oklahoma Press, 1998/2001
- -----, *Other Destinies: Understanding the American Indian Novel*, Norman: University of Oklahoma Press, 1992/1994

- PADGET, Martin et al., *Beginning Ethnic American Literatures*, Manchester: Manchester University Press, 2001
- PEPPER, Andrew, *The Contemporary American Crime Novel: Race, Ethnicity, Gender, Class*, Edimburgo: Edinburgh University Press, 2000
- -----, “Bridges and Boundaries: Race, Ethnicity, and the Contemporary American Crime Novel”, in *Diversity and Detective Fiction*, Ed. By Kathleen Gregory Klein, Ohio: Bowling Green State University Popular Press, 1999, pp. 240-259
- POE, Edgar Allan, *Complete Tales & Poems of Edgar Allan Poe*, Ed. By Vintage Books, Nova Iorque: Random House, 1975
- PRONZINI, Bill and Martin Greenberg, *The Ethnic Detectives: Masterpieces of Mystery Fiction*, Nova Iorque: Dodd Mead, 1985
- PROPP, V., “Morphology of the Folktale”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1928/1998, pp. 28-31
- PURDY, John, “Clear Waters: A Conversation with Louis Owens”, in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, pp. 7-24
- PYRHÖNEN, Heta, *Murder From an Academic Angle: An Introduction to the Study of the Detective Narrative*, Columbia: Camden House, 1994
- RASKIN, Richard, “The Pleasures and Politics of Detective Fiction”, in *Clues: A Journal of Detective Fiction*, 13, 1992, pp.71-113
- REDDY, Maureen T., *Traces, Codes and Clues: Reading Race in Crime Fiction*, New Brunswick: Rutgers University Press, 2003

- RIVKIN, Julie and Michael Ryan, *Literary Theory: An Anthology*, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998
- SAID, Edward, “Orientalism”, in *Literary Theory: An Anthology*, Ed. by Julie Rivkin and Michael Ryan, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1978/1998, pp. 873-886
- SCAGGS, John, *Crime Fiction*, Nova Iorque: Routledge, 2005
- SCHWENINGER, Lee, “Landscape and Cultural Identity in Louis Owens’ *Wolfsong*”, in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, pp. 101-119
- SHERMAN, Josepha, *Indian Tribes of North America*, Londres: Tiger Books International, 1996
- SHKILNYK, Anastasia M., *A Poison Stronger than Love: The Destruction of an Ojibwa Community*, New Haven: Yale University Press, 1985
- SILVA, Sandra Faiman, *Choctaws at the Crossroads: The Political Economy of Class and Culture in the Oklahoma Timber Region*, Lincoln: University of Nebraska Press, 2000
- SYMONS, Julian, *Bloody Murder: From the Detective Story to the Crime Novel*, Harmondsworth: Penguin Books, 1972/1985
- TANI, Stefano, *The Doomed Detective: The Contributions of the Detective Novel to Postmodern American and Italian Fiction*, Carbondale: Southern Illinois University Press, 1984
- TANNER, Helen Hornbeck, *Indians of North America: The Ojibwa*, Filadélfia: Chelsea House Publishers, 1992

- TEAGUE, David, *The Southwest in American Literature and Art: The Rise of a Desert Aesthetic*, Tucson: University of Arizona Press, 1997
- TEMPLETON, W., “Xojo and Homicide: The Postcolonial Murder Mysteries of Tony Hillerman”, in *Multicultural Detective Fiction: Murder from the “Other” Side*, Ed. By Adrienne Johnson Gosselin, Nova Iorque: Garland Publishing, 1999, pp. 37-59
- TODOROV, Tzvetan, *The Poetics of Prose*, Nova Iorque: Cornell University Press, 1977
- VAN DINE, S. S., “ Twenty Rules for Writing Detective Stories”, in *American Magazine*, Setembro, 1928
- VENUTO, Rochelle, “*Bone Game’s* Terminal Plots and Healing Stories”, in *Studies in American Indian Literatures*, 10.2, 1998, pp. 25-45
- VIZENOR, Gerald and A. Robert Lee, *Postindian Conversations*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1999
- -----, *Fugitive Poses: Native American Indian Scenes of Absence and Presence*, Lincoln: University of Nebraska Press, 1998
- -----, *Native American Literature: A Brief introduction and Anthology*, Nova Iorque: HarperCollins, 1995
- WALTON, Priscilla L. and Manina Jones, *Detective agency: Women Rewriting the Hard-Boiled Tradition*, Berkeley: University of California Press, 1999
- WARREN, William, *History of the Ojibway People*, ST. Paul: Minnesota Historical Society Press, 1885/1984

- WOODWARD, Grace Steele, *The Cherokees*, Norman: University of Oklahoma Press, 1963
- ZOLBROD, Paul G., *Diné Bahané: The Navajo Creation Story*, Albuquerque: University of New Mexico Press, 1984